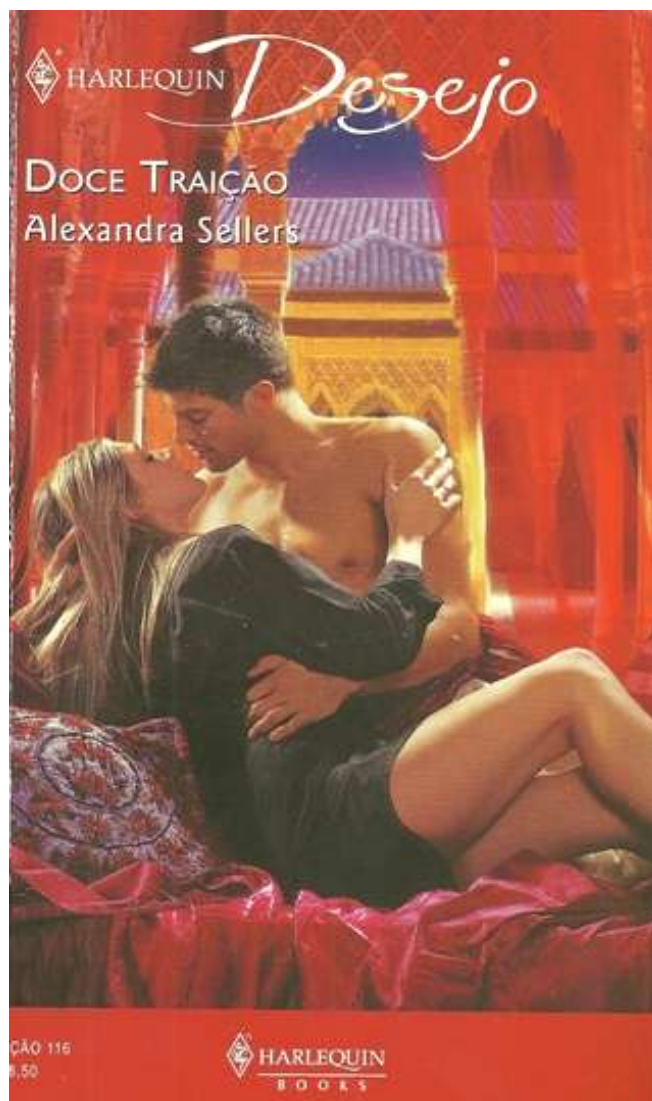


DOCE TRAIÇÃO

Sheikh's Betrayal

Alexandra Sellers



O que teria trazido Desiree Drummond ao desértico país do sheik Salah Al Khouri? Ele sabia que ela possuía motivos ocultos. Afinal, não fora sempre assim? Ele a havia deixado escapar antes, mas não cometeria o mesmo erro duas vezes. Um pedido desesperado havia levado Desiree de volta a Salah. Embora o homem que a olhava com olhos tão frios fosse muito diferente do jovem galante por quem se apaixonara, ela lutaria por seu objetivo: impedir seu casamento de conveniência... a qualquer custo!

Digitalização e Revisão: Crysty

Projeto Revisoras



Tradução *Maria Claudia C. F. Souza*

**HARLEQUIN
BOOKS
2010**

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SHEIKH'S BETRAYAL

Copyright © 2009 by Alexandra Sellers

Originalmente publicado em 2009 por Silhouette Desire

Arte-final de capa: núcleo i designers associados

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISKBANCAS: (55XX 11)2195-3186/2195-3185/2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

Havia dois oficiais de imigração no controle de passaportes e uma fila curta de viajantes à frente de cada um. Um homem estava de pé atrás de uma das mesas, esquadrinhando os rostos dos passageiros que desembarcavam. Sua vigilância silenciosa era o centro do movimento geral, como se a cena, de alguma forma, girasse em torno dele.

Ele olhou diretamente para Desi, e ela sentiu um sinal de aviso. Ela estava de óculos escuros, mas, mesmo assim, virou a cabeça para evitar o olhar dele. Com o passaporte e o cartão de desembarque na mão, ela entrou na outra fila e não o olhou novamente.

Bastou, porém, uma olhadela para que a imagem dele se fixasse em sua mente: moreno como o deserto e de feições ásperas, vestindo um *caftan* de algodão branco impecável sob um albornoz solto, trazendo na cabeça o pano tradicional chamado *keffiyeh*. Uma boca cinzelada. Faces que pareciam esculpidas nas rochas que ela sobrevoara no deserto, com uma cicatriza sobre uma das maçãs do rosto.

— Passaporte, por favor — disse uma voz, e Desi voltou a si. Deu um passo para frente e entregou o passaporte. Estava com os nervos à flor da pele.

Desirée Drummond. Ele leu o nome sem um lampejo de reconhecimento, e ela se acalmou um pouco.

— Tire os óculos, por favor.

Ela teve de obedecer. Prendeu a respiração enquanto os olhos do agente passavam por seu rosto, subitamente interessados. Soltou o ar lentamente quando ficou claro que ele também não reconheceu seu rosto. Ele pegou o carimbo oficial e folheou o passaporte, já todo carimbado, procurando uma página vazia.

— Qual o propósito da visita?

— Prazer. — "Que mentira!", ela disse a si mesma. "Prazer é a última coisa que espero dessa pequena excursão." Depois, desacostumada a mentir, acrescentou um detalhe. — Sou estudante de arqueologia. Vou visitar uma escavação.

— Escavazau? — Ele obviamente estava gostando de ter um pretexto para prolongar a conversa. Talvez não a tivesse reconhecido, mas claramente gostava do que via. — O que é escavazau?

— Oh... é um ... lugar onde encontram uma cidade antiga ou alguma coisa e... arqueólogos, sabe, eles escavam para descobrir fatos históricos.

Os olhos dele se arregalaram, subitamente atentos, e Desi se maldisse. Por que tinha falado demais?

— Onde é a escavação? — ele perguntou, com a voz de um homem determinado a não deixar que a beleza dela o distraísse de seu dever.

— Oh! — Desi riu, sem jeito. — Eu realmente não sei. Alguém vem me encontrar...

— Carimbe o passaporte — uma voz grave comandou em árabe, e ambos levantaram a cabeça, surpresos.

Ele. O homem que a estivera observando. Agora de pé ao lado do oficial de imigração e fitando Desi com um olhar negro que lhe provocava arrepios na espinha.

Depois, ela ofegou, virando a cabeça, num choque repentino. O rosto do estranho diante dela se dissolveu e se formou novamente. Seu coração pulou com um choque de mil volts.

— Não acredito — ela exclamou roucamente.

— Olá, Desi — ele disse, ao mesmo tempo.

— *Salah?*

Ele não parecia nada com o rapaz de que ela se lembrava. Parecia mais ter 40 anos do que 30. Havia linhas profundas em sua testa, uma cicatriz no alto de uma das faces e a boca, antes generosa, era dura e disciplinada. O peito e os ombros magros do rapaz tinham se desenvolvido com músculos adultos.

E essas eram apenas mudanças superficiais. Ele tinha uma aura de autoridade inquestionável, um homem acostumado a comandar e ser obedecido. O poder exalava dele, distorcendo o ar que o cercava.

Porém, era a aspereza e a desilusão fria por trás dos olhos que mais a chocaram.

Era Salah, mas ao mesmo tempo não era Salah. Ela não podia imaginar como ele havia se transformado naquela pessoa. Ela olhava para um estranho.

Um estranho cujo nome, ela sabia, era Sua Excelência Salahuddin Nadim ibn Khaled ibn Shukri al Khouri, Companheiro de Copa do príncipe Omar dos Emirados Barakat, um dos doze homens mais influentes do governo.

O namorado de infância que ela viera ali para seduzir e trair.

CAPÍTULO UM

— *Baba é genheiro.*

Essa comunicação oferecida a Desirée por Samiha no primeiro dia das duas na escola era tão exótica que Desi ficou encantada e sentiu-se imediatamente ligada à sua nova amiguinha bonita, de olhos escuros. Desi logo aprendeu que *baba* significava papai, e que *genheiro* significava que ele viera à costa oeste para construir algo grande. Mas a magia não se desvaneceu.

Foi o primeiro dia de uma amizade para a vida inteira. Desi e Sami foram inseparáveis durante todo o tempo de escola. Passavam os verões juntas também, numa ilha próxima ao litoral da Colúmbia Britânica, onde o chalé da família Drummond era uma casa de fazenda cercada de anexos à beira de um lago.

Seus pais, ex-hippies, esperavam tornar o lugar uma moradia para o ano inteiro, cultivando sua própria comida e recebendo hóspedes no verão, para garantir o sustento no inverno. O projeto, porém, jamais gerou renda suficiente para que o pai pudesse largar o emprego na universidade e mudar a família permanentemente para Vancouver.

Todos os verões, Desi, o irmão e a irmã tinham permissão para convidar um amigo. Todos os anos, desde o primeiro, Desi levava Sami.

No verão em que Desi fez 9 anos, o primo de Sami, Salah, veio de Central Barakat para ficar com a família de Sami e aprimorar seu inglês. Salah tinha 12 anos, a mesma idade do irmão de Desi, Harry, e, por alguma razão já esquecida, Salah foi convidado para o chalé.

Salah e Harry ficaram amigos e, depois disso, todos os anos era dado como certo que Salah participaria da aventura do verão.

Salah era profundamente atraente, um rapaz fascinante. Naqueles primeiros verões, Desi o idolatrava e competia com ele, meio determinada a provar que era mais corajosa e esperta que qualquer garoto, meio desejando que Salah fosse amigo *dela*, e não do irmão.

Tais sentimentos formaram a base perfeita para algo mais profundo que não demorou a chegar. No final do verão em que completou 14 anos, Desi estava entrando na puberdade, e surgia uma nova atração entre ela e Salah. No verão seguinte, Salah não fez sua visita anual ao Canadá.

Durante aqueles dois anos, Desi amadureceu. Seus seios se formaram, a cintura apareceu, e ela cresceu cerca de 15 centímetros, quase tudo nas pernas. O rosto, antes docemente arredondado, adquiriu uma elegância memorável.

A jovem de 16 anos que recebeu seu antigo adversário no verão seguinte era alta, muito esbelta e de uma beleza diferente; tão diferente que tinha sido contratada por uma agência de modelos.

Quanto a Salah, aos 19 anos mostrava mais claramente o homem que seria: esbelto, mas forte, com ombros largos e magros, um olhar sombrio e intenso, e uma voz muito grave. Também era taciturno, indecifrável, e muito seguro de suas opiniões.

Claro que ela se apaixonou por ele. O amigo de infância que ela já adorava, transformado num herói romântico? Salah agora era muito bonito, sombriamente másculo. E muito mais maduro que os rapazes da escola. Sua integridade inocente era um contraste absoluto à malícia predatória masculina que o pai e os orientadores mantinham afastados dela no mundo dos modelos.

Ele claramente ficou caído pela nova Desi, cujos cabelos ondulantes se moviam mesmo quando ela estava parada, cuja pele cremosa resplandecia com uma promessa sensual, cujos biquínis exibiam a curva de seios pequenos e cheios, pernas fabulosas, um abdome liso e um traseiro firme.

Foi nesse ano que, por uma infeliz coincidência, tanto seu irmão Harry quanto sua amiga Sami faltaram às férias habituais na ilha. Sami tinha voltado aos Emirados Barakat para uma visita, e, no último momento, Harry tinha conseguido um emprego de verão. Ele só vinha à ilha por um eventual fim de semana.

Era natural que Desi e Salah passassem todo o tempo juntos.

Naquele verão, também, houve uma onda de calor, e talvez fosse por isso que os pais dela não notaram a reação química crescente que se formava entre eles, ou talvez fosse apenas pela atitude hippie de *laissez faire* dos pais; Desi nunca soube a razão.

No continente, havia incêndios florestais, mas nas ilhas, embora verdadeiras fogueiras durante o dia, felizmente chovia à noite. O dia amanhecia fresco, com a neblina se desfazendo sobre o lago, mas às 10h a temperatura ficava elevada, e às 11h a maioria dos hóspedes pagantes estava prostrada pelo calor.

Todos odiavam o calor; todos, menos Desi e Salah. Ele estava acostumado a tais temperaturas, e, quanto a Desi, ela sentia como se despertasse de uma vida inteira adormecida. O calor a energizava, fazia seu sangue cantar e seus músculos se flexionarem.

Não era apenas o calor, naturalmente, que a fazia sentir-se assim.

Tornaram-se inseparáveis. Recordando-se daquele verão, Desi se lembrava de dias iluminados e quentes que pareciam eternos e da alegria envolvente que sentia apenas por existir. Corriam juntos, nadavam juntos, conversavam, exploravam.

Claro que não deixavam de competir um com o outro. Mas isso apenas aumentava a intensidade, apimentava seus encontros, mantinha-os atentos.

— Salah?

Eles se entreolharam por um instante congelado, e, súbita e inexplicavelmente, as memórias ternas, doces e sensuais de uma década atrás começaram a derretê-la. O peito nu dele, aquecido pelo sol, contra a sua mão trêmula. Olhos negros cheios de amor e ânsia. A embriaguez do desejo que tentara tão nobremente resistir...

"Dê um beijinho nele. Precisa desequilibrá-lo logo de saída, antes que ele se controle completamente", ordenou-se.

Nem que fosse para salvar a própria vida Desi conseguiria se mexer. Não poderia ter beijado Salah nem para salvar o mundo. Tudo que podia fazer era ficar ali, com o olhar preso ao dele, imaginando como conseguiria fazer o que fora ali para fazer, enquanto a visão de ontem, de uma boca jovem e apaixonada e de olhos tensos de desejo, surgia para confundir a impressão de controle rígido e julgamento áspero que ela via no rosto dele agora.

Depois, aquela boca se mexeu.

— Quem você esperava?

— Não você.

Se ele esperava alguma coisa, não era que seu coração saltasse tão dolorosamente ao vislumbrá-la pela primeira vez. Esse fato o aborrecia tanto quanto a ousadia dela de estar ali. Isso presumia uma fraqueza dele, e ele não seria fraco com relação a ela. Já não era um menino à mercê de suas próprias necessidades, e das dela. Não seria manipulado pela sexualidade dela. Era um homem, como Desi logo descobriria.

A sobrancelha dela se elevou do jeito nervoso que ele lembrava. Os olhos dela estavam cinzentos como ardósia, como se a ansiedade os tivesse descorado. Ela possuía olhos de camaleão, fato que ele se lembrava bem. Jamais conhecera outra mulher cujos olhos mudassem de cor assim. Em sua memória, eram turquesa, de um tom profundo e rico como a pedra preciosa. Verdes, às vezes, quando ele e ela faziam amor à luz do dia... e, às vezes, esse cinzento rajado de verde.

— Eu também não a esperava — disse ele, de cara fechada.

— Então, quem veio receber aqui?

— Esperava que você mudasse de idéia. É o que deveria ter feito.

— Excelência — murmurou o funcionário, e Sua Excelência Salahuddin Nadim al Khouri voltou à realidade para tomar o passaporte da mão estendida. Um músculo se moveu em seu maxilar.

— Venha, Desi — ele disse, virando-se para ir à sua frente. Pronunciou o nome como sempre pronunciara, *Deezee*. As lembranças que isso suscitou agitaram os nervos dela. *Desi, amo você. Eu a amarei por mais tempo do que as estrelas no céu.*

Agora que aquele olhar se afastara, ela podia se mover. Acompanhou os passos dele, porém um pouco mais atrás. "Como uma boa esposa muçulmana", disse a si mesma, e, com um saltinho, alcançou-o.

Seu coração estava tumultuado, principalmente pelo modo como ele mudara. Era isso o que fazia o deserto? Era esse o tipo de homem que produzia? Feroz, duro... perigoso de se contrariar?

Mas ela precisava contrariá-lo. Estava ali para isso.

"Tenho certeza de que ele jamais me esqueceu. Provavelmente daria o braço direito pela oportunidade de beijar-me", continuou pensando.

Ela havia até acreditado que gostaria de acertar velhas contas com ele. Como era tola. Se alguém sofreria devido a esse encontro, não seria aquele homem fechado e orgulhoso.

Ele a levou através de uma porta e percorreram um corredor vazio num silêncio carregado. Ela tentou pensar em algo normal para dizer. Se ele ao menos perguntasse sobre o seu voo! Será que ele não sentia como o silêncio aumentava a tensão? Ou será que não se importava?

— Sobrevoamos o Deserto de Barakat — ela disse estupidamente, pois de que outra maneira o avião chegaria a Central Barakat? — Foi a primeira vez que vi um deserto assim! É tão... bem, *lindo* não é a palavra adequada. Diria, memorável...

Ele virou a cabeça e ela emudeceu quando o olhar dele colidiu com o seu.

— As pessoas têm reações fortes ao deserto — ele disse. — Mas, independente do que se sente por ele, o deserto não muda. É perigoso, quer seja amado, quer seja odiado.

A tentativa óbvia de intimidação irritou-a. Era o mesmo que ele dissesse: *sou perigoso, quer você me ame, quer me odeie.*

"E eu fiz ambos", Desi disse-lhe silenciosamente. "Porém, não mais. Faz muito tempo que já não sinto mais nada por você."

— Engraçado, o Ártico também — ela replicou em voz alta, porque os dois podiam fazer esse jogo de indiretas. — Seria melhor morrer congelado ou frito? O que acha?

Ele apertou os lábios.

— O melhor é sobreviver.

Por um instante, a cicatriz sobressaiu branca contra a pele esticada sobre o malar. Ia até acima da orelha e depois desaparecia nos cabelos escuros debaixo do *keffiyeh*.

— E acho que você deve saber — ela disse.

Salah tinha sido ferido. Por um instante ela reviveu a angústia avassaladora que a atingiu com aquelas palavras. Ficou espantada ao constatar como estava abalada por ver o perigo de morte que ele corria. A mão doeu subitamente, como se sentisse a necessidade de tocá-lo. Porém, não estava ali para aliviar qualquer ferimento de Salah.

— Sim — ele concordou.

Ao chegarem ao fim do corredor, um guarda uniformizado saudou-os e abriu a porta para eles. Salah parou para dar-lhe instruções, enquanto Desi saía para um sol ofuscante.

Parou.

— Minhas malas!

Salah prosseguiu sem parar.

— Venha — foi só o que disse.

O calor a atingiu como se fosse um ser vivo. Desi parou para respirar, pela primeira vez, o ar seco com aroma de laranja e um toque do cheiro de diesel de avião.

E, de repente, ali estava. No lugar onde ele prometera trazê-la fazia dez longos anos. No lugar pelo qual ansiara, acreditando que seria o seu lar. O deserto, ele lhe havia assegurado, onde os homens eram homens, onde a vida era vivida e o amor era amado com a maior intensidade. Onde a paixão fazia parte da natureza e da natureza humana.

Onde a sua paixão por ela jamais morreria.

Quantas vezes, sob sua orientação urgente e apaixonada, ela havia se imaginado no deserto, e quantas vezes, muito depois de não haver mais esperança, ela havia desejado e implorado que a vida tivesse sido diferente! Implorado ao destino que lhe permitisse refazer os passos que a tinham afastado de uma vida com ele. Dez longos anos depois, ela estava ali.

E daria um ano de sua vida para estar em qualquer outro lugar.

— *Tão quente* — ela exclamou. — São apenas 10h.

— Esta não é uma época boa para estrangeiros em Central Barakat — disse Salah.

— Por *estrangeiros*, quer dizer qualquer estrangeiro? Ou só eu?

— Você é tão diferente das pessoas comuns, Desi? A fama tornou-a tão fraca? — ele perguntou, mas não esperou por uma resposta. — Poucos estrangeiros vêm nessa época do ano, a não ser para trabalhar nos campos de petróleo. O mês que vem será mais fresco.

O mês que vem seria tarde demais. "Será o inferno na terra, Desi, mas se você não for agora, estarei perdida." Ela jamais esqueceria a mistura de raiva, tristeza e exaustão na voz de Sami, a voz de uma mulher à beira de um abismo, lutando para não cair.

Ela olhou para Salah, imaginando novamente o que levava o rapaz tão apaixonado de quem se lembrava se transformar no homem pronto para contemplar o que ele agora contemplava. Mas sua fisionomia fechada era impossível de decifrar.

Dez anos atrás, ela compreendia cada expressão em seu rosto; agora, ele era indecifrável. O que teria lhe feito isso? Seu ferimento? A própria guerra?

Uma limusine branca os esperava lá fora. Um motorista pulou para abrir a porta do carro. Enquanto ela entrava no carro com Salah, um funcionário do aeroporto chegou com suas malas, que foram colocadas no carro; as portas se fecharam e a limusine se pôs em movimento.

E, de repente, ela estava no último lugar do mundo onde desejaria estar: sozinha com Salah num espaço confinado.

CAPÍTULO DOIS

No auge da onda de calor, o pai de Desi a acompanhara a Vancouver para um compromisso profissional de dois dias. Detestando perder um minuto sequer com Salah, ela teria cancelado o compromisso, se ousasse. Sentia uma saudade desesperada de Salah e ansiava por voltar à ilha. Quando voltaram, foi Salah quem os recebeu no cais das barcas.

— Sua mãe está um pouco adoentada pelo calor — Salah explicou; porém, ao olhar para ele, Desi soube: ele teve de vir, não pôde esperar nem meia hora a mais para vê-la.

— Tem chovido desde que você partiu — ele lhe disse, e o coração de Desi disparou com o significado do que ele dizia,

— Vai querer contar a Salah sobre sua viagem — o pai disse. Então, ela se sentou na frente com Salah, enquanto o pai ficava no banco de trás, lendo o jornal. Mas eles não falaram muito. Havia uma conscientização aguda entre eles, tão poderosa que Desi sentia-se prestes a explodir.

A estrada parecia estar em brasa, e quando entraram na estrada de terra que levava ao chalé a poeira levantada parecia uma nuvem impenetrável.

— Igual ao meu país — disse Salah. — Igual ao deserto. E Desi semicerrou os olhos, sonhando que estava lá e que ele a levava através do deserto para a sua casa.

— Gostaria de poder vê-lo — ela sussurrou. — Deve ser lindo, o deserto.

— Sim, lindo. Como você.

Foi o mesmo que levar um soco no estômago. Ela jamais sonhara que o amor pudesse ser assim, essa falta de ar, cada célula do corpo prestes a explodir.

— Sou?

— Eu a levarei lá um dia — ele prometeu. — E então saberá como é linda.

— Sim — ela disse baixinho. Eles se fitaram nos olhos, e foi como se a promessa fosse selada com um beijo.

O beijo veio mais tarde, quando estavam sentados no cais depois de nadarem, olhando o pôr do sol que dourava o lago.

— No meu país, vou lhe mostrar um oceano de areia — ele disse. — Ao pôr do sol, as sombras são roxas e azuis. E é diferente a cada dia, porque o vento — como se diz — cria formas.

— Esculpe — ela ofereceu.

— Esculpe, sim. No deserto, o vento é um escultor. Eu queria ser um escultor, Desi — sussurrou Salah, e ergueu a mão para explorar a linha de sua têmpora, face, queixo, deslizando-a depois para seu pescoço, sob os cabelos molhados.

Era o primeiro beijo de Desi, e foi incrível e intensamente doce. Atingiu seu corpo como se mil bocas carinhosas o tocassem todo ao mesmo tempo. Com Salah inclinado sobre ela, as bocas fundidas, ela se derreteu sobre o cais, e a madeira aquecida pelo sol contra as suas costas acrescentou um pouco à sensação avassaladora que a invadia.

Sua mão se ergueu por conta própria para a pele tépida do peito dele, de seu ombro, e, um instante depois, Salah afastou a boca e olhou para Desi. O rosto dele era ouro e sombra, a coisa mais linda que ela já havia visto. Fitaram-se nos olhos.

— Desi, amo você — ele disse.

— Amo você, Salah — sussurrou ela. E tudo que os cercava era perfeição.

Ela nunca tinha visto um deserto antes. Seu cenário natural fora de montanhas e mar; desde a infância, jamais questionara a perfeição daquilo.

Até agora. Agora, passando por uma eternidade de areia parda, vagos tentáculos de saudade e desejo de pertencimento se estenderam da paisagem escura para dentro do veículo, para dentro dela, e envolveram seu coração.

— Então — disse Salah, numa voz áspera que imediatamente a trouxe de volta ao presente. — Então, Desi, finalmente vem ao meu país.

Ela sentiu a provocação e reprimiu o impulso de revolver a história de dez anos deles. — Bem, acho que você poderia... — Depois de dez anos, o que tem a me dizer?

— Não pedi que viesse me receber, e nada tenho a lhe dizer — ela replicou, esquecendo-se de Sami, esquecendo-se de tudo, menos de proteger-se.

— Mentira. Para que veio, se não para isso? Isso?

— Do que está falando? — ela perguntou.

Ele a olhou por um momento, elétrico, com os olhos ardendo, como se estivesse lutando contra algum impulso poderoso, e ela prendeu a respiração, aguardando o resultado.

— Sabe o que quero dizer.

Ela umedeceu os lábios.

— Seu pai não lhe disse por que estou aqui? Salah bufou.

— O trabalho de meu pai! Nem o oficial de imigração engoliu isso. Por que vem a mim agora? O que quer? O que espera que eu possa lhe dar? Veio tarde demais.

Ela não conseguia acreditar. O que era o tempo, então? Dez anos desde a última vez em que se falaram, mas ali estavam, recomeçando a discussão como se nem uma hora tivesse passado.

— Não quero nada de você! Quem lhe disse que eu queria?

Ele lhe arrancou os óculos escuros, atirando-os no banco entre eles.

— Não se esconda por trás da escuridão, mentindo para mim.

— O que acha que está fazendo? — Ela agarrou os óculos, tentando abrir as hastes.

— Quando as mulheres cobrem os cabelos, é para proteger a modéstia. Quando cobrem os olhos, é para esconder a falsidade.

Era impossível recolocar os óculos depois disso, e impossível ficar sem eles. Ela o olhou, furiosa.

— E quando os homens acusam as mulheres, é para evitar enfrentar a própria culpa. O que você quer?

— Descobriremos. Mas eu não fui a você, Desi. Você veio a mim.

— Está cultivando um ego napoleônico, Salah. Vim ao *seu país*.

A pele do rosto dele se apertou.

— Para visitar meu pai — ele disse, medindo cada palavra.

— Exatamente — ela respondeu. — Acho que voltamos ao princípio, não é?

Ele não se perturbou.

— Por que nega? Não é vergonha voltar ao primeiro amor quando os outros homens são insatisfatórios. Se seu primeiro amor esperou por você, está tudo bem.

— Faz alguma idéia de como parece pretensioso?

— Lamenta a nossa paixão incomparável, Desi? — Os olhos negros queimavam os dela. — Aquele dia na cabana, lembra-se? O que se igualaria a ele, mesmo que vivêssemos mil anos? É por isso que está aqui?

A lembrança daquele verão invadiu-a. Aquela ânsia incrível pelo toque de outra pessoa; era como se ela estivesse sentada ao lado de uma fogueira que parecia só cinzas, e, com apenas uma fustigada, ele a ateasse novamente, ardendo como uma fornalha.

— Lamentei por algum tempo — ela disse. — E depois, não. E você?

— Seus cabelos — ele disse. — Quero ver seus cabelos.

Ela recuou a cabeça.

— Não me toque!

— Dez anos.

Ela não pôde impedi-lo. Ele esticou a mão para agarrar a aba de seu chapéu e tirou-o lentamente. A esse gesto, a cabeleira loura acinzentada dela caiu-lhe pelos ombros. Era como se estivesse sendo despida por qualquer outro homem.

— Ainda da cor do deserto à beira das montanhas.

Um dedo forte se estendeu para uma madeixa e rodeou-a. Ele havia dito aquilo dez anos atrás. *Não a areia dourada que se vê nos cartões postais, Desi*, ele sussurrara, deitado ali, abraçado com ela, e beijou uma madeixa de seus cabelos, *mais linda que isso. A cor antes do pôr do sol, exatamente onde se junta aos contrafortes roxos das montanhas. Vou lhe mostrar.*

A pele dela se arrepiou com uma sensação insuportável. Ele a observava com olhos semicerrados de falcão, para vê-la melhor. Ela ergueu o queixo para recuar, e não conseguiu.

O tempo, aquele grande enganador, parou completamente, e eles se fitaram, imóveis: a mão dele presa ao cabelo dela, e ela, de olhos arregalados, hipnotizada. Lá fora, o sol ofuscante e uma paisagem áspera e rancorosa. Lá dentro, a paisagem rancorosa do coração.

O carro deu um solavanco, fazendo o tempo voltar a passar. Desi levantou a mão e soltou o cabelo do dedo dele.

— Não me toque — ela começou, mas no instante em que ela falava, ele se descontrolou. Uma das mãos fortes e morenas agarrou seu pulso, e o outro braço envolveu-lhe a cintura para abraçá-la, coxa contra coxa, peito contra seios, as mãos dela inúteis e o corpo arqueando-se contra ele, como numa submissão erótica.

Por um instante ficaram congelados ali, fitando-se no rosto, mas se era pelo

passado que ela ansiava, não havia nada do rapaz carinhoso de que se lembrava na raiva sombria de um olhar que parecia engolir qualquer tentativa de um pensamento consciente, enfraquecendo fatalmente sua resistência. Finalmente, ela conseguiu erguer as mãos e empurrou os ombros dele. Mas ele continuava segurando-a, resistindo à pressão com uma facilidade assustadora. Seu *keffiyeh* caiu sobre um dos ombros, prendendo-os num mundinho só deles.

Seu próprio mundo. Tinha sido sempre o mundo deles próprios.

— Salah! — Ela protestou, mas o nome se perdeu num ofego quando os lábios dele se apossaram dos seus.

A boca era forte e ávida, e o corpo dela ardeu a ponto de derreter enquanto o beijo a devorava. Uma ânsia como de uma criança faminta invadiu-a então, um anseio desconhecido e antigo; fome e sede, e o desejo profundo de uma década estourando um coração que se fechara aos sentimentos fazia tempo demais.

Apavorada com a força de seu desejo angustiado, ofegante diante daquela reação avassaladora, ela resistiu ao impulso poderoso de passar os braços em volta do pescoço dele e sorver profundamente aquilo de que estivera privada por tanto tempo e, em vez disso, arrancou a boca ressecada da água no deserto, lutando contra instinto e compulsão como quem sabe que a fonte de todos os seus anseios é envenenada.

Ele finalmente afastou a boca. Ficaram imóveis outra vez, fitando-se diretamente nos olhos, o cabelo dela caindo sobre o braço dele, o olhar sombrio no rosto dela.

— Sempre gostei de saborear o meu nome em seus lábios — ele recordou.

Algo parecido com pânico invadiu-a.

— Solte-me.

Salah respirou fundo para se controlar e abriu os braços. Ela se jogou para trás, indignada, ajeitando a roupa, evitando olhá-lo, com medo de que ele pudesse ler em seus olhos.

De todo coração, ela queria evitar um confronto, queria fingir que isso nunca tinha acontecido. Porém, seria fatal deixar passar em branco. Finalmente conseguiu erguer os olhos e fitá-lo.

— Se me beijar novamente, vou lhe dar uma bofetada — disse entre dentes.

— Cuidado, então, com as reações em cadeia.

A voz dele era gélida. Um *frisson* de algo que não era bem medo percorreu-a.

— Podemos parar com isso? — ela exclamou. — Passei quase o dia todo voando e estou cansada!

Ele concordou com a cabeça; pegou uma pasta, abriu-a, tirou uns papéis e começou a examiná-los. De repente, voltou a ser um estranho, com o *keffiyeh* desconhecido e vestes de deserto. Assemelhava-se a um sheik de petróleo.

Parecia que ele conseguia afastá-la do pensamento com a maior facilidade. Desistiu a um impulso repentino e louco de se atirar sobre ele e arrancar-lhe o intimidante pano de cabeça, como se isso pudesse, transformá-lo novamente no rapaz que ela conhecera.

Porém, havia mais do que um *keffiyeh* entre esse rosto cinzelado e orgulhoso e o Salah que ela amou tão apaixonadamente.

CAPÍTULO TRÊS

Talvez se os pais estivessem prestando mais atenção ao que se passava, o desastre pessoal de Desi pudesse ter sido evitado. Mas a casa estava lotada e, com o calor, parecia haver o dobro do trabalho, com os hóspedes exigindo toalhas limpas, bebidas geladas e serviço extra.

Existia um abrigo, um lugar que as crianças usaram como esconderijo durante anos: debaixo do velho píer de madeira que ficava de um lado do lago, a algumas centenas de metros da casa. A cada verão, Desi e o irmão arrastavam um colchão inflável por debaixo da água para as pedras sob o píer, e depois o inflavam, para que ficasse ali, meio flutuante e meio atracado.

Era o clube deles. Às vezes, fugindo de tarefas domésticas ou ignorando o horário das refeições, as crianças se escondiam ali, rindo baixinho e ouvindo a mãe chamando-as.

Quando fazia sol, o lugar era agradavelmente sombreado. Quando chovia, podiam fingir que era seco. E, à noite, era uma perfeição ficarem sentados ali falando sobre vida, morte, destino e o que fariam quando crescessem.

Salah e Desi passaram muitas horas ali naquele verão, longe dos hóspedes. No calor abrasador, era agradável ficarem deitados ali enquanto feixes de luz penetravam na escuridão, e o colchão de ar batia levemente nos lados do píer ou nas pedras com o balanço da água. À noite, ficavam abraçados ali, vendo a lua e as estrelas aparecendo.

Com a cabeça recostada no ombro dele e os dedos dele acariciando-lhe os cabelos, Desi e Salah sonhavam juntos com o futuro. Casariam assim que ela terminasse o segundo grau. Ela se mudaria para os Emirados Barakat para ficar com ele e fazer sua vida ali. Teriam quatro filhos, dois meninos e duas meninas.

Nem Salah nem Desi tencionavam que acontecesse o que aconteceu, embora fosse sempre Salah quem recuava quando Desi se mostrava apaixonada demais para saber quando parar.

— Temos tempo, Desi — Salah dizia suavemente. — A vida inteira. Podemos esperar. — E ela, naturalmente, concordava.

Tudo, porém, parecia conspirar contra essa nobreza firme: o calor, a inocência deles e o fato de que estavam sempre juntos, e tantas vezes sozinhos.

Foi lá, debaixo do píer, quando ele contou a ela sobre a guerra em Parvan, que eles finalmente perderam o controle.

Parvan, que tinha sido invadida pelos kaljuks, e há tempos travava uma guerra desigual, com pouca ajuda dos amigos. O príncipe Ornar, de Central Barakat, tinha formado uma tropa de Companheiros de Copa, e entrado na guerra do lado do príncipe Kavian, de Parvan.

— Os kaljuks são monstros — Salah disse-lhe. — O príncipe Ornar tem razão, não podemos permitir que eles façam o que estão fazendo a Parvan. Ele tem razão em se

juntar à luta.

O coração de Desi estacou, com um pressentimento repentino de fatalidade.

— Você... você não iria, não é?

— Meu pai me proibiu, diz que devo terminar um ano de universidade primeiro. Acha que a guerra terminará neste inverno. Mas, se não terminar, o que mais posso fazer, Desi? Tenho de me juntar ao príncipe. Tenho de ajudá-los.

Com lágrimas nos olhos, ela implorou que ele não fosse para a guerra. Suplicou por seu amor e pelo futuro deles. A vida juntos que jamais teriam se ele morresse. Os quatro filhos que jamais nasceriam.

— Case comigo agora, Desi — ele disse, puxando-a contra o peito e apertando-a. — Então, se eu morrer, eu a deixarei com um filho para cuidar de você quando ele crescer. Venha para casa comigo. Case comigo agora!

Então, ele a beijou, quando todas as barreiras estavam abaixadas. E, em meio ao silêncio perfeito da natureza, um silêncio feito de vento, canto de pássaros e água parada, não puderam mais negar o desejo louco que sentiam.

Ela sempre se admirou, depois, da coincidência. Após duas semanas de felicidade absoluta, de viverem em seu próprio mundo secreto e mágico, na noite antes da partida de Salah, seu irmão Harry chegou para passar o fim de semana trazendo uma revista.

— Boneca, é você! — ele disse orgulhosamente, abrindo a revista para mostrar a todos: um anúncio de página inteira com uma foto de Desi.

Foi sua primeira tarefa de alta moda, fotografada em Toronto meses antes, e tinha sido um mundo muito diferente de tudo que ela conhecia.

O resultado também era diferente: o máximo de perícia profissional evidente no anúncio, todo em tons de bronze. Desi estava sentada numa cadeira de diretor, com as pernas esparramadas, os joelhos virados para dentro, vestindo uma capa impermeável abotoada e cintada, mas que deixava exposto um V de renda escura sensual no seio e no quadril. Com o cotovelo apoiado no braço da cadeira, Desi segurava o queixo e contemplava o leitor com uma beleza límpida. Entre seus pés estava uma bolsa de couro fabulosa. Sapatos lustrosos combinavam com a bolsa.

A família e os hóspedes a cercaram.

— Você está absolutamente deslumbrante!

— Oooh! Muito sexy!

— Vou comprar uma! Basta me dar o dinheiro!

Todos estavam encantados, vibrando por ela. Apenas uma voz ficou muda. Desi olhou timidamente para Salah, esperando sua aprovação orgulhosa.

O rosto dele estava fechado, chocado.

— Eles a exploram — ele disse baixinho; e foi como uma bofetada, pior ainda por ser em público. A balbúrdia na sala diminuiu, enquanto Desi ofegava e se ruborizava.

— *Exploram?* Sabe quanto me pagaram pela sessão de fotos? — Ela gritou, indignada. — E o hotel onde nos hospedaram...

— Eles a hospedam num hotel de luxo e lhe pagam para se expor.

— Expor? Minhas pernas! — Ela gritou. — Todas fazem isso. Não estou nua, sabe!

— Sim — ele disse. E era verdade que o posicionamento da bolsa entre seus pés,

com a vulnerabilidade inocente em seus olhos, era perturbadoramente erótico.

Por uma vez na vida, a mãe salvou a situação.

— Não é maravilhoso ainda encontrarmos diferenças culturais quando todos estamos tão preocupados com a monocultura americana que se espalha pelo mundo? — ela disse, pegando a revista e fechando-a. — Parabéns, querida, vamos olhar novamente mais tarde. Hoje temos uma ceia fria, gente. Vamos comer agora?

Com lágrimas nos olhos, Desi se levantou e saiu, batendo a porta, correndo na noite repleta de estrelas. A porta bateu novamente, mas ela continuou correndo.

Ele a alcançou à beira da água.

— Desi!

— Por que fez aquilo? Por que me humilhou diante de todos? — ela perguntou.

— Se está humilhada, não fui eu. Aquela foto, Desi...

— Ah, cale a boca! Não há nada de errado com aquela foto! É uma foto de moda! Tive *tanta* sorte de conseguir aquele trabalho, garotas esperam anos por algo assim! Vai abrir tantas portas para mim!

Isso era seu agente falando. Na verdade, ser modelo jamais tinha sido realmente o sonho de Desi. Até o momento, não tinha gostado do que viu daquela vida. Porém, perversamente humana, quando pressionada ela defendia algo em que não acreditava.

— Desi, vamos nos casar. Vai ser minha esposa. Não pode posar assim para outros homens.

— Homens? — Ela gritou. — Não é uma revista para homens! É de moda! É para *mulheres*. Estou fazendo propaganda de uma *bolsa*!

— Não — ele disse calmamente. — Você faz propaganda de sexo.

Ele tinha a percepção de uma pessoa de fora, porém seria esperar demais que ela visse o mesmo que ele, ou que ele compreendesse a conexão íntima entre sexo e vendas.

— Você não sabe do que está falando!

— Desi, uma foto não é importante. Mas esse trabalho que você faz... vai ser todo assim? É isso que significa uma carreira de modelo?

— Todo assim *como*? Pelo amor de Deus! Eu estava completamente vestida. É só esperar, Salah, mês que vem vou estar num catálogo de *lingerie*. Qual é o seu problema?

— Desi, uma muçulmana não pode fazer tais coisas. É impossível.

Ela ficou calada. Depois:

— Não sou uma muçulmana — disse lentamente.

— Desi! — Ele implorou.

Ela rompeu em lágrimas.

— E se é isso que significa... que minha foto seja vista como revoltante, então... se é isso o que pensa, se é isso o que você vê de mim quando olha aquela foto... oh, Deus, você me faz sentir como uma... como uma...

Eram moços demais para perceber que o motivo da explosão dele não era religião, mas ciúme.

— E se você é tão nobre e santo, Salah, que tal o que temos feito? Como é que

isso combina com os seus princípios?

— Nós nos amamos. Vamos nos casar! — Ele disse, mas ela pensou ver uma dúvida em seus olhos.

Ela disse, em tom acusatório:

— Acha que o que fazemos é errado, não acha?

— Não, Desi!

Ela se encolheu, chocada até o fundo da alma.

— Oh, *Deus!* Isso é tão *doentio!*

Se ele se sentia culpado por fazerem amor, como ele a enxergava? Foi invadida de vergonha. O sonho estúpido e frágil que ela imaginava rachou e o mundo real estava diante dela, dizendo-lhe que tinha sido uma tola.

De repente, ela estava dizendo coisas terríveis para ele, acusando-o de enganá-la para ter sexo com ela e depois julgá-la por ter cedido. Coisas horríveis, em que não acreditava, mas que, de algum jeito, se viu movida a dizer.

Salah empalideceu ao ouvi-la, e depois irrompeu com acusações sobre o Ocidente corrupto, em que não acreditava, e contra as quais argumentava com os amigos quando estava em casa.

Corrupto. A palavra ficou suspensa no ar entre eles ao se fitarem, desnorteados, com os corações sangrando, e moços demais para entenderem o que estava acontecendo.

— Fala de mim! — Ela gritou, então. — Bem, se sou corrupta, você é o corruptor! Eu odeio você! — Correu de volta para casa e subiu para o quarto.

Trancou a porta do quarto e enterrou a cabeça debaixo da coberta, tentando afogar o barulho de pedregulhos batendo na sua janela durante a noite e de sussurros implorativos à sua porta.

Só desceu de novo depois do café da manhã no dia seguinte, apenas a tempo de se despedir friamente de Salah junto com todos os outros, antes de o pai levá-lo para a barca. Ao entrar no carro, ele a fitou com o olhar de censura de um animal que está morrendo e não pode compreender o que motivou a pessoa que o matou.

Salah nunca mais voltou à ilha.

CAPÍTULO QUATRO

O palácio se agarrava a uma ladeira rochosa sobre um rio sinuoso e a cidade entre eles, pairando sobre a paisagem como um sonho em branco, terracota e azul. Do avião, em toda a glória de sua abóbada e de seus terraços com arcos, o palácio parecia saído de um conto de fadas, mas, visto de baixo, parecia uma fortaleza.

Ela levou algum tempo para compreender que se aproximavam dele.

Atravessaram o centro da cidade, passando pelo burburinho do mercado, depois por ruas largas margeadas dos dois lados por altos muros brancos encimados por folhagens. Ela estava tão encantada, que foi só depois de deixarem os muros para trás que percebeu que só restava o palácio à sua frente.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou.

O carro parou a um portão e o motorista trocou algumas palavras, pela janela aberta, com o guarda armado. Salah guardou os papéis, fechou a pasta e a trancou. Ela sentiu isso como uma bofetada.

— Nunca se pode ter certeza — ela disse com sarcasmo. — Mas, realmente, os segredos de estado da pequena Barakat estão seguros quanto a mim.

Ele a fitou com um olhar negro que nada revelava.

— Que lugar é este, Salah?

— É o palácio do príncipe Ornar.

— Vou ficar *aqui*?

— Onde mais? Devia hospedá-la num hotel? Acha que me esqueço do que devo à sua família?

— Não vou conhecer a sua família?

— Exceto por meu pai, que está na escavação, minha família vai para as montanhas no verão. O calor faz mal à saúde de minha mãe.

Os olhos dele eram duros. Ela se lembrava de um olhar muito diferente na última vez em que se encontraram, na manhã em que ele deixou a ilha pela última vez.

Nunca a esqueceu? Pelo contrário, o rapaz que a amou tinha desaparecido. Estava completamente irreconhecível. "Você teve sorte de escapar dele", ela disse a si mesma.

O coração, pelo contrário, lamentava a perda.

— Então, por que você ainda está na cidade?

Ele ergueu um canto da boca e olhou-a como se ela estivesse sendo ingênua.

— Ficou na cidade para me receber? Por quê? O que quer?

— Não o que eu quero, Desi. O que você quer.

Ele abriu a porta do seu lado quando dois empregados saíram por uma porta do palácio. Os homens tiraram as malas de Desi do carro e desapareceram. O motorista abriu a porta do lado dela. O calor a atingiu novamente ao sair do carro.

— O que isso tem a ver comigo?

— Serei seu guia até a escavação de meu pai. Não esperava por isso?

Claro que Salah seria seu guia. O plano todo dependia disso, e, no entanto... só foi nesse momento que Desi realmente acreditou que fosse acontecer. Que ela estaria atravessando o deserto com apenas Salah como companhia... Seus olhos arderam ao contemplá-lo, como se estivessem recebendo sol demais.

— Bem, sinto muito. Seu pai disse "um guia". Eu não esperava...

— Não? — A incredulidade evidente dele enfureceu-a, mesmo ele tendo razão.

— Sinto muito, mas essa é a única ocasião que tenho. É quando normalmente vou para a ilha.

A palavra parecia elétrica entre eles.

— E o caso é tão urgente — ele disse.

Ela não tinha resposta para isso. Virou a cabeça para fugir do olhar cínico dele e deu com os olhos num painel de azulejos antigos belíssimos.

Já tinha visitado lugares fabulosos. Até agora, porém, nunca tinha estado num palácio real. Nunca num lugar com tal aura de poder, passado e presente.

— Vou conhecê-los? — Ela perguntou. Sabia que o príncipe Ornar e a princesa Jana tinham seus próprios filhos, além de duas filhas do primeiro casamento de Omar. Salah guiou-a sob uma arcada com arabescos intrincados até um caminho pavimentado.

— Eles vão para o Lago Parvaneh no verão. A princesa Jana pediu-me para lhe dar as boas-vindas e pede desculpas pela ausência.

Ele abriu uma porta e guiou-a por um caminho que margeava um jardim formal, e daí para um pátio interno tão encantador que Desi estacou, ofegante.

Colunas, pisos, escadas e paredes eram revestidos por um lindo mosaico de azulejos formando Um padrão intrincado. Um espelho de água no centro refletia as folhagens, a luz do sol e o balcão acima. Galerias cercavam o pátio por todos os lados; uma árvore antiga se elevava num canto, sombreando o espaço. Folhagens cascadeavam do balcão, ou se enlaçavam nas colunas e treliças.

Era um lugar lindo e relaxante. A temperatura parecia muitos graus mais baixa. Desi suspirou, maravilhada.

— Não é espetacular? — ela comentou.

— É mais lindo na primavera, com as flores — disse Salah e, pausando sob a arcada, ele apertou um interruptor.

Ela ouviu um ronco e, então, o reflexo perfeito na água tremeu e se perdeu quando fontes surgiram no ar no centro da água. O borrito umedeceu o rosto dela enquanto ficava ali, sorrindo diante daquela visão.

— Isso é o que chamo de ar-condicionado. — Ela riu de puro prazer.

Vendo o borrito fino umedecer-lhe os lábios, como se um beijo os tivesse molhado, Salah fechou a cara. Virou-se para levá-la através do borrito, subindo uma escada e andando ao longo do balcão.

Uma lufada de vento repentina levantou o manto dele, que flutuou à sua volta, transformando-o na imagem do herói de um conto antigo. Desi sentiu a mesma promessa de atemporalidade e pertencimento que as areias lhe segredaram, como se eles tivessem se encontrado ali mil anos atrás. Ele abriu uma porta.

Ela parou à soleira, sem ar. Era uma sala magnífica, enorme, mas dividida em nichos confortáveis pelo emprego artístico de tapetes, móveis agrupados e divisores de ambiente antigos de ébano, cedro e sândalo lindamente entalhados.

Acima da porta e das janelas, painéis de vidro colorido atravessados pela luz do sol formavam desenhos sobre as paredes brancas. Almofadas de brocado formando sofás e poltronas eram entremeadas com mesas baixas; nas paredes havia quadros fabulosos e espelhos decorados, com nichos contendo pratos e jarras de bronze polido que brilhavam como ouro. Cobrindo o piso escuro de madeira polida estava, o maior tapete de seda que ela já vira. Um gabinete chinês parecia pintado para um imperador.

Os pratos e as jarras que brilhavam feito ouro, ela percebeu, eram realmente de ouro.

Um grande arco dava para outro aposento, onde uma brisa ligeira agitava o dossel de uma cama baixa, cujos travesseiros e colcha eram estampados em tons de turquesa e roxo.

Aquele luxo ficou repentina e profundamente erótico. Tão diferente da cama debaixo do velho píer dez anos antes, mas pulsando com uma promessa sensual e sexual. Como se a outra cama e aqueles outros lugares que tinham feito de cama tivessem sido um prenúncio, um sonho do qual isso, agora, era a realidade viva e colorida.

Ficaram ali, se entreolhando, presos no momento, enquanto os tentáculos da memória se estendiam de uma coisa chamada *cama* e começavam a enredá-los.

Ela tinha se considerado imune. Havia imaginado que o ódio tivesse anulado o amor, e que, com o passar dos anos, a indiferença tivesse anulado o ódio. O desejo, parecia, era independente de tais considerações. Operava fora disso, com certeza, pois, naquele momento, os olhos dele queimavam sua pele com o ardor do sói do deserto.

Desi pensou loucamente, tomada de pânico: "se ele me beijasse agora..."

Uma mulher surgiu, silenciosa e repentinamente, e murmurou um cumprimento. Salah respirou fundo, disse-lhe algumas palavras e, quando se virou novamente para Desi, qualquer sinal de que fora afetado pelo momento foi anulado pelo olhar velado.

— Tenho uma reunião agora. Fátima fala um pouco de inglês. Ela cuidará de você e lhe trará o almoço mais tarde. Será melhor você permanecer no palácio hoje. Jantaremos ao pôr do sol. Deseja comer ou beber alguma coisa agora? Fátima poderá trazer para você.

— Nada, obrigada. Você mora no palácio? — ela perguntou.

— Tenho aposentos aqui, sim — ele respondeu. — Nós todos temos.

— "Nós"?

— Os Companheiros de Copa do príncipe Omar têm escritórios e aposentos no palácio.

Desi se lembrava bem dos Companheiros de Copa. Em tempos antigos, eles pouco tinham a fazer senão farrear com o monarca e distraí-lo dos negócios de estado.

"Agora, eles trabalham muito", Salah tinha lhe dito, no dia em que lhe confiou seus sonhos de um dia servir ao príncipe Omar. "Eles são o gabinete de trabalho do príncipe. Um dia, *inshallah*, conseguirei trabalhar com o príncipe Omar."

Não sei qual a função exata de Salah, mas meus irmãos ouviram dizer que ele goza da confiança do príncipe Omar, Sami tinha explicado recentemente. Estão convencidos de que ele é muito VIP.

— Soubemos de sua nomeação, naturalmente. Parabéns, Salah, sei que sempre foi o seu sonho — ela disse. — Seus pais devem estar orgulhosos.

— *Mash 'allah* — ele disse, indiferente. *Foi a vontade de Deus.*

Em outra vida, ela teria sido a primeira a saber.

Olhando aquela fisionomia fechada, a inclinação arrogante do queixo e os olhos acusadores, Desi podia acreditar que o príncipe ouvia Salah. Ela mesma, porém, não se casaria com ele nem por todo o poder do mundo. Sentiu-se repentina e violentamente agradecida por ter concordado em ajudar Samiha. O casamento com Salah seria um inferno.

CAPÍTULO CINCO

— Querem que eu me case com Salah — Samiha disse.

O assédio tinha começado no último ano da faculdade, depois da morte do pai de Samiha num acidente de trabalho. Com a morte dele, o irmão mais velho, Walid, tornou-se o "chefe da família". Os problemas começaram quase imediatamente e, como a mãe cedeu à pressão, Sami teve de se render. Primeiro, foi forçada a usar o lenço chamado *hejab* quando saía de casa. Seguiram-se outras restrições, num cerceamento crescente de sua liberdade.

Porém, quando Walid, apoiado pelo irmão, Arif, começou a sugerir que o lenço não era suficiente para protegê-la da luxúria dos homens ou para demonstrar sua devoção à religião e que Sami devia usar o *niqab*, o véu para o rosto, ela finalmente tomou coragem e o apresentou a Farid, seu noivo. O casal achou que Walid ficaria feliz em passar a sua autoridade problemática sobre a irmã para um marido.

Isso tinha sido um erro de tática: o noivado secreto e a determinação atrevida dela de fazer sua própria escolha enfureceram Walid. Violava seu direito, como protetor e guia dela, de escolher-lhe um bom marido. Farid al Muntazer, embora muçulmano, não foi aprovado por ele.

Samiha devia casar com alguém da terra deles. Alguém ligado a eles. Família.

— Mas Salah é seu *primo*! — Desi protestou, escandalizada.

Em sua aflição, Sami tinha, naturalmente, apelado para Desi. Já não moravam na mesma rua, mas sempre se mantinham em contato.

— Melhor ainda — Sami informou-a, amargamente. — Os velhos costumes são os melhores, sabe!

— Estão loucos! Sami, você não pode ceder a isso! — A idéia a enchia de um horror primitivo. Salah e Sami casados? Devia ser proibido! — Você tem 27 anos! Não é da conta deles com quem vai casar! Tem de recusar!

— Estou recusando. Mas minha mãe está sendo muito fraca. Meus irmãos vivem me dizendo como sou sortuda, dá para acreditar? Salah tem tudo, é rico, bonito e o braço direito do príncipe Omar.

— Não interessa se ele é o próprio príncipe Omar, é seu primo!

— Se ele fosse o príncipe Omar, não seria meu primo.

— O que você pode fazer para aceitarem sua recusa?

— Sei o que não posso fazer. Não posso casar com ninguém senão Farid. Prefiro morrer. Mas Walid está meio doido agora, e Arif o apoia. Um confronto direto provavelmente não é uma boa idéia.

— Não pode falar com o próprio Salah? Ele deve estar achando que é isso que você quer. Certamente, se ele soubesse...

— Talvez, mas, Desi, tenho medo de me arriscar. Não sei quais são os motivos *dele*. Talvez ele precise de um passaporte canadense, ou qualquer coisa.

— *O quê!* Ele é um Companheiro de Copa! Por que ele precisaria...

— Des, não posso correr o risco de falar com Salah! — Sami protestou, em voz aflita. — Não sei qual é a vantagem para ele! Se ele contasse a Walid...

— Acha mesmo que Salah faria...

— Não sei em quem posso confiar! — Gritou Sami, e Desi subitamente percebeu o pânico da amiga. "Quando os próprios irmãos ficam fanáticos, o que era seguro?"

— Oh, sinto-me tão inútil! Queria poder ajudar!

— Desi, você é a única que pode.

O coração de Desi começou a martelar.

— *Eu!* O quê...

— Não adianta desafiar cara a cara os nobres protetores da pureza islâmica. Acho que tenho de começar pela outra ponta.

— Gostaria muito de acabar com ele para você, Sami, mas acho que é ilegal.

— Não aquela ponta.

O coração de Desi se acelerou.

— Quer que eu acabe com Salah?

— Ele mesmo! Acha que Salah a esqueceu, Desi?

— Acho — disse rispidamente. — Sem a menor dúvida. Em dez anos, ele nunca levantou um dedo em minha direção.

— Nem se casou, tampouco.

— Obviamente, as mulheres de Barakat não são idiotas.

— Acho que ele nunca se esqueceu de você. E foi naquele tempo. Olhe para você agora. Viu o que a revista *Everywoman* disse esta semana a seu respeito? Espere um instante, estou com ela aqui. "Talvez a mais iconicamente bela de todas as atuais supermodelos, Desirée Drummond, Desi para os íntimos, projeta a vulnerabilidade inesquecível de uma mulher que jamais aprendeu a esconder o coração."

— Quantos erros pode haver numa única frase? — disse Desi.

— Quaisquer que sejam os motivos de Salah para querer esse casamento, aposto que se ele achasse que tinha uma chance com você...

— Mais ou menos como a chance de um picolé no inferno...

— ...ele se afastaria desse trato tão depressa, que seus calcanhares pegariam fogo.

O coração de Desi despencou. Ela tentou rir.

— Sami, não vejo Salah há dez anos!

— É, mas ele tem visto você! Seu rosto está por toda parte, não está? Pode apostar que *ele* não se esqueceu.

Seu rosto numa capa de revista só serviria para lembrá-lo do motivo por que a rejeitara, mas Desi não falaria nisso agora.

— Você não está namorando ninguém, está? Não lhe pediria se você estivesse

envolvida com alguém.

— Está brincando comigo, Sami?

— Desi, só o que tem a fazer é deixá-lo pensar que tem uma chance. Fale sobre aqueles verões felizes na ilha. Lembre-o de como você o idolatrava. Sabe que pode fazer isso.

Desi respirou fundo e lembrou-se de que Sami não estava lá. E, depois, ela não havia contado a ninguém, nem mesmo a ela, tudo que tinha acontecido.

— Oh, Sami... — ela implorou.

— Desi, sei que estou lhe pedindo uma coisa terrível. Mas trata-se do resto da minha vida, e você é a minha única esperança. Imagine se seu pai quisesse forçá-la a se casar com, digamos, Allan.

O primo Allan era um irrepreensível corretor de bolsa de valores em Toronto, mas Desi estremeceu.

— Compreendo. Sabe que compreendo. Mas, sinceramente, Sami...

— Só precisamos de um pretexto para você visitar Central Barakat. Você poderia estar procurando locações, ou alguma coisa assim?

— Modelos não procuram locações. E, mesmo que eu fosse para lá, por que me encontraria com Salah? O país não é tão pequeno assim.

— Depois de tudo que sua família fez por ele aqueles anos todos! Claro que você vai entrar em contato com ele e pedir sua ajuda! Não faria isso?

— E mais fácil um burro voar — disse Desi, muito séria.

— Mas por quê? Claro que você ligaria para ele. Foi o que Harry fez quando esteve lá. Ele me contou que Salah lhe deu um tratamento principesco.

— Sam, mesmo que eu fosse, mesmo que o visse, de nada adiantaria. Cinzas são cinzas. Não continuam a arder durante dez anos.

— Continuam. Salah agia como se...

Ela não perguntaria. Não lhe interessava como ele agia.

— Como o quê? — Desi falou sem pensar.

— Como se o coração estivesse partido, eu acho. Durante anos, sempre que eu mencionava o seu nome, ele se enrijecia, do jeito que as pessoas fazem para proteger um ponto dolorido.

— Ficaria feliz em saber que Salah sofreu, mas acho que provavelmente eram gases.

— Ei, é isso aí, Sam. Dois coelhos com uma cajadada! Pense como seria doce a vingança.

— É tentador achar que sou uma digna sucessora de Sharon Stone, mas francamente, Sam!

Sami perdeu o entusiasmo de repente.

— Tem razão. É loucura minha pedir-lhe isso. Desculpe. Mas, Desi, o que posso fazer? Diga-me o que fazer! — É, mais uma vez, a chama dó desespero ardia em sua voz. O coração de Desi se apertou.

— Meu Deus, Sam, você e Farid não podem fugir para casar?

— Walid não se envergonha de fazer ameaças. Talvez, provavelmente não faria nada, mas você sabe que não posso contar com isso.

— Ameaças? Isso é revoltante! —Desi exclamou. — Walid está completamente louco?

— Nem lhe conto.

— E que tal falar com o seu tio Khaled? — Tio Khaled era o irmão mais moço do pai de Sami e, desde a morte do pai dela, era o chefe da família inteira. Também era o pai de Salah.

— Já pensei nisso. Mas o tio Khaled e a tia Arwa estão entusiasmados com a união entre mim e Salah. Então também não posso pedir diretamente a ele, porque se não desse certo... Mas, Desi, se você estivesse lá, poderia sondá-lo para mim...

Sami interrompeu-se, ofegante.

— Oh, *Allah*, já sei! Já sei! — ela exclamou. — A escavação do tio Khaled.

CAPÍTULO SEIS

O criado guiou-a através do palácio até a base de uma escadaria externa que levava a um grande terraço e a deixou lá, Desi subiu lentamente, contemplando, encantada, a vista que se revelava aos poucos.

O sol estava desaparecendo por trás do horizonte do deserto, puxando consigo um manto de céu flamejante; os últimos raios batiam no alto das montanhas como ouro líquido. Abaixo e além do palácio, à cidade se iluminava, uma faixa de jóias cintilantes cortada em dois pela escuridão do grande rio que abria seu caminho das montanhas até o mar. Enquanto o último raio de sol desaparecia, o rio, cercado de árvores, começou a refletir a miríade de luzes às suas margens.

Desi respirou fundo ao chegar ao topo, depois soltou o ar num suspiro. Mágico.

Salah estava de pé no meio do terraço, contemplando a cidade. Virou-se, e ela imediatamente ficou presa por seu olhar. Desi colocou um pé diante do outro e caminhou lentamente para onde ele esperava.

Os cabelos dela estavam soltos, ele viu, acariciando ombros e pescoço, a pele impecável. Ela vestia seda azul cor do mar, que transformava seus olhos em turquesas, um top de seda deixava nua a pele suave do pescoço e a sombra entre seus seios, uma calça esvoaçante acariciava o esboço de quadril, coxa e perna quando ela se movia, uma jaqueta de gola alta sob o queixo, era bordada em ouro e roxa. Ouro e ametistas brilhavam em seu pescoço e em suas orelhas. As sandálias eram tiras douradas delicadas sobre o peito dos pés.

Mas era em seus olhos que morava a verdadeira beleza; aquele olhar franco e calmo que uma vez lhe tinham revelado toda a verdade de sua alma, as sobrancelhas móveis e suaves sob a testa larga e pálida. A curva de suas faces era como areia esculpida pelo vento, e a boca, larga, polpuda, sensual. O seu rosto sempre mostrou essa

contradição, como se os olhos não tivessem a menor percepção da sensualidade prometida pela boca e pelo corpo.

Havia muito tempo, ele tinha despertado algo mais naquele olhar. Alegria, gratidão sensual e amor tinham se mesclado num olhar para ele, e ele só. Acreditava que era o único a vê-lo.

Falsamente, como descobriu, pois aquele olhar era explorado por cada anunciante para quem ela posava. Porém, homens tinham sido tolos antes dele, e seriam tolos quando ele fosse pó.

E, mesmo assim, em dez longos anos, ele não tinha visto uma beleza igual. Mas não seria vítima daquela beleza novamente. Tinha sido fraco antes, mas agora estaria muito mais em guarda.

O olhar dela estava mais velado, sua beleza, remota. Em seus olhos ela ocultava algo, estava mentindo para ele.

Que mentira? Bem, ele descobriria.

— Boa noite, Desi — ele disse.

Tinha dispensado o *keffiyeh* e as vestes de sheik de petróleo. Agora, usava uma calça solta de algodão e uma camisa até os joelhos, o conjunto chamado *shalwar kamees*.

A camisa estava aberta no pescoço e as mangas, enroladas nos pulsos, deixando nus a garganta e os braços morenos. A cabeça também estava descoberta: cachos negros transformados em ouro pelo sol poente.

Sem o *keffiyeh*, já não parecia tanto um estranho. Ela levantou os olhos para aquele rosto áspero, procurando traços do rapaz de rosto puro que ela amou, e imaginou se ele, também, procurava a garota ingênua e desajeitada de dez anos atrás.

O rapaz desaparecera para sempre. Os olhos de que se lembrava nunca foram como esses: duros e desconfiados enquanto vasculhavam seu rosto com um desejo tão evidente que ela tremeu.

— É uma vista fabulosa — ela disse, para relaxar a tensão repentina. Mas o maxilar dele apenas se retesou. Ela sentiu um calor súbito nas costas: a mão dele guiando-a.

Moveram-se silenciosamente pelo terraço e para um jardim suspenso. No centro do espaço havia uma pequena fonte, o tilintar da água no crepúsculo era uma carícia para os ouvidos.

Ele a levou para uma alcova cercada por uma treliça envolta em folhagens, onde uma plataforma baixa estava luxuosamente coberta de tapetes e almofadas. Ele tirou as sandálias, subiu na plataforma e se afundou no tapete suntuoso entre almofadas de seda.

Recostado nas almofadas, moreno e arrogante, ele subitamente parecia um sultão de um livro de contos.

Ela hesitou, sem saber o porquê. Com um gesto régio, ele indicou as almofadas defronte dele. Desi tirou as próprias sandálias, pisou no tapete macio e afundou nas luxuosas e confortáveis almofadas.

— Está linda esta noite. — As palavras pareciam engasgadas, como se saíssem apesar de suas intenções.

Ele havia dito isso antes. *Esta noite e sempre*, ele tinha dito então.

— *Mash 'allah* — ela disse, com um sorrisinho. Ele lhe ensinara a resposta tradicional barakati a um elogio. *E como cruzar os dedos*, ele disse, *é preciso evitar o mau-olhado*.

Os olhos dele escureceram de repente, mas seus lábios se apertaram, como se o fato de ela ter usado a expressão lhe desse um prazer proibido.

Para além da treliça e das folhagens, o pôr do sol criava um pano de fundo magnífico. A intimidade os envolveu e os enlaçou.

O deserto estava de um roxo profundo agora, na escuridão. Enquanto Desi contemplava a cena, uma brisa suave levantou-lhe os cabelos e soprou-os levemente sobre seu rosto. Atirando-os para trás, suspirou de prazer. Uma sensação de paz invadiu-a, e ela procurou algo inócuo para dizer. Não queria brigar com ele.

— Esta deve ser a sala de jantar mais original do mundo.

— A princesa Jana planejou-a para uso particular. É o refúgio predileto de Omar. Nenhum negócio de estado é tratado aqui.

— Espero que a comida venha logo! Não como desde Londres e estou faminta.

— Peço desculpas. Fátima devia ter lhe oferecido almoço.

— Ofereceu, mas eu não estava com fome naquela hora.

— E não comeu no avião? Ela sacudiu a cabeça.

— Geralmente não como.

Houve um clique curiosamente amplificado, e depois, na cidade lá embaixo, a voz envolvente do *muezzin* começou a recitar o chamado para a oração. Os tons graves do recitante se derramaram sobre a cidade, ecoando na distância. Eles ficaram sentados em silêncio, escutando, tentando não lembrar como, fazia muito tempo, ele havia carinhosamente descrito esse som para ela.

Um garçom veio, espalhou uma toalha na plataforma entre eles e colocou nela duas jarras e quatro taças. Encheu as taças pela metade e desapareceu novamente.

Allahu akhbar. Allahu akhbar. Hayya alas salaah.

— O que ele está dizendo?

— Deus é grande. Venha à oração — Salah traduziu em voz baixa.

— É curioso ouvir tantos ecos! É o deserto que faz isso?

— Ecos? — Um sorriso repuxou-lhe a boca e ele sacudiu a cabeça. — Cada mesquita tem seu próprio *muezzin*, para que ninguém more longe do chamado. Aqui em cima, ouvimos todos.

A última nota soou quando a escuridão cobriu o céu. Desi se reclinou e olhou para as estrelas que começavam a aparecer.

— Isso é mágico — ela sussurrou, e depois, com a testa franzida — Isso me lembra algum lugar! Qual? Aquele céu é puro veludo. Não consigo saber onde vi tal... — *oh!*

Um rubor subiu-lhe pelo peito e para o rosto, como um incêndio repentino, e ela se sentou instintivamente.

— O que é? — Salah perguntou.

— Nada. — Ela tossiu. — Algo na garganta.

— Lembrou-se de alguma coisa? Um lugar? Uma época?

— Não. Não realmente. — Ela voltou a tossir.

— É — ele disse asperamente, e todas as suas intenções para a noite se desfizeram em fumaça. — A ilha. Eu também, Desi. A primeira vez que sentei aqui sob a treliça à noite lembrei-me daquelas noites debaixo do píer. Olhávamos as estrelas brilhando com uma beleza infinita, dizendo-nos que era o momento certo, o lugar certo, a pessoa certa.

Desi fitou-o, imóvel, o copo a meio caminho da boca.

— Você se lembra, Desi?

— Lembro? — ela perguntou amargamente. Lágrimas lhe corriam pela garganta, mas, de jeito nenhum, ela lhe daria essa vitória.

— Sim — ele disse violentamente. O seu rosto estava sombreado à luz das velas, os olhos escondidos, a boca rija. — Sim, você sabe como era o nosso amor! Diga-me! Quero saber que você se lembra.

— Por quê, já que você esqueceu?

— Pensei que as estrelas morressem antes de meu amor por você. Disse-lhe isso, não foi? *Quando cada uma destas estrelas for uma massa enegrecida, meu amor ainda estará 'ardendo por você.* Não foi isso que lhe disse?

A garganta dela se apertou. Ela baixou o copo na mesa sem beber.

— Não me lembro — ela disse, com os olhos sombreados e cinzentos.

— Ah, ainda bem. Porque eu estava enganado. Meu amor não durou.

— E mesmo? Não brinca! E orgulha-se disso? Sempre quis saber.

— Orgulho? — Os olhos dele lampejaram. — Por que devia me orgulhar? Fiquei envergonhado, por você e por mim. Meu amor não morreu honrosamente, como uma estrela se consumindo em seu próprio fogo. Você sabe como ele morreu.

— Seu amor morreu porque foi uma fantasia desde o princípio. Até as estrelas se apagarem? Ele não teria sobrevivido a um soluço.

O garçom apareceu de repente, trazendo uma cesta de pão e outra cheia de raminhos de verdura, e desapareceu novamente.

— Esta noite — Salah disse — eles nos trarão as comidas sobre as quais falei naquelas noites estreladas quando vivíamos um sonho.

Ela fechou os olhos e respirou para se acalmar quando a lembrança a atingiu.

— Porquê?

— Porque foi uma promessa. Um homem cumpre suas promessas — ele disse. — Mesmo com dez anos de atraso.

Um beijo a cada bocada.

Ela não esperava por isso. De todas as reações que poderia ter imaginado vindo de Salah, a última teria sido que ele realmente quisesse levá-la para a cama. Chamas se acenderam em seu coração. Não. Não.

— Desde que você não espere que eu cumpra as minhas — ela disse, de cara séria.

Ele sorriu.

— Mas eu sei muito bem que você não cumpre suas promessas, Desi. Quem sabe disso melhor do que eu? Aquele outro com quem prometeu se casar e depois não casou?

A lembrança amarga foi como bile na garganta dela.

— Naquele caso, mudei de idéia.

— É — ele disse com ênfase. — Você mudou de idéia.

Por que ele estava fazendo isso? O que ele queria? Ela não conseguia entender nada. Durante anos, esperara pelo telefonema dele, desejando-o com toda força. Até que seu amor morreu e não sobrou nada, senão pó e cinzas. Ele devia saber disso. A escolha foi dele.

— E você, não mudou?

Ele a fitou por um momento prolongado e elétrico, durante o qual seus olhos pareciam penetrar-lhe a alma. Um olhar duro e raivoso, nada parecido com o rapaz que ela conheceu e amou. Depois, ele partiu um pedacinho de pão, pegou um raminho de verdura, enrolou-o com perícia no pão e estendeu-o para ela.

— Falei com você sobre isso. *Sabzi-o-naan*. E tradicional nas montanhas.

Desi pegou-o e botou-o na boca. O sabor pungente de uma erva que ela não reconhecia explodiu em sua boca e em suas narinas, doce e fresco, e ela fez um ruído involuntário de surpresa. As pálpebras de Salah ocultaram seus olhos por um instante, depois um olhar sombrio queimou-a.

— Ensinei-a a fazer esse som — ele disse roucamente. — Achei que seria a música do resto da minha vida.

Ela se sentiu tomada de calor àquelas palavras, que atacavam as defesas que via agora serem fracas demais.

— Pare com isso — ela disse. Ele estendeu a mão para as ervas, arrancando um raminho e botando-o na própria boca.

— Parar? Parar, como? Você está aqui no meu país, aonde prometeu vir. Agora, eu cumpro o meu lado do acordo. Prometi que você se deliciaria com estas ervas. Delicia-se?

Ela aceitou o petisco novamente e botou-o na boca, por que não havia nada mais a fazer.

— Muito bom — ela disse inexpressivamente.

— A frescura em sua boca. Disse-lhe então que a beijaria após cada mordida. — Os lábios de Desi se separaram num ofego. — Um beijo a cada bocada. Lembra, Desi? Devo cumprir essa parte da promessa, embora dez anos tenham se passado?

— Não, não lembro — ela disse, novamente sem expressão. — Não — outra vez.

— Não? — ele disse. Ela não lhe via os olhos. — Não foi por isso que veio, pelo meu beijo? Mas, então, para que veio aqui, Desi? Por que vem ao meu país, se não é para isso?

— Por que se envolveu? — ela replicou. — Não precisava!

— Mas, sim! — Ele ergueu uma palma. — Meu pai estava determinado a permitir sua visita. O resto se seguiu.

— Ele disse que arranjaria "um guia". Por que teria de ser você?

— Quem mais? Sabe o que devo à sua família, tantos anos de hospitalidade! Sabe

que tal hospitalidade deve ser retribuída. — Um instinto passageiro disse a ela que havia algo mais nisso, mas ela estava abalada demais para perceber o que era. — Então, Desi, creio que sabia que seu guia seria eu. Nosso encontro era inevitável. E pergunto-lhe novamente: Por que está aqui? O que quer de mim?

— Não quero nada de você, Salah. — Ela abriu a boca para dizer que contrataria outra pessoa como seu guia, pensou em Sami e fechou-a novamente. Afinal, ele tinha razão. Estava tudo correndo de acordo com o plano. Ele só se enganava quanto à responsável pelo plano.

— Por que mente? Não é vergonha o que veio buscar. Uma mulher tem o direito de experimentar o prazer. Se seu amante ocidental não lhe proporciona isso, deve procurar alguém que o faça.

— Tenho certeza de que você tem razão — ela replicou. — Mas pode acreditar que não preciso vir tão longe em busca disso.

Ele ergueu as mãos.

— Como posso acreditar nisso se você está aqui? Uma risadinha irritada escapou dela.

— E, mesmo que fosse verdade, você seria a última pessoa que eu procuraria.

— Não — ele disse, com tal certeza que ela quase acreditou que ele lia seus pensamentos.

— Posso lhe garantir, Salah — ela disse. — Você está imaginando isso. Tudo que você imagina é fantasia sua. Não estou nem remotamente interessada em reviver os velhos tempos com você.

Ele riu e, antes de ela poder evitar, agarrou-lhe o pulso. Ela sentiu o sangue pulsando contra o polegar dele. Achou que ele ia puxá-la contra ele de novo, seria tão fácil, mas ele a soltou abruptamente.

— Está em seu sangue, em cada parte de você. Como em mim — ele disse, com uma espécie de autodesprezo raivoso. O coração dela saltou.

Ele fez um gesto de sultão e o garçom veio e levou as cestas embora.

Agora não havia nada entre eles. Ele estava deitado, apoiado num cotovelo, olhando para ela. Não se mexia, mas parecia se aproximar. Era angustioso para ela recuar, uma limalha tentando sair do campo poderoso de um ímã.

— Vamos fazer amor aqui, Desi, como fazíamos debaixo do píer?

— Não seja...

— Posso mandar que todos se retirem. Apagaremos as velas. Seremos só você, eu e as estrelas.

— E a sua consciência? — Ela estava desesperada, agarrando-se a qualquer coisa que o afastasse. — Isso não atrapalharia?

— Minha consciência?

— Não está noivo de Sami? — ela perguntou.

CAPÍTULO SETE

Ela não tinha a intenção de dizer aquilo. Tinha planejado fingir que não sabia. Havia coisas que ela conseguia fazer, mas fingir ser alguém capaz de dar em cima do noivo da melhor amiga não era uma delas.

Porém, estava se agarrando a qualquer defesa possível. Tinha ficado bem claro nos últimos minutos que ela não podia confiar em si mesma se Salah fizesse uma investida mais séria. A armadura que a protegera durante anos não ia resistir a esse desafio. Seu coração estava se derretendo de tristeza e saudade, a pele, eletrizada por sensações.

Ela não deixaria que isso acontecesse. Seria uma traição total. Morreria se fizesse amor com ele.

— Mas não foi por isso que veio justamente neste momento, Desi?

— O que quer dizer?

— A ocasião escolhida é boa demais para ser coincidência. Sabe que nunca mais poderei fazer amor com você depois de me casar. Nossa chance estaria perdida para sempre.

— Não acha que estar noivo de minha melhor amiga já não o deixa fora dos limites?

— Não estamos noivos. Isso ainda não foi discutido. E um homem deve se conformar com o passado antes de se casar, não é? — disse Salah. — Para que possa ir para a sua esposa sem... pesar. Você nunca me saiu da cabeça, Desi, como pode imaginar o contrário? Se vou me casar, primeiro preciso... como vocês chamam? Terminar um assunto pendente.

O coração de Desi bateu forte e dolorosamente. Em seus piores devaneios, não imaginara perder o controle da situação tão depressa assim.

— E como, exatamente, fazer sexo comigo seria resolver um assunto pendente? — ela perguntou com amargura. — É uma questão de ego? Espera me ouvir dizer que o sexo com você estabeleceu um parâmetro que jamais foi superado?

— É verdade?

— Não, não é!

— Você sempre mentiu mal — ele replicou.

— E você sempre teve um ego gigantesco.

— Julgo pela minha própria experiência, Desi — ele disse.

Essa admissão percorreu-a como um incêndio. Sentiu-se quase desmaiando.

— Não acredito! Umas poucas semanas, dez anos atrás!

— E você? Você também não deseja resolver essa pendência?

— Consegui resolver essa pendência há muito tempo — ela mentiu. — No dia em que você me disse que eu era mercadoria danificada.

— E aquele velho? Era um bom amante? — Salah perguntou, com uma expressão

indecifrável nos olhos.

— A que velho se refere?

— Aquele com quem quase se casou, Desi. Você se esquece dos amantes tão facilmente? Ele lhe deu tanto prazer quanto eu?

— Leo tinha 45 anos!

— Era...

— E não é da sua maldita conta!

Desi pegou um dos copos e tomou um gole de água. Algo explodiu em sua boca, queimou-lhe a garganta, ardeu-lhe nos nervos. Ela arfou e tossiu.

— Meu Deus! O que é isso? — ela gritou, fitando, horrorizada, o copo.

Salah riu alto.

— Vinho, Desi — ele disse, no momento em que o cérebro dela finalmente interpretou o gosto e lhe deu a resposta.

— Ora, que loucura! — A tensão daqueles momentos explodiu numa risada, enquanto ela se recostava nas almofadas. — Por um instante, achei que você... — Interrompeu-se quando via para onde ia. — Já fez isso alguma vez?

— Tentei envenená-la?

— Bebeu uma coisa quando esperava outra?

— Na Inglaterra, uma vez — ele revelou. — Bebi o que pensava ser café. Não era café. Por um instante, pensei: *deram-me urina de porco para me insultar!* Depois percebi que era chá.

Ela deu uma gargalhada. O incidente os arrancou da atitude de recriminação raivosa. Eles ficaram deitados ali, rindo juntos sobre nada, como nos velhos tempos. Sempre tinham rido juntos. Era uma das coisas que ela mais amara, de que mais sentia falta...

Risadas compartilhadas com um amante. Nada melhor do que isso.

E agora, quando ele já não a ameaçava, quando suas defesas estavam desarmadas, as camadas protetoras com que ela cobrira o passado foram arrancadas. E, num instante, ela estava desprotegida outra vez. O coração se apertou de saudade. Ai, o que tinham feito? O que tinham perdido?

O garçom chegou com o prato seguinte, uma bandeja com uma dúzia de pratinhos que pareciam todos incrivelmente suculentos. Exatamente como Salah prometeu, dez anos atrás.

Ela precisava acabar com aquilo. Salah já era perigoso o bastante sem que seus próprios sentimentos o ajudassem. Se havia uma coisa que ela não ia fazer nessa viagem era se deixar seduzir para resolverem uma pendência.

Para ele seria o fim. Para ela, Desi percebeu de repente, seria justamente o contrário.

Sentou-se.

— Então, quando partiremos? — ela perguntou alegremente, enquanto os pratos eram colocados, um a um, na toalha entre eles. — Vamos logo de manhã cedo?

Ele contraiu o queixo do jeito que ela lembrava.

— Amanhã, não. Você precisa de pelo menos um dia para se aclimatar ao deserto. Talvez dois.

— Mas...

— E tenho negócios amanhã. Depois de amanhã, se você insistir, pela alvorada.

Ela concordou com a cabeça.

— Quanto tempo leva para chegar ao local da escavação?

— Quanto tempo? — Salah examinava atentamente os pratos. — Isso depende.

— *Depende?* De quê?

O último prato foi posto na toalha, o garçom fez uma reverência e se retirou, e Salah começou a servir pequenas porções variadas num pratinho.

— De quê? — ele repetiu distraidamente. — Oh, pode depender do tempo, do vento...

— Do *vento*? Vamos velejando? — ela perguntou ironicamente.

— Você não é tão ignorante sobre o deserto que não saiba que o vento pode ser um inimigo perigoso.

— Imagino que os meteorologistas prevêem o tempo em Barakat como em qualquer outro lugar.

— A mudança de clima impacta o deserto como em qualquer outro lugar, também.

— Então, um vento forte pode surgir de repente e ficaremos presos na areia?

— Já aconteceu. Nem é tão raro assim. Experimente isto, Desi — Salah disse, esticando um braço comprido para colocar uma variedade de petiscos diante dela.

O aroma da comida chegou às narinas dela, absolutamente inebriante.

— Ai, que cheiro fantástico! — Ela gritou, pegando um pedacinho de algo misterioso, depois suspirou ao sentir o sabor. — Isto é delicioso. É a comida dos deuses.

Você faz isso parecer a comida dos deuses, ela dissera.

Ele a olhou, e ela soube que ele voltara para lá também. Procurou pensar em algo para dizer, para voltarem ao presente.

— Então, nós...

— Por que o trabalho de meu pai a interessa, Desi?

O coração dela afundou. Ela jogou os cabelos para trás para olhá-lo.

— Estava tudo na minha carta. Ele não lhe disse?

— Diga-me você.

Droga! Isso não era justo. A carta, quase toda composta por Sami, deveria ter aberto o caminho, estabelecido todas as mentiras. Desi não se incomodava de *viver a mentira*, já que tudo dependia disso, mas odiava ter de *dizê-la*, cara a cara. Especialmente para Salah. Especialmente agora. Especialmente porque, ela bem sabia, era uma mentira ridiculamente improvável.

— Ele não lhe disse que vou voltar à universidade para me formar?

— Agora?

Ela concordou com a cabeça, pouco à vontade.

— Vou começar em meio-período este ano... se puder. História e Arqueologia do Oriente Médio.

— Por quê? Já não tem uma carreira muito bem-sucedida?

— Não posso ser modelo para sempre — ela disse, e isso era realmente verdade.
— Quero uma transição suave quando chegar a hora.

— Uma transição para a arqueologia? O que lhe despertou esse interesse repentino?

— Não tão repentino. Interesse-me por arqueologia desde aquele verão, quando a universidade fez uma escavação na ilha. Lembra do local das Primeiras Nações onde escavavam? Costumávamos ir para lá e observar todos os dias. Nunca me esqueço da emoção de ver alguém desenterrar uma ponta de flecha!

Aquela parte, pelo menos, era verdade: Desi, aos 11 anos, ficara fascinada ao ver o passado desenterrado. Um dos estudantes estimulou seu interesse, contando-lhe o que cada descoberta dizia sobre as pessoas que moravam ali, mostrando como a história de 200 anos atrás podia ser desvendada mesmo sem registros escritos.

— Duzentos anos? — Salah tinha dito com desdém juvenil.

— Em meu país, temos cidades de 5 mil anos.

Desi tinha reagido ao desafio com uma indignação previsível.

— E daí? — ela gritou. — Aposto que há muitos países com cidades de *10 mil* anos.

Ele sorriu quando ela o lembrou disso, mas os olhos estavam sombrios demais para serem decifrados.

— Você me deixou tão zangada! Mas acho que resolvi naquele dia que eu viria a Barakat para ver do que você estava falando!

— E agora está aqui.

Ela odiou o jeito que ele disse isso.

— Não vai achar a arqueologia sem graça depois de uma carreira de supermodelo?

— É melhor do que lançar um perfume chamado *Desirée* — ela disse secamente. Sua ojeriza por isso, pelo menos, não era mentira. — *Feminino, delicado, com um toque ardente de sensualidade*. Ou uma cadeia de restaurantes: Desi's Diner. Que tal?

Ele teve a cortesia de rir.

— Mas uma cadeia de restaurantes com um toque ardente de sensualidade não é justamente do que o mundo precisa?

Ela revirou os olhos.

— Não por mim.

— E só uma visita urgente à escavação de meu pai a livrará desse destino?

Como Desi odiava as mentiras! Mas não tirava da cabeça a angústia de Sami... *Só tenho uma chance de reverter a situação...*

— Já lhe disse. É o único tempo livre que tenho — ela explicou. — É a época em que vou para a ilha todos os anos. Pensei como seria ótimo se eu pudesse combinar com

o seu pai e ele me aceitasse como voluntária na escavação por umas duas temporadas. E um dos requisitos do curso.

A explicação pareceu quase razoável durante a etapa de planejamento. Agora, nem tanto.

Para seu alívio, Salah mal parecia escutá-la. Estava desfiando uma asa de galinha.

— Experimente isto — ele disse, debruçando-se para levar à boca de Desi um pedaço coberto com um molho grosso e escuro. Ela automaticamente abriu a boca e mordeu a carne macia, depois grunhiu diante do sabor forte que se dissolvia em sua boca.

— Mmm! O que é essa coisa escura? Nunca provei nada tão delicioso! — Ela disse, quando pôde falar.

— Molho de romã. Outra especialidade das tribos montanhesas.

Havia uma gota de molho no rosto dela. Salah pegou-o com a ponta do dedo e o ofereceu a ela. Ela lambeu instintivamente, depois seus olhos voaram para os dele.

Ele deslizou o dedo molhado deliberadamente pelo lábio inferior dela.

A respiração funda e rouca de Desi disse-lhe tudo. Uma descarga elétrica abalou o ar noturno. Os olhos negros dele refletiam duas chaminhas douradas, como a avisá-la de que seu toque a queimaria. Com os dentes brancos, ele deu uma mordida no mesmo pedaço que oferecera a ela, e a intimidade sensual do gesto golpeou-a novamente.

Desi abaixou os olhos e tratou de limpar o rosto com um guardanapo. Tentou pensar em algo para dizer, mas não conseguia. Sentia-se *gaúche*, inexperiente. Como se os dez anos não tivessem passado de ilusão.

Caiu um silêncio pesado de sensação, expectativa, uma pergunta feita e respondida.

Ela começou a comer.

As lanterninhas na toalha iluminavam as mãos dele quando ele comia, enfatizando a força de seus dedos, a graça fluida de seu pulso, que se transformava em poder quando ele pegava um pouco de *naan* ou um cálice. Desi lembrou-se involuntariamente daquela mesma mão, pintada de luar e sombras, áspera e carinhosa, com paixão inexperiente, enquanto ficavam deitados sob o píer.

Às vezes, também, a boca e o maxilar de Salah tinham toques de ouro: uma boca severa, com um lábio inferior polpudo, à qual o claro-escuro dava linhas mais sensuais do que se via à luz normal. Os seus olhos eram quase sempre sombreados, exceto por um brilho negro na escuridão.

— Ainda vai para a ilha? — ele perguntou.

— Meus pais agora moram lá o ano inteiro. Passo um mês com eles todos os verões, e vou no Natal, quando posso.

Ele pediu notícias de todos. Suavemente, ele a fez recordar. Ela sabia que era proposital, para provar algo, para criar um ambiente, mas não podia evitar isso, nem resistir.

As sombras, as estrelas, a voz dele, a conversa sobre aqueles verões na ilha, tudo conspirava para levá-la de volta às horas doces em que ficavam deitados no refúgio debaixo do velho píer, num mundo só deles. Começou a se sentir como aquela criança-mulher novamente, prestes a descobrir a si mesma e a outro, a descobrir o amor e o desejo, o seu próprio poder sexual e o do outro.

Ele tinha sido seu amante. Ela sabia o que significava ter aquelas mãos acariciando e afagando-a. Às vezes, quando a mão dele desaparecia na sombra, seu corpo tremia na expectativa de uma carícia.

Enquanto conversavam, Desi se afundou nas almofadas que a cercavam, com as pernas dobradas com uma graça inconsciente, apoiada no cotovelo e comendo com os dedos. Todas as suas defesas estavam desarmadas. Havia dez anos que não comia tanto em uma refeição. Era uma delícia sensual completa.

Ele a observou relaxando, e o predador que havia nele se regozijou com o seu sucesso, mesmo enquanto ele dizia a si mesmo que isso não significava nada.

O último prato foi colocado diante deles, uma massa folhada encharcada com a promessa de doçura, e ela, finalmente, conseguiu resistir.

— Parece maravilhoso, mas nunca como açúcar — ela disse.

— É feito de mel.

— Nem mel. — Porém, uma vez na vida, ela não conseguiu resistir. — Só uma provadinha — disse.

Erro fatal.

— Oh, é delicioso demais! — ela exclamou, largando, apressada, o garfinho de ouro.

Salah inclinou a cabeça, e ela viu claramente seus olhos. Eles cintilavam, divertidos, porém havia algo mais, e o sangue de Desi pulsou tão dolorosamente que ela quase choramingou.

— Quer afastar a tentação tão facilmente, *Deezee*? — ele perguntou, e a voz acariciou-lhe as pontas dos nervos.

Ela o olhou, um homem duro como nenhum outro.

— Você não quer?

— Não uma tentação como esta — ele disse. Ela sabia que ele não se referia ao doce. Com uma chama tremulando nos olhos escuros, ele tirou o doce do prato dela com os dedos, jogou a cabeça para trás e o pegou com a língua.

Isso quase a derrubou. Sensações percorreram-lhe a pele, despertando cada célula.

O olhar dele captou o seu antes de ela poder virar o rosto, e estava tudo ali naquele olhar. Ela o viu lendo em seus olhos. Ruborizou-se, mas não pôde arrancar os olhos dos dele.

Os olhos de Desi estavam verdes de desejo. Ele sorriu como um lobo, sombrio e determinado, e disse o que não queria dizer.

— Quer que eu vá para a sua cama hoje à noite, Desi? Ela se sentiu tomada de calor. Oh, como podia sertão fraca?

Teve dez anos para superar isso!

— Não.

Ele deu de ombros.

— Então, deve vir para a minha.

— Mmm. Chegarei num burro voador.

Ela estava caindo aos pedaços, e era só o primeiro dia. Desi respirou fundo, tremulamente. Quanto mais depressa ela saísse do palácio e fosse para a escavação, onde havia outras pessoas, melhor.

Ela se sentou e apertou uma almofada nas costas,

— Então, ainda não me disse. Quantas horas levaremos na estrada?

— Horas? O que quer dizer?

— O que você quer dizer?

— Desi, a viagem pelo do deserto levará pelo menos quatro dias, provavelmente cinco.

CAPÍTULO OITO

Como foi o voo? Já o viu?

Onde está? Ligue por favor !

Havia cinco mensagens de texto de Sami em seu Blackberry e meia dúzia de ligações não atendidas. Desi devia ter mandado uma mensagem de texto para Sami assim que chegou e ficou espantada ao perceber que tinha se esquecido. Tinha se esquecido completamente de tudo do momento em que se encontrou com Salah.

Ele assassinou vc? O que se passa?

Desi ficou sentada ali, com o telefone na mão. Devia ligar para Sami e botá-la em dia... porém, não queria falar sobre Salah nem do jantar que acabara de compartilhar com ele.

Ou o fato de que tinha recusado a chance de compartilhar a cama com ele. Mas tinha de responder.

Descp, descpl Mudança fuso horário. S. me recebeu. Vou dormir agora. Falamos mais tarde, ela enviou.

Impiedosamente, desligou o telefone antes de Sami poder ligar. Depois, ficou deitada naquela cama de contos de fada, envolta na luz suave do abajur, tentando pensar; tentando obter uma perspectiva da noite que acabara de experimentar.

Cinco dias sozinha no deserto com Salah! Como era possível? Como Sami não sabia disso?

O que ela faria, sozinha com ele, dia após dia, noite após noite, um estranho desagradável que, de alguma forma, tinha compartilhado um passado com ela? Um homem que achava que fazer amor com ela lhe daria alguma pendência?

Ele a desejava. Seu amor podia estar morto, como ele afirmava, e ela acreditava, mas Salah a desejava. Ela estava sozinha agora porque quis assim. Ele teria vindo para a sua cama se ela tivesse vacilado por um instante.

Será que ele ainda viria? Ela não podia ter certeza. Ela havia dito não, mas talvez ele pensasse que se viesse ao seu quarto, ela não poderia continuar recusando.

E ele teria razão. Desi estava com medo. Todas as defesas que construíra durante dez anos tinham desabado num sopro. Ela se sentia vulnerável de um jeito que nunca sentira com qualquer outro homem. E não sabia o que ele realmente queria.

Pendência. Isso era uma coisa tão extraordinária para um homem, como Salah costumava dizer! O que o sexo lhe daria? *Você não me sai da cabeça, Desi.* Seria verdade? Ou ele teria algum motivo oculto para dizer isso?

Desi afastou o lençol e se sentou na beira da cama, com a cabeça apoiada nas mãos. Depois de um instante, ficou em pé e começou a andar de um lado para outro.

A intimidade do jardim suspenso. A constante volta ao passado. O fato dele encomendar a comida que havia carinhosamente descrito para ela dez anos atrás. O jeito irresistível como ele tinha escolhido petiscos para ela, e dado a comida em sua boca. Lembranças dolorosas do amor deles, recordações ardentes de intimidade, atitudes de um homem determinado a reconquistar um velho amor.

Tudo falso. Tudo encenação. Salah não queria reconquistá-la. Tinha deixado isso muito claro já fazia bastante tempo.

Por quê, então?

Ele quer vingança. O pensamento surgiu-lhe na cabeça subitamente. Quatro dias. Cinco. Ele poderia descobrir uma dúzia de modos de se vingar; sozinho com ela no deserto durante cinco dias. Mas vingar-se de quê? Tudo que aconteceu foi causado por ele.

Alguns dias depois de partir, Salah telefonou. Ele implorou, defendeu seu amor. Sabia agora que fora movido pelo ciúme. Acreditava que aquele olhar dela era só para ele, e estava lá na foto para qualquer um que a visse. Tinha se protegido, culpando-a.

— Porém, nunca mais farei isso, Desi. Vou me entender melhor, também. — Se ela apenas o perdoasse.

O telefonema veio tarde demais. Aquela discussão deles tinha abalado Desi profundamente, e, de repente, todas as mudanças que antes pareciam fáceis assustaram-na. Afastar-se da família e dos amigos, mudando-se para um país do outro lado do mundo, cuja língua ela não falava, cujo povo, cultura e religião ela desconhecia, onde ela não conhecia ninguém senão Salah? Ter filhos que seriam cidadãos de outro país?

Os acontecimentos também estavam contra eles. Naquela semana foi exibido na televisão um documentário brutal, mostrando uma mulher sendo apedrejada até a morte na capital de Kaljukistan. Os noticiários de TV estavam cheios de atrocidades contra as mulheres lá.

Desi ficou profundamente amedrontada. Será que realmente conhecia Salah? Como poderia amá-lo se não sabia quem ele era?

Era moça demais para lidar com os sentimentos terríveis, contraditórios, que a assolavam ao som da voz dele.

— Eu não amo você — ela gritou.

— Ama, sim — ele insistiu, mas era jovem também. — Você me ama, Desi. Nós nos amamos. Eu amo você! Eu a amo mais que o mundo. Por favor, por favor, Desi, nós vamos nos casar!

Porém, os temores loucos dela foram mais fortes que a coragem jovem dele.

— Você é igualzinho aos kaljuks! — ela o acusou, finalmente. — Quer que eu pare de fazer qualquer coisa exceto ficar em casa e ter filhos!

Duas semanas depois, ela soube, por Sami, que Salah estava em Parvan, lutando ao lado do príncipe Omar e os Companheiros de Copa. A dor angustiada em seu coração revelava-lhe a verdade sobre seus próprios sentimentos, mas não havia como dizer isso a Salah agora.

Desi sentia-se totalmente impotente. Tinha destruído algo precioso e, agora que via seu erro, não havia volta.

Antes de ela conseguir pensar no que fazer, Leonard J. Patrick chegou à cidade.

Ele era o mais importante agente de modelos da América do Norte. Tinha um faro pelo que chamava de qualidade estelar crua. Quando veio atrás de Desi, o futuro dela ficou praticamente garantido: *status* de supermodelo, celebridade, sucesso. E, naquele momento, isso parecia a solução.

Ele carregou Desi para os melhores consultores no continente. Criou um *look* especial para ela.

Desirée. Leo lançou-a com uma fanfarra, e seu faro não se enganou.

Às vezes, Desi tinha a sensação de que aquela não era a vida certa para ela. Ansiava por Salah com um desejo tão profundo que chegava a queimá-la. *Salah foi ferido*.

A beira de um oceano, tapando um ouvido contra a música e as risadas que vinham de um balcão, Desi tinha cambaleado e quase caído, como que atingida por um ricochete da bala.

— *Ferido! Como?*

— Ele estava liderando um ataque a uma posição dos kaljuks — disse Sami, soluçando. — *Baba* está tentando conseguir mais informações. Achemos que ele está num hospital de campo...

— Um amigo meu foi ferido na guerra Parvan-Kaljuk — Desi disse a Leo. — Tenho de ir para lá. Por favor, não tome mais nenhum compromisso para mim agora.

Porém, por mais que tentasse, Leo nunca conseguiu arranjar uma folga na agenda dela...

— Ele está de volta em Central Barakat — Sami lhe disse. — No melhor hospital, diz o tio Khaled. Oh, Deus, Desi, foi na *cabeça*.

Desi tinha mandado um cartão bonitinho, com o desenho de um ursinho remendado. Tímida demais para dizer o que lhe ia no coração, ela escreveu apenas umas poucas linhas. Se ele respondesse, *quando ele* respondesse, ela tomaria mais coragem. Sabia que ele responderia.

Se pudesse...

A noite sonhava com ele. Sonhava que ele estava perdido na escuridão, precisando dela, chamando por ela. Mas ela não conseguia encontrá-lo e, quando abria a boca para chamá-lo, a voz não saía.

— Ele está fora de perigo — Sami contou, depois de três semanas de pesadelo. — Foi levado para casa, minha tia está lá agora cuidando dele.

Finalmente chegou uma carta com um selo de Barakat. Ela sabia que só podia ser de Salah, e sabia, também, que agora precisaria ter a coragem de encarar Leo e dizer-lhe

o que precisava ser dito: sua vida ali tinha acabado. Essa vida não era para ela. Ela pertencia a Salah.

Abriu a carta na maior inocência, com o coração aberto.

Era curta. Percorreu com os olhos as poucas linhas, tomada de tristeza antes mesmo de compreender seu significado. *Por que me escreve? O que podemos ser um para o outro agora? Você traiu sua honra. Um homem deve se casar com uma mulher honrada, ou então lamentar sua insensatez pelo resto da vida.*

CAPÍTULO NOVE

O luar, entrando pelos vidros coloridos acima da porta, jogou sombras azuis, vermelhas e verdes em seu rosto quando Desi abriu a porta e saiu para o balcão. Tudo estava quieto. O luar banhava o pátio e era refletido pela superfície calma do espelho de água lá embaixo. A árvore farfalhava, tocada pelo vento.

O vento apertava a seda da camisola de Desi contra seu corpo, e a lua delineava em ouro branco tudo que o vento revelava. Vento e lua conspiravam na revelação de beleza.

Não admira os pagãos os adorarem, ele pensou, quando concedem favores como este.

Ela tremeu, como se sentisse a presença dele, mas não se virou para as sombras, onde ele estava esperando.

Ele sabia que ela viria. O desejo verdadeiro sempre atraía a pessoa desejada. *Desirée*. O rouxinol cantava para a rosa... e a rosa espargia seu perfume pela noite.

A lua brilhava no céu. Desi se inclinou no parapeito e olhou para cima, onde a abóboda do palácio brilhava, roxa.

Ela o amara tanto. Tinha esquecido quanto. Tinha se obrigado a esquecer. Mas não foi ele quem matou aquele amor. Não, seu amor sobreviveu àquela brutalidade. Ela teve de matá-lo por si mesma, deliberadamente, para poder sobreviver.

Ou pensou que o matara. Esta noite, ela compreendeu que seu amor era um rio forçado para o subterrâneo. Agora transbordava da terra fértil de seu ser, rompendo caminho para a luz, ganhando força pelos anos de repressão.

Lágrimas ardiam-lhe nos olhos.

— Salah — ela suspirou. — Oh, Salah.

E naquele sopro ele estava ali, duro e real, seus braços fortes apertando-a num abraço súbito e violento contra seu peito nu.

— Sabia que você viria — ele rosnou, e, no momento em que ela protestava, seus lábios desceram, duros e possessivos, sobre os dela. Ele a beijou até o protesto tornar-se um gemido de entrega, até a mão que o empurrava se derreter submissamente contra seu peito, subir e envolver-lhe o pescoço. Depois, ele apegou nos braços e levou-a até a

cama.

Deitou-a entre os lençóis amarfanhados sem tirar nem por um instante, a boca da sua. Com uma das mãos, ele arrancou o sarongue, a única roupa que vestia, liberando a carne rija e ardente para se apertar contra a coxa de Desi quando se atirou a seu lado.

Ele estava consumido de desejo. Era um tolo, mas isso tinha sido inevitável desde o primeiro momento em que a viu. O poder dela sobre ele só tinha aumentado com o tempo e a ausência, embora ele pensasse que fosse o contrário. Agora, a memória conspirava com aquela sensualidade linda para a sua queda.

Mas, pelo menos, ela cairia com ele; ela também, estava perdida...

Ela jamais sentira tanta violência em um beijo. Os lábios dele a devoravam, ateando fogo em seu sangue. Ele a deitara na cama e esticara o corpo a seu lado sem tirar a boca da sua.

Uma das mãos dele acariciava-a e segurava a gola da camisola. Depois, houve o ruído de tecido se rasgando, e o ar fresco soprou sobre seu seio por um instante, antes de o fogo da mão dele agarrá-lo e afagá-lo.

Sua carne foi queimada pelo desejo ardente do toque dele. Seu corpo se arqueou sob aquele beijo e ergueu-se ansiosamente contra a palma ávida que lhe envolvia o seio.

A mão dele então deslizou do seio, moveu-se pelas suas costas, sua barriga, seu quadril, descobrindo e definindo ao mesmo tempo. Depois, a mão se moveu para a sua coxa, e ele espalmou seu sexo numa posse violenta. Ela derreteu, como se apenas aquele gesto de afirmação de posse fosse o suficiente para levá-la ao clímax.

Ele começou a acariciá-la, com os dedos quentes, fortes e experientes, e seu corpo se ergueu loucamente para o prazer daquele toque. Ela choramingou de prazer e desejo, os sons que ele lembrava, e ele ainda assim não afastou a boca faminta, mas bebeu aqueles miados como vinho.

Ela então abriu mais a boca, enquanto o prazer crescia, e ele enfiou a língua naquele vazio tépido, até o assalto duplo deixá-la soluçando de prazer.

Ele afastou a boca e levantou a cabeça, olhando-a no rosto por um momento longo e torturado antes de voltar a beijá-la, mergulhando em sua boca, faminto, devorando-a.

Ela estava em fogo, derretida, um vulcão de ânsia. Um incêndio de desejo ardia nela, consumindo-lhe os pensamentos, a razão, tudo, menos o fato de que ele estava lá, e ela precisava dele.

O corpo dele era esbelto e urgente contra o seu, como se pela necessidade de anos, e sua mão achou e envolveu a carne rija, ansiosa, e o gemido dele ressoou-lhe nos nervos, aumentando ainda mais seu prazer.

A seda da camisola dela continuava a contrariá-lo. Ele se afastou de Desi, agarrou o tecido com ambas as mãos e rasgou até abri-lo de alto a baixo.

Agora, ela estava deitada ali com o corpo exposto à luz do abajur, exposto ao fogo do olhar dele, a garganta arqueada num convite enquanto ela o olhava. Os olhos dele percorreram avidamente aquela perfeição: cabelos, olhos, boca, seios, cintura, quadris, sexo, coxa, tornozelos... sexo.

Ele a puxou contra si, então, todo o comprimento da pele nua dela alinhado com a dele, e seus braços a envolveram. O rosto dela se aninhou no oco do ombro dele, enquanto a mão dele se curvava por trás de suas coxas e entre elas. Suavemente, os dedos dele deslizaram para dentro da profundidade úmida que os esperava.

Ele acariciou os lábios delicados enquanto o sopro úmido dela ofegava contra sua garganta em gemidinhos de prazer. Seu toque era seguro, como se ele tivesse conhecido o corpo dela intimamente durante dez anos. No que pareceu segundos, ela se ergueu contra aquele toque experiente, gemendo e suspirando, um som que ele lembrava como se fosse ontem.

Ela miou e desceu do clímax, e, então, ele se afastou dela. Depois, a mão dele segurou-lhe a coxa, levantou sua perna, e seu corpo se moveu contra ela e, com uma estocada que a fez gritar, ele finalmente mergulhou.

Encheu-a completamente. Ela gritou, arqueando-se num prazer que não sentira em dez longos anos.

— Salah! — ela gritou, numa voz que ele lembrava, e um gemido soltou-se de sua própria garganta.

O corpo dele mergulhou muitas e muitas vezes no ninho quente dela, e, com cada mergulho, eles gritavam juntos. A mão dele envolvia-lhe o pescoço, e eles se olhavam nos olhos. Ela acariciou o peito forte e os braços dele avidamente, ansiosa por sentir aquela pele, e cada carícia o excitava ainda mais.

— Como esperei por isso! — ele clamou então, contemplando os olhos dela e depois o lugar onde seus corpos se uniam, e o olhar dele tinha um desejo tão apaixonado que o prazer dela atingiu o pico num surto avassalador, e ela soluçou de prazer demasiado.

Foi demasiado para ambos. A intensidade de seu prazer e de sua ânsia era avassaladora. Ele grunhiu, empurrou-se para dentro dela repetidas vezes e, enquanto ela se derretia numa liberação violenta e soluçante, a cabeça dele se levantou, o pescoço se arqueou, o corpo inchou e enrijeceu-se ainda mais, e ele deu uma estocada convulsiva, e depois gemeu alto com ela, um som prolongado e involuntário, que era metade choro, metade felicidade, e depois tombou sobre ela.

Desi acordou e ficou deitada por um instante, com uma sensação de bem-estar preguiçoso, imaginando por que se sentia assim. Quando bocejou e se espreguiçou, um músculo protestou, e ela se lembrou do que havia acontecido durante a noite. Sorriu e virou a cabeça.

A seu lado, a cama estava vazia. Era tarde, e ele tinha dito que teria de trabalhar hoje. Ela não ficou triste. Precisava de tempo para pensar.

Dez anos. Ela se espreguiçou como uma gata, sentindo como se as artérias transportassem mel morno em vez de sangue do coração para o corpo. Dez longos anos desde que sentira essa magia no corpo.

Ele quer se casar com Sami.

O coração se contraiu a esse pensamento. Desi pôs-se de pé. O que tinha feito? Que tipo de tola ela era?

Sami tinha razão. Salah nunca se esquecera dela. Esse pensamento tocou-a em alguma parte de seu íntimo que ela temia examinar mais de perto.

Ela, também, não tinha se esquecido de Salah, isso era óbvio. Talvez tivesse sido melhor se tivesse suspeitado disso antes, Desi refletiu. Estava totalmente despreparada para a investida de emoções dele e dela própria. E tinha caído ao primeiro obstáculo.

Pendência resolvida. Se Salah agora sentia que tinha resolvido tudo o que queria, ela não tinha feito bem algum a Sami. Em vez de ter bloqueado a estrada, tinha aberto o

caminho para o casamento dele com a amiga.

E quanto a ela, que sofrimentos tinha preparado para si mesma?

O café da manhã foi servido em sua suíte. Salah, disse-lhe Fátima, tinha providenciado para que um dos motoristas a levasse num passeio turístico pela cidade, se ela quisesse. Desi passou um dia inquieto, perambulando por mesquitas e jardins. Era tudo lindo e impressionante, mas Desi só absorvia aquilo pela metade. Ficava pensando no que acontecera na véspera e no que poderia acontecer nesta noite.

Será que apenas uma vez fosse o bastante para dar a Salah o fechamento que ele buscava? E ela, como poderia suportar, estar com ele durante tantos dias e noites, com esse desejo infinito que a assediava, se ele não a quisesse mais?

Um outro período com o coração partido, como o que passou dez anos atrás, seria a sua morte.

Ao fim da tarde, quando entrava no carro depois de uma visita a uma mesquita antiquíssima, o telefonou bipou, anunciando uma mensagem de texto. Era de Sami; que acabava de acordar em Vancouver.

Como vai? O q está acontecendo? Fale comigo! OK. Nada a relatar, mentiu Desi. Turismo na cidade hoje, com guia. Parto amanhã para escavação. Quem é o guia?, Sami quis saber.

Hoje, Faraj. Amanhã, Salah. VIAGEM LEVA 5 DIAS PELO DESERTO! POR QUE NÃO ME AVISOU?

OMD! Não fazia idéia. Sinto mto, mas pelo menos terá bastante tempo para exercer sua magia! Carro será ar-condicionado. Mto amor.

Não e o calor, é a COMPANHIA!

Boa sorte. Sabe q desejo q vc tenha sucesso...

Foi então que lhe ocorreu pela primeira vez que, se por suas próprias razões, Salah estava realmente determinado a casar com Sami, ele não ficaria muito satisfeito se ela, Desi, conseguisse sabotar os seus planos. Chegou de volta ao palácio no fim do dia, cansada, com fome e desesperada para ver Salah novamente. Desesperada para saber se algo despertara nele depois de fazerem amor.

— Sua Excelência não vir. Todo encontro muito difícil todo — disse Fátima. — Ele diz amanhã vem no *farj*, café da manhã muito depressa. Sai depois *farj*. Em verão, vai cedo!

— Levantar no *farj*.

Fátima sacudiu a cabeça, sem saber como traduzir a palavra. Achando que fosse um número, Desi levantou os dedos.

— Sete horas? Seis? Oito?

Fátima também começou a sinalizar. Olhou para cima e . moveu as mãos num arco amplo.

— Noite céu, não sol. Sol... — Esticou um braço para indicar o horizonte e sacudiu os dedos.

— Alvorada? Levantar com o sol? Fátima sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Antes sol. *Farj. Muezzin!*

Muezzin, Desi lembrou, significava o chamado para a oração. O primeiro chamado vinha quando o mundo ainda estava escuro. Então, saíam antes da alvorada.

Isso não era sacrifício algum para ela, que às vezes precisava estar se maquiando com o céu ainda negro.

Era difícil, porém, esperar tanto tempo para ver Salah. Tanto mais por desconfiar que ele a evitava deliberadamente. Gostaria de saber por quê. Por que ele temia suas próprias reações, temia sentir-se tentado novamente? Por que ele se sentia culpado pelo que aconteceu?

Ou, pior, porque uma vez era o bastante, e agora seria um sacrifício para ele estar com ela?

Desi sentia-se confusa, em luta consigo mesma. O que significava o fato de que ainda queria Salah, apesar de tudo? Que ligação sexual ainda era tão poderosa agora, mais poderosa, talvez, com a maturidade, depois de ela ter passado dez anos pensando que o odiava?

Por que tinha vindo para cá, e mexido nessa casa de marimbondos?

Comeu sozinha, enquanto ouvia o *muezzin* da noite fazer o seu chamado, e foi para a cama cedo. Ainda não se acostumara ao fuso horário diferente, e a madrugada chegaria logo.

Telefonou para Sami, e ficou aliviada quando caiu na caixa postal da amiga.

— Sou eu. Partiremos amanhã, de madrugada, e aparentemente não há cobertura no deserto sem um telefone de satélite — disse Desi. — Então, estarei fora de contato por alguns dias. Sei que me deseja sorte.

Estava inquieta. Leu um pouco, depois ajoelhou-se na cama, apagou o abajur, abriu a veneziana e encostou os cotovelos no peitoril da janela, contemplando o pátio silencioso e as estrelas.

Se apenas pudesse ter uma noção de onde estava indo! Mas o futuro era negro e impenetrável como o céu. Ela já não sentia mais nada, nenhum senso de fatalidade iminente, nenhuma promessa de liberação. Apenas uma ânsia intensa, insuportável, pela presença dele. De seus braços, de sua boca, de seu corpo. *Por favor, por favor, faça que ele venha para mim...*

Depois de algum tempo, deitou-se. Nem sentiu quando o sono chegou.

Acordou subitamente. Pela janela aberta, viu as estrelas. Uma brisa refrescante soprava sobre ela, sacudindo a veneziana, mas não foi aquele ruído que a despertou.

Ergueu-se e botou a mão no abajur. Antes de poder acendê-lo, ele estava ali, ajoelhado ao lado da cama.

— Desi. — A voz estava rouca com a luta contra o desejo.

Deezee.

Ela estendeu os braços para ele, e, no instante seguinte, o corpo dele estava ardendo contra o seu, e ela estava se afogando.

CAPÍTULO DEZ

O sol ardia alto no céu; um círculo perfeito de fúria incandescente que prometia uma ferocidade maior por vir, e a linha cinzenta da sombra das montanhas corria para eles, perseguida pela areia dourada.

— Que vista fantástica — Desi murmurou. A vista era estonteante por todo o caminho até o Monte Shir, encimado de neve, pairando sobre os contrafortes como o leão de que era chamado.

Salah olhou-a de soslaio, e depois afastou os olhos. Ela parecia o que realmente era: uma linda mulher que tinha conhecido a paixão durante a noite. E ele percebeu, pela mudança que via nela, que fazia muito tempo desde que ela tinha experimentado o tipo de amor sexual que ele tinha lhe proporcionado. Sua pele tinha um brilho que antes faltava; os olhos estavam suaves com o prazer lembrado; a boca, inchada com a lembrança de beijos.

Seus beijos.

Ele sentiu um surto de satisfação masculina. Essa era a medida de um homem, ou uma delas: dar verdadeiro prazer à sua mulher, para que, mais tarde, ela ficasse doce como mel. Seu próprio corpo doía e cantava com o pensamento da doçura dela, e, para ele, também tinha sido um amor sexual como nada que conhecera nos últimos dez anos.

— Disse-lhe que gostaria — ele comentou, mas não estava se referindo ao Monte Shir.

Depois, escutou seus próprios pensamentos: *sua* mulher. Mas ela não era sua, não agora nem nunca mais. E seria um tolo se deixasse o sexo obscurecer o que pensava sobre ela. Ela o tinha traído uma vez, quando ele mais precisava. E estava quase certamente traindo-o agora, traindo, talvez, o seu país, pois, embora não tivesse alguma prova do que ela queria realmente ali, ele podia ter absoluta certeza, pelo menos, de que ela estava mentindo para ele.

O sexo fazia os homens de tolos. Ele sabia disso, tinha visto isso acontecer com outros homens. Não seria um deles. Manteria a cabeça firme. Tinha quatro ou cinco dias para extrair a verdade dela. O desejo não podia cegá-lo. Ele não podia permitir que o sexo interferisse em seus planos.

Tinha sido dez vezes idiota por pensar que podia se encarregar dessa tarefa sem correr riscos.

Desi sorriu e se espreguiçou. Todos os músculos de seu corpo protestavam e, ao mesmo tempo, transmitiam uma lembrança doce do amor sexual da noite passada.

Salah estava louco de desejo naquela noite, procurando o consolo de seu corpo repetidamente, como se para compensar, em uma única noite, os dez anos perdidos. Quando se levantaram ao raiar do sol, Desi não tinha idéia se havia dormido ou não. A mistura de languidez e energia em seu corpo não se comparava com nada que ela havia experimentado antes.

A lembrança daquela noite de amor estava no veículo com eles agora, pesando no ar. Ela estava sensível até à pressão do ar em sua pele; qualquer movimento era como dançar lentamente em mel.

Alguns momentos a mais de sombra e, então, com uma pequena explosão de luz, estavam em pleno sol.

Havia um sorriso em seu ser, e ele aparecia em seus olhos e nos cantos de sua boca. Desi recostou-se preguiçosamente e contemplou a paisagem. O silêncio durou alguns minutos, durante os quais ele saboreou o ar cortante e cristalino, a luz ofuscante e as sombras roxo-acinzentadas sob os contrafortes distantes. E, mais uma vez, teve a estranha sensação de pertencimento, como se o deserto estivesse à sua espera, e agora ia apossar-se dela.

Ele não havia mencionado a carta, mas ela achou que logo mencionaria. Ele poderia se explicar, pediria desculpas? Certamente, eles agora poderiam discutir o que tinha acontecido havia tanto tempo com uma certa imparcialidade?

Ela se remexeu, nervosa. Tudo acontecia depressa demais. Se ele realmente puxasse o assunto, aonde isso os levaria? Estaria preparada para isso?

Será que acabaria por contar a ele sobre Sami, perguntou-se subitamente. Nenhuma explicação verdadeira entre eles seria possível sem isso, mas... como ele reagiria? Tinha prometido a Sami que não contaria a Salah. Se ela se arriscasse a trair aquela confiança... não tinha idéia de que direção a discussão tomaria.

— Tanto tráfego! — ela disse. — Todos saem cedo, ou estão dirigindo a noite inteira?

— Esta é a estrada principal para os campos de petróleo. No verão, todos evitam dirigir no meio do dia.

Ela pensou ouvir na voz dele um reflexo de sua própria relutância em começar algo que não sabiam como terminaria. Bem, havia tempo. Ficariam sozinhos durante cinco dias. Cinco dias para ela tentar organizar os pensamentos. Não havia pressa.

Continuaram em silêncio. Vez por outra, Salah apontava uma ruína antiga no deserto, ou um acampamento nômade distante. Desi riu alto quando ficaram atrás de uma picape levando um jovem camelo, olhando-os placidamente por cima da tampa traseira, ruminando.

— E minha câmera está guardada na mala!

— Tem uma câmera?

— Claro! Quero...

— Não poderá tirar fotos na escavação — Salah disse.

— Oh! É... — Mas temia perguntar por quê, por medo de expor sua ignorância. — Já foi à escavação antes? — ela perguntou, então.

— Algumas vezes — Salah respondeu. — Quando primeiro foi descoberta.

— O que pode me contar sobre ela? Não consegui achar nenhuma informação. Sami disse que talvez fosse contemporânea da Suméria. Pareceu realmente interessante.

Não fazia nem três semanas que Desi ouviu falar na Suméria, uma antiga civilização que floresceu entre os Rios Tigre e Eufrates fazia 5 mil anos, mas seu interesse não era fingido.

Ela havia estudado o máximo possível no curto espaço de tempo que teve para se preparar. Porém, embora pudesse se informar sobre o período sumeriano e sobre a arqueologia em geral, não tinha encontrado absolutamente nada sobre o local onde o pai de Salah trabalhava.

— Meu pai está mantendo tudo em segredo absoluto até poder publicar — ele disse. — Você, ele não poderia recusar, mas não permitiu a visita de nenhum outro forasteiro. Nenhuma mídia. Uma equipe escolhida a dedo. Você compreende.

— Entendo — disse Desi, constrangida, sem saber o que era "publicar" um local, nem imaginar por que um local antigo seria mantido em segredo, e ficou desalentada por saber que estava recebendo um favor tão grande.

— Não tinha noção do que pedia. Quero dizer...

— Tem certeza?

— Certeza?

— Certeza de que não tinha noção do que pedia?

Á voz dele ficou dura de repente. Em qualquer outra pessoa ela teria achado que era desconfiança, mas do que ele poderia desconfiar com relação a ela e à escavação?

— Sou nova nisso — ela explicou brandamente.

— E foi apenas por acaso que você deu com o segredo mais protegido da arqueologia nos últimos 30 anos e ficou interessada.

Era desconfiança. Ela não tinha noção do que ele poderia desconfiar, mas, depois da noite passada, como ele podia falar com ela naquela voz?

— Não saí procurando por isso, sabe — ela disse calmamente. — Sami é a minha melhor amiga. Por que não deveria me falar sobre o trabalho do tio quando contei a ela o que estava planejando? Tenho certeza de que ela não sabia que era tão secreto assim. Teria dito alguma coisa.

— Nem mesmo Sami devia saber.

— Ela sabe porque é por isso que as condições para o casamento ainda não estão sendo negociadas. Até seu pai voltar da escavação. Mas não vamos conversar sobre a escavação se não quiser! — disse Desi. — Falemos de outra coisa. Fizemos amor duas noites seguidas. Conseguiu resolver sua pendência?

Imediatamente se arrependeu de ter falado. Salah virou a cabeça e fitou-a com um olhar tão abrasado que ela sentiu o calor físico.

— E você? — ele replicou.

— Eu não estava procurando pendência alguma. Por que não me dá uma resposta direta?

— Você estava procurando alguma coisa. Já conseguiu?

— Estava procurando ir para a escavação de seu pai — ela retrucou bruscamente. — Já estamos lá? Não? Então, não consegui.

Ele a olhou de soslaio.

— Então não veio aqui para me ver?

— Salah, quantas vezes preciso responder a essa pergunta?

— Com a verdade, apenas uma vez.

— E com isso você quer dizer que não aceitará nenhuma resposta até ouvir o que quer. Fico feliz em atendê-lo. De que resposta gostaria? Vamos acabar logo com isso.

— Desi. — A voz dele quase implorava, e os olhos dela pularam involuntariamente para o seu rosto. — Sei que não está aqui pela razão que alega. Conheço você. Não

pode mentir para mim sem que eu perceba.

— Você não sabe nada sobre mim — ela disse, cheia de amargura. — Não me conhece agora, e não me conhecia no passado. Não poderia ter escrito aquela carta se conhecesse alguma coisa sobre mim.

Ele sacudiu a cabeça diante dessa tentativa de desviar sua atenção.

— Diga-me por que veio.

— Não por qualquer dos motivos que você imagina.

— Isso é uma admissão? Qual o motivo, então?

— Ora, deixe prá lá.

A languidez doce tinha desaparecido de seu corpo. A luz do sol batia no carro com tal ferocidade que ela estava ficando com dor de cabeça. Calor e sol raramente a incomodavam, mas isto era diferente. Uma tira cromada do espelho lateral refletia o sol diretamente em seus olhos. Percebeu que não pusera os óculos escuros; abriu a bolsa e pegou-os.

— Esconder os olhos não vai adiantar.

— Pelo contrário, talvez evite uma dor de cabeça — ela disse rispidamente.

A estrada se curvava para o oeste novamente: o Monte Shir estava por trás deles agora. Diante deles estava uma extensão interminável de areia, tremulando no calor, e a estrada era uma fita prateada esticada sobre a vastidão.

A estrada para lugar nenhum, ela pensou.

Depois do almoço em um pequeno restaurante de aldeia, onde esperaram uma hora até passar o calor do meio-dia,

Salah virou o veículo com tração nas quatro rodas para fora da estrada e partiu através das dunas.

Agora, estavam completamente sós. Dentro de poucos minutos tinham deixado para trás todos os sinais de civilização, e estavam cercados pelo vazio do deserto. O calor tremulava sobre as dunas; o sol era uma fornalha branca contra o azul intenso; a areia pálida, interrompida por afloramentos rochosos de vez em quando, estendia-se até o infinito.

Depois de várias horas, o sol começou a se pôr diante deles, o céu ardendo em vermelho e laranja, e o sol ficando mais gordo e pesado ao se aproximar do horizonte. Enquanto ela olhava, o céu arroxou-se, e agora o sol era uma enorme bola laranja. Quando ele começou a se afundar por trás do horizonte, o céu acima deles tornou-se azul meia-noite.

O sol desapareceu num clarão; o céu ficou negro muito rapidamente. E eles continuavam em seu caminho.

Salah não acendeu os faróis. O mundo era de sombras. Não havia luz humana visível em lugar algum, apenas as estrelas e uma lua quase cheia banhando as dunas de um roxo fantasmagórico. Desi foi tomada de um pavor súbito, atávico.

Remexeu-se nervosamente.

— Quando vamos parar pela noite?

— Em breve — ele respondeu. — Em cerca de uma hora. Está cansada?

Ela deu de ombros e tomou um golinho de água de uma garrafa sempre presente entre eles.

— Um pouco. Não vai acender os faróis?

— Para quê?

— Consegue dirigir no escuro?

— Por que não?

— Mas como sabe para onde estamos indo? Salah riu!

— Existe apenas um jeito de navegar no deserto, Desi, pelo céu. De dia, pelo sol. De noite, pelas estrelas. Meus antepassados fizeram isso por milhares de anos. Não se preocupe, se meus antepassados não fossem bons navegadores, eu não estaria aqui.

Ela riu, e o estranho pavor desapareceu. Falavam pouco, mas uma sensação de paz e companheirismo baixou sobre ela enquanto eles se moviam na noite. Ela quase esqueceu as acusações ásperas da manhã com o prazer de estar com Salah num mundo a dois.

Não tinha idéia de quanto tempo tinham rodado quando finalmente uma centelha de luz apareceu a distância.

— O que é aquilo? É uma cidade?

Um agrupamento de tendas apareceu: um acampamento de beduínos. Quando chegaram lá, um grupo de homens altos, vestidos de robes, estava à espera para recebê-los. Salah estacionou a Toyota contra a cerca de arame de um cercado, e saíram do carro para serem saudados pelos homens.

Era uma raça alta, evidentemente. Os homens a dominavam pela altura, em seus robes ondeantes e seus turbantes, com o porte cheio de dignidade daqueles que jamais perderam sua ligação com a terra. Conversaram com Salah em tons suaves de boas-vindas e levaram-nos ao longo do cercado, que era um curral de camelos. Na luz bruxuleante das tochas, ela viu uma dúzia de animais agachados, os cílios escandalosamente compridos ainda mais sedutores à sombra da lua. O coração de Desi pulou com a magia tão diferente.

Estavam no centro de um acampamento, onde havia luz de tochas e de um braseiro de carvão. Outros homens se movimentavam por ali, colocando pratos de comida sobre um tapete. Um homem tomou suas malas e desapareceu.

— Isto é um hotel? — Desi perguntou, admirada.

— É um acampamento nômade. Mas as pessoas são, por tradição, muito hospitaleiras. Estão acostumados com estranhos aparecendo do deserto. Há passeios turísticos guiados no deserto para estrangeiros. Os turistas hoje em dia freqüentemente ficam com os nômades do deserto como estes.

Desi estava encantada. Um homem inclinou-se para oferecer-lhe uma bacia de prata e uma barra de sabão, despejou água sobre as mãos dela enquanto ela as lavava, e depois lhe deu um quadrado de pano gasto para enxugá-las.

— Isto aqui é um campo de trabalho? — ela perguntou. — Por que não há mulheres?

— As mulheres não servem estranhos — explicou Salah.

— Pela manhã, provavelmente, algumas aparecerão para mostrar seus trabalhos manuais.

— Ótimo! Que tipo de coisas elas fazem?

— Bonecas, cerâmica, talvez. Você terá de esperar para ver.

Logo, a refeição foi servida.

— Será o ar do deserto, ou esta comida é absolutamente deliciosa? — Desi perguntou, comendo com sofreguidão.

— Não comemos desde o almoço — ele observou suavemente.

— E, mas estou tão acostumada a não comer que isso não devia me fazer tanta diferença — disse Desi. — Tenho comido demais desde que cheguei, desse jeito, terei de fazer jejum absoluto durante uma semana.

— Não nesta viagem, por favor. O deserto já é perigoso o bastante sem isso.

Desi concordou com a cabeça e passou a comer mais devagar.

— Usam tanto óleo — ela protestou. — No palácio também. É isso que faz a comida tão saborosa? Como é que todo mundo neste país não vira um elefante?

Salah deu uma gargalhada.

— Azeite — ele a corrigiu, como se falasse em ouro. — O azeite é muito saudável e dá um sabor delicioso à comida. Cultivamos nossa própria espécie de azeitona. O azeite barakati é raro, mas muito apreciado no resto do mundo, e muito pouco exportado. Seu sabor é excelente.

Quando o último prato foi servido, foram deixados a sós com as estrelas por companhia. Acima deles, uma estrela cadente traçou um rastro, dourado até desaparecer.

De repente, o ar noturno pesava em volta deles, carregado de percepção. E, agora que não havia nada para encobri-lo, o desejo ávido deles surgiu como o calor da areia.

— Estão preparando a nossa tenda — Salah disse em voz baixa e enrouquecida. - Quer dormir comigo esta noite, Desi? Quero você.

CAPÍTULO ONZE

Seu coração saltou de ânsia, o corpo se derreteu num desejo imediato. Porém, ela o olhou por um instante, resistindo, lembrando-se daquelas palavras ásperas no princípio do dia.

— Diga-me o que significa para você, que você me queira — ela disse baixinho.

— Significa que você é uma mulher linda, sensual.

— Isso não é bom o bastante. Próxima resposta.

— O que quer ouvir?

— Você se achou bom demais para falar comigo durante dez anos. Agora está dormindo comigo. Já pensou nisso?

— Foi por isso que veio? Para me provar alguma coisa? — ele perguntou.

— Meu interesse em lhe provar alguma coisa é abaixo de zero, Salah. Acho que, quando uma pessoa faz uma acusação, geralmente está falando com um espelho. Está tentando provar alguma coisa para mim?

— Você esquece que eu não fui ao seu país. Você veio ao meu.

— Você esquece que eu não fui para a sua cama. Você veio para a minha.

— Por que saiu do quarto e veio para mim? Você veio para mim. Sabia que eu estava à sua espera.

— Acho que já concordamos que o antigo fogo sexual ainda tem brasas vivas entre as cinzas — disse Desi. — Mesmo assim, não chamo sair do meu quarto para tomar ar exatamente "ir para você".

— Você chamou o meu nome. Sabia que eu estava ali.

— Na verdade, não sabia. Por que estava ali?

— Você sabe por quê — ele replicou.

— Pendência, diz você. Precisa resolver qual pendência, exatamente, Salah? Porque você parece ter resolvido tudo em sua vida, a não ser o consumo de comida. O que sobrou?

Ele esticou a mão para prender o queixo dela e virar a sua cabeça. Por um instante trêmulo, os olhos dele se encontraram com os seus.

— Você sabe o que sobrou.

Uma doçura de mel invadiu todo o seu corpo.

— Você agitou o que estava congelado, Desi. Até você chegar, eu tinha me esquecido do quanto amei você no passado.

— Salah! — ela sussurrou.

— E do pouco que você me amou:

— Acha? — ela perguntou amargamente.

— Você não me amava nem um pouco. Disse-me isso, e tinha razão.

— Eu tinha 16 anos!

— É. Você era jovem. Eu também era jovem, jovem demais para sentimentos tão fortes. Não conseguia controlar o que sentia. Você disse que eu era como os kaljuks, e meu único pensamento, Desi, era provar que eu nunca poderia ser igual a eles.

— Foi por isso que se juntou ao príncipe Omar? — ela sussurrou, horrorizada,

Ele deu de ombros.

— Estava correndo pela beira de um rochedo, procurando um jeito de descer até uma posição de canhões que bombardeavam uma cidade montanhosa fazia uma semana. — Inconscientemente, ele passou a mão pela cicatriz que lhe atravessava a face até acima da orelha. — Houve uma explosão de luz na minha cabeça, é só disso que me lembro. Acordei no hospital. Você estava lá comigo o tempo todo, Desi. Você era, ao mesmo tempo, o meu consolo e o meu tormento. Sonhava com você, dormindo e acordado. Queria você mais do que qualquer coisa no mundo. Implorei-a que viesse para mim. Você não veio.

— Tentei, mas Leo... — Imediatamente desejou não ter pronunciado aquele nome.

— É, Leo — ele disse, num tom diferente. — Sami me mandou uma carta com fotos de você em sua nova vida com esse velho. Então, eu entendi. Você não me amava, jamais poderia ser minha. Escrevi a carta para lhe dizer que sabia disso. Mas eu não podia me proteger desse conhecimento. Atingiu-me diretamente no coração. A dor foi como o fim do mundo, Desi. Não me recuperei, nem mesmo quando pensava que sim. Quando se ama alguém como amei você... todos os dias e todas as noites, ansiava por você. Na cama de outras mulheres, sonhava com você.

De repente, ela teve de reprimir as lágrimas.

— Por que nunca me disse? Nunca tentou entrar em contato comigo? — ela indagou. — Dependia de você, não é? Depois daquela carta, esperava que eu o procurasse novamente?

— Não — ele disse. — Não esperava nada. Você estava com Leo. Meu amor morreu, uma morte terrível, dolorosa, que eu pensei ter matado meu coração. Um dia, despertei da dor. Mas eu ainda não estava livre de você. Então, era a lembrança do próprio amor que me assombrava. Tolo que eu era, queria achar esse sentimento novamente com outra mulher. Achei que poderia varrê-la da memória para sempre e me sentiria vivo de novo. Mas foi impossível, aprendi isso. Nunca mais sentirei tal impacto novamente. Não sei por quê, mas é assim. Fui dez vezes tolo por desejar isso. Tal amor é uma fraqueza. Um vício.

Ele fez uma pausa, mas ela não tinha palavras.

— Pensei que o amor estivesse morto, Desi. Antes de você chegar, achava que não sobrara nada, nem mesmo cinzas. Quando meu pai me disse que tinha permitido a sua vinda, fiquei aborrecido, só isso. Pensei: acabou. Por que motivos ela vem para mim agora? Aí, você veio, e não foi como eu esperava. A raiva foi apenas o primeiro de muitos sentimentos. Compreendi coisas que não tinha compreendido antes. Nosso amor e a morte dele afetaram todas as decisões da minha vida desde aquele momento, cada respiração, cada mulher que rejeitei como esposa. Compreendo isso agora.

— Meu Deus — ela sussurrou. Sentia o coração preso na garganta, engasgando-a.

— Quero me libertar, Desi. Meus pais insistem que eu me case — querem isso há dez anos. Agora, até eu sei que está na hora. Mas não posso ir para a minha futura esposa com tal carga no passado. Não agora, que sinto o seu peso.

Ela abriu a boca num ofego silencioso ao perceber o significado do que ele dizia.

— É hora de deixar isso para trás — ele continuou. — Temos uns poucos dias juntos. Quero enterrar o passado de uma vez por todas. Quero ir para a minha nova esposa com um coração livre e pronto para aceitá-la.

Ela ficou muda, lutando com seus sentimentos.

— E de que forma dormir comigo por alguns dias vai libertar o seu coração? — ela finalmente perguntou.

— Não consigo tirá-la da cabeça, Desi, nem a lembrança daquele amor sexual que fazia a terra tremer. Nada se igualou a isso, mas é porque nada pode se igualar. Não se pode igualar nada a um sonho. É tudo uma fantasia, eu sei, nascida do fato de que você foi minha primeira experiência amorosa.

Ela queria dizer a ele como tinha sido para ela. A tristeza dilacerante, a ânsia infundável por aquela ligação de almas, a determinação de esquecer. Depois, a traição terrível de Leo, e, mais tarde, o vazio, a sensação de que parte dela havia morrido. E o choque terrível de ver Salah novamente, de descobrir que o amor talvez ainda continuasse vivo.

— Quero tirar você da cabeça — ele disse. — Pode entender isso? E acho que se puder esticar a mão e saber que é mesmo você, e que o sexo é o que é e nada mais, então poderei fechar o livro. Quero fechá-lo, Desi.

— Vai se casar com a minha melhor amiga sentindo-se assim? — ela protestou.

— Não entende que não é sentir? É uma lembrança, só isso.

— E se funcionar ao contrário? E se isso reavivar o seu amor? Aí, então?

Salah sacudiu a cabeça.

— Não tema por mim, Desi.

— E os meus sentimentos? Não importam?

Ele ficou em silêncio, os olhos encontrando os dela. Ele não acreditava que ela tivesse sentimentos para magoar, isso era óbvio. E ela simplesmente não conseguia dizer a ele. O que ele faria se soubesse?

— Tem certeza de que isso não é um jeito disfarçado de me punir? — ela insistiu.

— Como isso a puniria?

— Talvez pense que sou vulnerável. Desconfia que vim aqui para vê-lo. O que imaginou que eu queria?

Uma expressão estranha atravessou o rosto dele à luz das tochas.

— Qual o poder que tenho para magoá-la?

Antes de ela poder responder, um dos beduínos veio e falou com ele.

— Nossa tenda está pronta — disse Salah. — Venha para a cama.

E, a despeito de tudo, o coração dela pulou com uma expectativa profunda.

O interior da tenda era suavemente iluminado pela luz de dois lampiões. O chão de terra era coberto com esteiras de junco e tapetes. O espaço era dividido em duas seções por um cortinado. De um lado, havia uma bacia grande e duas jarras de água. Do outro lado, almofadas e um colchão fino coberto com um pano listrado limpo.

Uma pazinha estava colocada discretamente à entrada, e Desi pegou-a e saiu para as dunas. Quando voltou, Salah tinha se lavado e estava atrás do cortinado juntando os sacos de dormir para formar um duplo. Ele se virou e olhou para ela, e, subitamente, ela se lembrou da noite que tinham passado em uma cabaninha na ilha. Lá, também, eles tinham acendido lampiões.

Lá, também, o ar entre eles tinha ficado carregado de expectativas.

Eles não se falaram. Ele se levantou e saiu.

Desi pegou sua *nécessaire* e foi se lavar. Tinha trazido sabonete neutro, mas agora desejava poder se perfumar. E o pijama de algodão que trouxe só podia ser considerado simples.

Sabia que estava sendo tola. Estava preparando uma decepção para si mesma.

Mas, se para Salah fazer amor era um meio necessário para acertar as contas com o passado, para ela era como sede no deserto.

Todos aqueles anos dizendo a si mesma que não tinha sido nada para ele. Que, se ele realmente a amasse, jamais poderia ter escrito o que escreveu. O que ele acabara de lhe contar foi como um incêndio dentro dela. Ele *realmente* a amou.

Se ela tivesse sabido disso, teria tido a coragem de responder a carta, de gritar com ele por sua atitude desprezível? De lutar?

Mas como poderia ter sido feliz com um homem que tinha opiniões tão diferentes e arcaicas? Ele alguma vez a teria tratado como igual? Um homem que faz amor com uma virgem e depois a chama de suja? Pensando friamente, sabia que teve sorte em escapar.

Se ao menos ela se sentisse assim.

Quando Salah voltou à tenda, ela estava deitada no saco de dormir, lendo. Ela olhou para cima.

Ele estava ali, de pé, contemplando-a do outro lado do cortinado, a sombra de uma silhueta, alto e poderoso num robe ondeante, absolutamente imóvel. Por um instante, enquanto se fitavam, o mundo parou. Não havia passado nem futuro entre eles, o silêncio sussurrou, havia apenas o momento. Então, ele levantou o cortinado e entrou no casulo dela.

A respiração lenta dela ao observá-lo era perfeitamente audível no silêncio. Arrepios de expectativa percorriam-na. Ela largou o livro.

A luz do lampião acariciava os cachos negros dele como ouro derretido. Seu manto estava aberto. Ela contemplou a visão de um abdome plano e duro, uma cueca justa, pernas musculosas. Tão diferente e, no entanto, ainda havia a sombra do corpo jovem e impetuoso que ela primeiro viu fazia muito tempo.

Uma marca fina e pálida partia do abdome, passava pelo quadril e descia pela coxa até quase o joelho. Era aquela linha que demarcava a fronteira entre antes e agora: suas cicatrizes de batalha.

Havia pelos leves nos antebraços, bem com pelos mais espessos no peito. Numa linha delicada, cachos negros no meio do abdome se acumulavam ao chegarem à cueca. A carne dele se agitou enquanto ele a olhava.

O conjunto era indiscutivelmente, primitivamente, masculino.

E primitivamente, poderosamente, erótico. Ela não conseguia se lembrar de nenhuma ocasião em que apenas ver o corpo de um homem a afetara tão fundo, atraindo-a irresistivelmente.

Salah tirou o robe e o jogou no tapete. Seus ombros agora pareciam ainda mais poderosos. Ele se agachou, e depois estava ao lado de Desi, a boca buscando a dela, seu calor envolvendo-a.

A mão de Desi foi, por vontade própria, à virilha dele e ela o acariciou sofregamente enquanto ele ficava rijo como mármore, e ela se inebriou com a certeza de que seu toque tinha tal poder sobre ele. Tinha visto estátuas de deuses com o sexo ereto e, esta noite, ela compreendia o impulso primitivo para adorar aquela carne.

A cabeça dele caiu para trás com o surto de prazer, e ela deslizou os dedos para dentro do elástico à sua cintura, para abaixar o tecido preto e tirá-lo do seu corpo. Então, ele ficou deitado nu à luz dos lampiões, os olhos fitando-a com uma fúria negra de desejo que a tocou até o íntimo. A mão dela envolveu-o novamente, ela se debruçou sobre ele e, quase sem volição consciente, compelida por alguma parte profunda de seu ser, tomou-o na boca.

Ele prendeu a respiração e aquele som percorreu a pele dela num arrepio. Ela fechou os olhos e abandonou-se ao prazer de dar prazer. Sentiu as mãos dele em seus cabelos, espalmando-lhe a cabeça,, sentiu a intensidade do desejo dele.

— Demais — ele disse roucamente após uns instantes. Suas mãos desceram para

os ombros dela, e ele a ergueu num abraço violento. — Demais. — Ele se afastou dela por um instante, ela ouviu um sopro, e a tenda mergulhou na escuridão. No momento seguinte, ela estava envolvida no abraço dele.

CAPÍTULO DOZE

O som inesquecível do muezzin distante despertou-a. Desi saiu da cama silenciosamente, deixando Salah ainda adormecido, enrolou-se no roupão e saiu.

O céu exibia os primeiros sinais do amanhecer, a lua cedendo placidamente o lugar para seu irmão feroz, enquanto o céu empalidecia. O ar estava deliciosamente fresco e revigorante. Sob seus pés, a areia estava fria. Quando ela enfiou os dedos mais fundo, a camada inferior ainda estava quente. Ela ficou ali, tremendo um pouco, os pés aquecidos pela areia, saboreando o som solitário da voz do *muezzin* contra a paz absoluta do deserto, até que a voz se silenciou.

Depois, ela pegou a pá e foi para as dunas. Quando voltou, o acampamento estava começando a se movimentar.

Era sua primeira madrugada no deserto, e Desi se comoveu com aquela perfeição. Voltou para a tenda e encontrou Salah já acordado e fora de lá, e as jarras cheias de água fresca. Lavou-se e se vestiu rapidamente, para não perder um minuto da manhã..

Quando ela saiu novamente, de short e camiseta, mas ainda descalça, o céu estava cor de fumaça, com algumas nuvens esparsas e uma faixa rosa-escura no horizonte. Ela começou a correr. Acima, o céu lentamente se azulava, enquanto no horizonte a faixa rosa se expandia em vermelho, dourado e amarelo, iluminando as nuvens, e um pequeno arco de fogo apareceu por detrás das dunas.

Desi caminhou rapidamente para o curral dos camelos, onde os animais a contemplaram com condescendência plácida enquanto ela passava por eles e subia o lado íngreme de uma duna, os pés se afundando na areia, até chegar ofegante ao topo.

Ficou contemplando a vista, enquanto o sol recém-nascido pintava o alto das dunas de ouro vivo. O acampamento revelou-se como algumas tendas largas e baixas armadas em volta de uma pequena área central, onde um buraco foi cavado para formar um braseiro. Um homem atiçava o carvão.

Não longe do acampamento, mulheres tiravam água de um poço. No vento ligeiro da manhã, seus robes e suas echarpes ondulavam contra o fundo de areia interminável. Um rebanho de cabras se juntava em volta delas, dirigindo-se ansiosamente para os coxos que as mulheres enchiam. Seus balidos eram o único som no ar matinal, uma dúzia de diferentes tons e ritmos, como uma música estranha.

As mulheres a observavam discretamente. De seu ponto elevado na duna, ela acenou, e duas mulheres mais idosas sorriram, uma delas timidamente sacudindo a mão à altura do peito. As mais jovens puxaram as echarpes para cobrirem a boca e abaixaram os olhos.

De volta na tenda, encontrou Salah, bonito e intimidante, sentado no chão consultando um mapa. Quando ela entrou, com o rosto rosado pelo exercício e pelo frio da manhã, ele ergueu os olhos e sorriu. Ela prendeu a respiração de tanta surpresa. Era a primeira vez que o via tão relaxado. Sem o olhar sombrio.

— Pronta para o café da manhã? — ele perguntou.

— Esfomeada! Vai ser comida local novamente, ou eles oferecem aquelas coisas normais para turistas? — ela perguntou, enquanto ele a levava lá fora, para onde alguém tinha colocado um tapete para eles, com almofadas lado a lado no sol. Um homem com robes ondulantes e um turbante servia os pratos.

— Ainda não se modificaram tanto. Os poucos viajantes que eles veem ainda são do tipo que deseja experimentar o que o mundo tem a oferecer, não impor o seu próprio estilo de vida aos outros. Vão nos oferecer o que têm de melhor em sua própria comida.

— Mal posso esperar!

Como na noite anterior, os únicos utensílios eram colheres, e ela novamente lavou as mãos sob a água despejada para ela de um jarro.

Vasilhas de iogurte e uma pasta escura, cor de lama, foram colocadas diante deles, e Desi se servia de iogurte quando a *pièce de résistance* chegou: uma panqueca enorme, deliciosamente fumegante, amanteigada e fofa, que tinha sido grelhada sobre carvão. Estava coberta mel.

No ar puro do deserto, o cheiro da panqueca era tantalizante.

— Oh, *inteiramente* engordativo demais! Tenho de me lembrar disso antes de andar pedindo comida locais — exclamou Desi.

— Pode comer todo o iogurte. — Salah riu e arrancou um pedaço da panqueca, enrolando-a com perícia em uma das mãos antes de dar uma mordida. O mel escorreu pelo seu lábio inferior, e ele o lambeu, fechando os olhos de prazer.

Ele virou a cabeça e olhou-a sob as pálpebras abaixadas.

— Quente. Doce. — *Como você.* A lembrança do que aqueles dedos compridos e fortes, a língua e a boca tinham feito como ela na noite passada atravessou-a como uma tempestade.

Ela encheu a boca de iogurte e tremeu quando aquele sabor azedo atingiu seus nervos.

— Desisto! — ela exclamou, esticando a mão para arrancar um pedacinho da panqueca e mergulhando a ponta numa pocinha de mel que se acumulará no fundo da vasilha.

— Deliciosa! É tão gostosa que devia ser classificada como arma perigosa. Será que todas as refeições nos próximos dias vão sabotar a minha dieta?

— Pés de camelo fervidos às vezes não têm esse toque — ele avisou. — Coma enquanto pode.

— Queimada de sol e gorda, meu agente vai me matar.

— Lance a moda da voluptuosidade — ele sugeriu.

— Você não entende. Eu *sou* voluptuosa. Abandonei o corpinho de órfã esfomeada já faz anos. Acha que este corpo é Tamanho Zero?

— O que é Tamanho Zero?

— É o tamanho que modelos tentam ter. Eu teria de perder uns 6 kg para chegar

lá. Como modelo, sou considerada quase gorda, como o meu agente vive me avisando.

Salah fitou-a por um instante, e depois começou a rir. Começou baixinho, mas logo estava gargalhando tanto que foi contagiante, e ela começou a rir também. Ficaram tão dominados pelo riso incontável que Salah acabou caindo de costas na areia.

Ela se virou para olhá-lo, os cachos negros salpicados de areia, os olhos franzidos pelo sol, dentes brancos e boca risonha. Uma nova expressão surgiu nos olhos dele, e ela parou de rir. Ele subiu a mão pelas costas dela e agarrou seus cabelos.

— Você é perfeitamente linda — ele disse, e, por um momento perdido, eles ficaram imóveis, fitando-se através de dez longos e desperdiçados anos.

Então, os olhos de Salah se arregalaram, parecendo alarmados. Ele fechou a cara e se sentou.

— É hora de partir — ele disse inexpressivamente. E foi só então que Desi voltou a respirar.

Como Salah previra, quando eles partiram várias das mulheres mais velhas estavam sentadas perto do curral dos camelos, com seus trabalhos espalhados para serem examinados.

Desi agachou-se diante da exposição. Bonecas feitas de pedacinhos de pano e linha colorida, pedras com fósseis engastados, algumas vasilhas de cerâmica com um desenho curioso e, melhor de tudo, algumas pecinhas de osso de camelo lindamente gravadas e pintadas.

Desi ficou encantada com tudo, mostrando por gestos sua admiração e, incapaz de decepcionar pessoas tão abertas e dignas, que eram obviamente muito pobres, escolheu cuidadosamente vários itens.

O trabalho em osso de camelo era belíssimo: anéis e berloques cinzelados e pequenas cenas entalhadas em tiras planas de osso que pareciam marfim.

Desi escolheu um medalhão oval com um camelo delicadamente entalhado. Tinta marrom tinha sido esfregada nas linhas entalhadas, de modo que os contornos ficassem escuros contra um fundo mais pálido que esmaecia aos poucos até a brancura cremosa do osso.

— Estes objetos são deslumbrantes! — ela disse para Salah. — Onde ela aprendeu a entalhar assim?

Salah falou com a artista, uma mulher de meia-idade de pele tisonada pelo sol, rosto fino e mãos calejadas e graciosas.

— Aprendeu com o pai. Ele, por sua vez, aprendeu com o pai, e, como nenhum dos irmãos dela sobreviveu, ele ensinou a ela. O pai costumava pintar esses entalhes com muitas cores, mas ela já não consegue mais encontrar as substâncias para fazer as tintas, então seus trabalhos são, na maioria, monocromáticos. Ela sente falta das cores e pede desculpas porque o trabalho não é muito bonito.

— É lindo.

Quando Desi estava puxando a carteira, uma mulher lhe fez um sinal, depois abriu um pedacinho de pano para mostrar-lhe algo.

Uma estatueta de barro de uma mulher com uma tiara grande e cabelos modelados primorosamente em cachos que cascadeavam por suas costas e ombros. A figurinha tinha seios protuberantes, e seus pelos pubianos eram claramente marcados,

mas seu corpo tinha sido vestido com um barro mais claro, que se descascava facilmente quando ela segurou a estatueta. Desi examinou-a curiosamente.

— Qual a idade disso? — perguntou.

— Muito, muito antigo. — Salah traduziu a resposta da mulher.

— Acha que isso é verdade? Quer dizer, se fosse, não estaria num museu?

— É pouco provável que alguém desta tribo fizesse uma falsificação deste tipo. Eles considerariam isso uma blasfêmia. É por isso que cobriram sua nudez antes de vendê-la.

Falsificada ou não, Desi ficou encantada com a figurinha.

— Quanto é?

De novo, um curto diálogo.

— Vinte *dirhams*. Desi pestanejou.

— Mas deve ser... tem de ser uma falsificação. Se fosse genuína, elas pediriam mais, não é?

— Encontram essas coisas na areia quando viajam. Costumavam destruí-las, achando que fosse algum tipo de feitiçaria. Depois descobriram que os estrangeiros gostavam. Para elas, 20 *dirhams* é muito dinheiro. Não compreendem por que os turistas gostam de coisas velhas e quebradas como esta.

— Bem, eu certamente gosto dela.

Depois de ter pagado e de tudo ser embrulhado e colocado numa sacola, ela agradeceu às mulheres e pôs-se de pé. Com muitas despedidas, puseram-se a caminho.

— Onde elas gastam o dinheiro? — ela perguntou mais tarde, enquanto se moviam pelo deserto.

— Táxis às vezes vêm, levando-as para a cidade.

— Como, tão longe? Ele lhe deu uma olhada.

— Nem sempre acampam tão longe da civilização. Mas geralmente elas compram de lojas itinerantes, caminhões carregados com todos os tipos de mercadoria, que atendem a comunidades nômades.

— Mas sem chance para aquela artista comprar tintas manufaturadas?

— Provavelmente, não.

— Se eu conseguisse tintas, haveria algum meio de enviá-las para ela?

Depois de um breve silêncio, Salah perguntou:

— Por que se incomoda com isso?

— Porque ela é uma artista, e arte tão boa assim tem direito a materiais adequados. Vai responder a minha pergunta?

— Se você enviasse alguma coisa para ela, acabaria chegando às suas mãos. Diga-me, desde quando se interessa pela arte nativa e as antiguidades de Barakat?

— Viajo muito no meu trabalho, Salah. Geralmente, só vejo o interior do meu hotel e o local das fotos. Não é a arte tanto quanto as pessoas. Raramente consigo conhecer pessoas reais num ambiente real. Essas mulheres são pessoas maravilhosas e parecem precisar do dinheiro.

— Mas a deusa é um item de colecionador. Você é colecionadora?

— A deusa? É isso que ela é? Como sabe? — Muito mais interessada agora, Desi enfiou a mão na sacola e desembalou a estatueta de barro.

— Com se chama?

— Depende de onde foi encontrada. É quase impossível dizer com certeza. Meu pai diria que é uma deusa do amor ou da fertilidade.

Desi franziu a testa, puxando pela memória recente.

— Inanna! Ela não era a Deusa do Amor? Salah lançou-lhe um olhar e disse gravemente:

— Na Suméria. Sim.

— Poderia ser ela?

— Terá de perguntar a meu pai.

— Oh, mas é impossível. Significaria que isso tem 5 mil anos.

— Provavelmente tem.

Desi ofegou. Foi tomada de uma profunda admiração, e de uma estranha energia, como se o poder trancado na pequena deusa tivesse se liberado na palma da sua mão.

— É espantoso — ela sussurrou. — Mas... por quê... quero dizer, como é que posso comprar algo tão valioso com tamanha facilidade?

— Ela talvez seja confiscada no aeroporto.

— É mesmo?

— É ilegal tirar antiguidades dos Emirados Barakat. Fazem parte de nossa herança cultural. Temos museus onde essas peças deviam estar.

— Parece um jeito ineficiente de administrar recursos. Não seria melhor impedir a venda em primeiro lugar?

— Não podemos policiar o deserto todo. Em vez disso, os turistas são revistados antes de partir, e itens valiosos como a sua pequena deusa são confiscados. Isso desencoraja os turistas de fazerem tais compras no futuro.

Ela riu.

— Então, vou ter de abrir mão do meu pequeno talismã?

— Nem tudo é encontrado, é claro. Talvez menos de 40%. Se você guardá-la cuidadosamente na mala, talvez se dê bem.

Ela o olhou, sem compreender.

— O que o faz pensar que quero "me dar bem", levando algo que pertence aos museus do país?

— Parece gostar da estatueta.

— Acha que roubo tudo que gosto? Já me viu usando as Jóias da Coroa?

— Você pagou por ela. A maioria das pessoas não consideraria isso um roubo.

— Ora! Fazemos amor durante a noite e pela manhã você alivia a consciência insinuando que sou desonesta, é isso? Já passamos por isso antes, Salah, e a última vez foi o bastante para mim. Não pode aproveitar o sexo pelo que é e não fazer acusações?

Ele apertou o maxilar.

— Não, não é isso. Peço desculpas. No meu trabalho, vejo muitas pessoas que se consideram honestas, mas que não têm o menor escrúpulo nessa área.

— Em seu trabalho?

— Uma das minhas tarefas como Companheiro de Copa é a segurança de antiguidades.

— Como é?

— Minha tarefa é evitar o contrabando de antiguidades para mercados estrangeiros. Tanto o Ocidente quanto o Oriente têm muitos ricos interessados nas culturas antigas dos Emirados Barakat. Organizadores pagam o que parece um bom preço a nômades e fazendeiros pobres por qualquer artefato que eles possam roubar ou desenterrar, depois vendem para comerciantes inescrupulosos por muitíssimo mais. Por sua vez, estes passam a mercadoria adiante. Até chegar às mãos do colecionador, ele está pagando milhares de vezes mais que a quantia paga inicialmente. Nossa herança corre o risco de ser destruída por essa prática.

— Está dizendo que sua missão pessoal é parar com isso? Com faz isso?

— De várias maneiras, nenhuma delas satisfatória. As pessoas geralmente roubam locais de cidades ou povoados antigos que ainda não foram estudados, perto das aldeias onde moram. É um grande problema para os arqueólogos como meu pai. Como sabe, do momento que alguma coisa é desenterrada e removida, sua proveniência nunca pode ser descoberta. Então, mesmo se recuperarmos aquela peça, seu valor histórico fica perdido.

-- É claro. — Os arqueólogos têm de saber exatamente onde algo foi encontrado antes que possa lançar alguma luz na História. Desi tinha aprendido isso em suas pesquisas.

— O roubo, porém, não é a maior preocupação do meu pai.

Havia algo em seu tom que chamou a atenção dela.

— Realmente? O que é, então?

— A resposta está na sua mão.

Ela achou que isso era um desafio oculto. Ergueu a estatueta.

Deusa do amor. O que ela sabia sobre a deusa do amor? Adorada como a criadora dos animais e da terra, assim como dos seres humanos, fértil. Suas características sexuais encobertas por quem a tinha achado, porque agora sua sexualidade gritante era vista, não como poderosa, mas com obscena.

— Oh, meu Deus! — Desi sussurrou.

Descoberta numa terra onde adorar o divino sob qualquer forma senão Alá era blasfêmia.

— Diga-me que estou enganada! — ela implorou. — Seu pai teme o que os fanáticos religiosos possam... oh, não!

— Há um risco significativo. Meu pai acha que o local é uma cidade dedicada à deusa do amor. Talvez modifique a História. Mas se os kaljuks e seus seguidores aqui nos Emirados Barakat souberem dessa descoberta, e souberem onde fica, o risco é pior do que um roubo comum; talvez tentem sabotar o próprio local. Queiram destruí-lo completamente.

A emoção mais forte de Desi, depois do desalento, foi a exasperação.

— Pelo amor de Deus! Quatro mil anos antes de o Islã sequer existir!

— Não ligam para isso. — Salah diminuiu a velocidade do veículo e virou a cabeça, e seus olhos negros encontraram os dela. — E por isso, Desi, que lhe pergunto se tem algum outro motivo para querer visitar essa escavação.

— O quê? — ela perguntou, sem entender.

— Se alguém lhe pediu para tentar descobrir o que puder sobre a escavação do meu pai, você deve compreender que provavelmente não é para fins acadêmicos verdadeiros.

— O que está tentando dizer?

A voz dele agora era áspera, e os olhos a sondavam.

— Sei que não está aqui pelos motivos que alegou. Não seja uma ferramenta inocente de malfeitores, Desi. Se alguém quer saber sobre esse projeto, é porque quer roubar nossa história de um jeito ou de outro. Diga-me quem tentou usar sua ligação com a nossa família dessa maneira.

Ela sentiu como se ele a tivesse esbofeteado. Teve de abrir a boca duas vezes antes de poder falar.

— Do que pensa que está falando? — ela gritou. — Ninguém me pediu para vir aqui.

— Isso não é verdade, Desi! Diga-me os nomes deles! Tal informação pode ser valiosíssima para nós.

— Não sou ferramenta de ninguém, inocente ou não! — ela gritou, indignada. — Imagina que eu poderia ser tão estúpida? Ou talvez ache que eu mesma seja o trapaceiro? É isso que acha?

— Por que está aqui?

— Já lhe disse por quê.

Ele ficou em silêncio, observando o ar de cautela que surgia em seus olhos. A mentira estava em seu tom; até ela mesma a escutava. Mas tinha de olhá-lo furiosamente, com ar ultrajado.

— Não sou ferramenta de ninguém — ela insistiu, odiando a expressão no rosto dele, odiando a mentira que vivia. Como desejava atirar a verdade na cara dele!

— Eu a levarei a meu pai se você insistir, Desi — ele disse: — Porém, digo-lhe agora que você não saberá onde é o local, embora o veja com os próprios olhos — o deserto não diz aos não iniciados onde eles estão. Você não saberá nenhum nome de aldeia. Ainda quer fazer a viagem?

— Claro que quero! — ela gritou. — E eu não poderia ligar menos para saber as coordenadas da bússola! Pode me vender os olhos se quiser. Não é por isso que quero visitar o local. Já disse, não tinha a menor idéia de como isso era importante até você me dizer outro dia. Pensei que fosse uma escavação como outra qualquer. Não tinha idéia de estar pedindo um favor tão grande.

— Meu pai não podia recusar.

— Bem, sinto muito. Queria ter sabido.

— E agora que sabe?

Com cada fibra de seu ser, ela queria dizer: *Esqueça! Não quero nada de você ou de seu pai!* Mas não podia. Disse, sem graça:

— Salah, eu lhe juro que não estou aqui para roubar segredos para ninguém.

Ele olhou para ela como se não houvesse nada no mundo que ele quisesse mais do que acreditar nela. Porém, disse apenas:

— Está bem.

E ela soube que ele ainda duvidava.

— Você sempre me julgou — ela o lembrou amargamente.

— Não sem motivo.

— Naquele tempo, como agora, o motivo estava todo na sua cabeça.

Ele riu, parecendo que ia dizer alguma coisa, depois mudou de idéia.

Por um instante poderoso, instigante, Desi teve a convicção de que ela devia se abrir com Salah. Dizer-lhe simplesmente: *Sami não quer se casar com você, está apaixonada por outro.*

Abriu a boca e depois fechou-a. Se estivesse enganada, não seria ela a sofrer.

Ou, pelo menos, a sofrer mais do que já era provável.

CAPÍTULO TREZE

Passaram aquele dia atravessando o deserto mais desolado possível, mais vazio do que Desi poderia imaginar. Durante quilômetros, só viram areia e rochas. Nenhum animal, nenhuma árvore, nem mesmo arbustos.

O sol era escorchante. O veículo tinha ar condicionado, mas isso não impedia o sol de entrar pelas janelas, ateando fogo à sua pele. Não havia sombra em lugar algum, apenas horas e horas de areia ardente, até que seus olhos ficaram hipnotizados e o cérebro, em transe.

Não protestava nem se queixava, pois desconfiava que ele estava esperando por isso. Também não queria lhe dar um pretexto para voltar. Sami pensara que seria um verdadeiro inferno, mas nem mesmo ela poderia ter previsto isso.

Desi levou a garrafa aos lábios pela milésima vez naquele dia e tomou um trago. Nunca tinha bebido tanta água na vida.

— Imagino que, se ficássemos sem gasolina ou água aqui, morreríamos em uma hora — ela observou suavemente.

— Levaria mais tempo que isso. Mas a água e a gasolina não vão acabar — disse Salah.

Ao meio-dia, pararam brevemente para comer e beber. Salah saiu para se esticar, mas Desi permaneceu no carro. Sair naquele calor seria quase um suicídio ou, no mínimo, uma queimadura de segundo grau imediata. Tinha vestido um short e uma camiseta no acampamento aquela manhã, e agora se arrependia. Mas seria esforço demais trocar por algo com mangas.

Depois de apenas 15 minutos, partiram novamente.

Bem à tardinha, Salah apontou pelo pára-brisa.

— Acamparemos aqui — ele disse.

Desi franziu a testa e, protegendo os olhos, viu um grande afloramento de rocha mais adiante deles. Não teria visto se ele não tivesse apontado. A melhor maneira de se ver alguma coisa no deserto era pela sombra projetada, e não havia sombra.

— Haverá algum lugar sombreado? Por que não vejo nenhuma sombra? — Estava desesperada para sair do sol.

— Do outro lado. O sol está atrás de nós agora.

— Estamos indo para o leste? — Desi franziu a testa e olhou para o sol. Estavam. Ela não tinha notado a mudança de direção. — Por quê?

Salah olhou para ela, pesaroso.

— Sinto muito. Passei do ponto. Deveríamos ter chegado uma hora atrás.

— Eis o grande navegador do deserto, cujos antepassados sobreviveram para produzi-lo!

— Contanto que os erros não sejam fatais, sempre se sobrevive.

— Não pode imaginar como isso é reconfortante. Pelo menos podiam rir.

Dez minutos mais tarde chegaram lá. O monte era bem maior do que ela imaginara, uma pequena colina do tamanho de um prédio. E, quando Salah diminuiu a velocidade do Land Cruiser e passou para o outro lado, Desi suspirou, aliviada.

— Um oásis! — ela gritou. — Um oásis de verdade!

— Nesta estação, a água estará salobra.

Duas dúzias de palmeiras cercavam uma grande poça de água na sombra bem-vinda da rocha.

Salah encostou o carro sob uma saliência rochosa, e Desi pulou para fora.

Mesmo na sombra, estava tórrido. Ela arquejou:

— Uau! Como você tinha razão sobre viajar neste calor! Vai ser assim o tempo todo?

— Não — ele disse, abrindo a tampa traseira e começando a descarregar os suprimentos. Quando Desi foi ajudá-lo, ele fez um gesto para afastá-la. — Deixe comigo agora. Você está com muito calor. Vá se sentar na sombra.

Sentou-se numa pedra e o olhou tirando a barraca.

— Acho que bebi quatro litros de água hoje! Temos o suficiente?

— Temos bastante. Quando foi que tomou um tablete de sal?

Ela respondeu, e ele aprovou com a cabeça.

Ela sabia que devia estar suando, mas nem dava para perceber pela pele. O ar era tão seco que o suor parecia evaporar antes mesmo de ser visto.

Quando Salah descarregou o equipamento e os suprimentos, ele fechou a tampa traseira e se virou para olhar o sol.

Com os olhos estreitados, o rosto cinzelado delineado por sol e sombra, parecia ferozmente bonito, um rosto de outro século. Desi sentiu-se estonteada, quase inebriada

com a beleza dele.

— Você é a imagem do deserto — ela disse, sonhadora. Salah lançou-lhe uma olhada,

— Você precisa de comida — ele disse.

Abaixou-se para pegar o rolo que era a barraca e levou-o até um lugar plano entre as árvores. Desi foi ajudá-lo.

Uma hora depois, a barraca estava armada, os sacos de dormir, desenrolados, e Desi estava observando um pôr do sol glorioso e pegando o último pedacinho de ensopado de cordeiro e berinjela.

— Este lugar tem nome? — ela perguntou.

— Chama-se Repousa de Halimah.

— Halimah? Você não me contou que foi uma grande rainha ou coisa assim?

— É. Depois da morte do marido, ela manteve o trono para o filho contra todos os adversários durante anos.

— O que ela estava fazendo aqui, no meio do nada?

— A rainha Halimah e seu exército se perderam durante uma batalha. Um menino beduíno local guiou-a para este oásis. O exército acampou aqui; todos repousaram e, no dia seguinte, venceram a batalha. Mais tarde, Halimah mandou que a poça fosse margeada de tijolos e fosse cavado um poço, para grande benefício dos beduínos. Ainda dá para ver os restos da parede de tijolos.

— Contra quem ela lutava?

— Adil ibn Bilah, sobrinho do falecido marido, que queria tirar-lhe o trono.

— Ele não conseguiu?

— Não. Foi morto, e Halimah deu um castigo exemplar aos generais dele. Ninguém desafiou a autoridade dela por muito tempo depois.

O sol já tinha praticamente desaparecido. Salah levantou-se e se movimentou entre as árvores, juntando folhas de palmeira e cascas de árvore. Desi ficou sentada, vendo o deserto passar de dourado a vermelho e, depois, a roxo.

O deserto era interminável. Ela foi tomada de um senso de irrealidade

— Isso é tão estranho — ela murmurou após um silêncio prolongado.

— O quê? — Salah começou a preparar uma fogueira.

— Sinto-me como se estivesse ligada numa mentalidade que existe aqui desde sempre. Como se o tempo não fosse nada, só o deserto existe.

— O deserto tem muitos efeitos sobre a mente. Nunca estive num deserto antes?

— Fui fotografada nos lugares mais óbvios. Praias douradas e palmeiras. Uma vez fomos para um antigo campo de batalha e posei perto de tanques queimados. Foi horrível. Mas nunca no meio do nada, nunca onde o deserto realmente pudesse me influenciar. Nunca me senti assim em lugar algum.

— Existe mais de um tipo de miragem — disse Salah, acendendo a fogueira.

— E isso quer dizer...

— Que as pessoas vêem o que querem ver no deserto.

— E o que eu quero ver?

— Que no deserto o tempo é superado, talvez. Que o tempo não importa.

Ela ficou imóvel diante da verdade daquilo. Houve um silêncio entre eles, e depois, como se impelido, ele continuou.

— Se existem apenas o deserto e a eternidade, como dez anos podem importar? Você anseia por aquele tempo de inocência, Desi? Eu também. Nós atravessamos o deserto juntos, e eu sei que se tivéssemos sido um pouco mais *thabet*, qual é a palavra? Fir... fir...?

— Fir... — A garganta dela se fechou. Ela pigarreou. — Firmes.

A escuridão os envolvia enquanto apareciam as primeiras estrelas. Uma fumaça grossa e turva subia por debaixo das folhas empilhadas, depois um sopro de chama amarela.

— Firmes, sim. Ainda estaríamos juntos aqui, mas tudo seria diferente. Você seria minha esposa. Os nossos filhos estariam dormindo na barraca. Sente seus fantasmas, Desi, como eu sinto?

Baba, baba, quero água!

O coração dela se convulsionou com a proximidade do sonho.

— O que existe naquele momento que ainda nos prende depois de tantos anos? — ele insistiu. — Poucas semanas numa vida inteira. Por que continua tão próximo?

A pergunta pairou no ar como fumaça, símbolo do fogo espreitando embaixo.

Desi moveu a cabeça. Algo ardia em seus olhos e no fundo da garganta.

— Não sei. — A noite no deserto não era igual a nada que já experimentara antes; entretanto, havia algo na fogueira, nas estrelas, na proximidade dele que trazia para perto aqueles sentimento da ilha. O amor, a lembrança do amor, ela se corrigiu dilacerava seu coração.

Um instante depois, ele estava a seu lado no cobertor, a voz rouca e baixa.

— Aqui o tempo não existe, Desi. Você sente isso. Eu também. O tempo desapareceu. Vamos fazer amor mais uma vez como as crianças inocentes que éramos. Vamos relembrar o amor que sentíamos, só uma vez; vamos fazer amor como se dez anos não tivessem passado, como se você tivesse vindo para mim naquele tempo.

O coração dela se dividia entre derreter ou quebrar. Um soluço queimava sua garganta.

— O que quer, Salah?

Ela sentiu o calor se aproximando, e então a mão dele estava em seu seio, espalmado-o carinhosamente.

— Lembra-se da primeira vez que a toquei, Desi? Como a minha mão tremia. Deixe-me tocá-la assim de novo.

Lentamente, ele tirou-lhe a camisa solta e jogou-a para o lado. Ela estava nua sob a camiseta. Suavemente, ele empurrou-a deitada no cobertor, a mão deslizando sob o algodão fino para achar a curva sedosa de seu seio e envolvê-lo.

— A primeira vez que a toquei assim, Desi, como meu sangue pulou! A magia de seu seio macio, o jeito que sua carne reagiu a mim... — Ele passou a palma da mão sobre a pontinha sequiosa que reagiu à urgência dele com um desejo ansioso, depois empurrou o tecido para cima e abaixou a cabeça.

A luz da fogueira sombreava seu rosto cinzelado, mostrava a ela a paixão torturada em seus olhos, de modo que ela quase acreditava que ele fosse novamente o rapaz que fora, apaixonado, amante, receptivo, ardendo de desejo por ela. Ela se derreteu toda com esse pensamento e, quando os lábios dele envolveram suavemente sua carne, ela sussurrou o seu nome, como no passado.

Salah.

Sua voz tinha a surpresa de uma paixão que despertava, como se ele a ouvisse nos anos passados e ela ainda fosse virgem, e ele fechou os olhos quando o poder disso atingiu-o com um golpe direto no coração.

Como no passado, suas mãos ficaram urgentes, o carinho lutando com o desejo que movia a ambos. Ele tirou-lhe a camiseta e seus olhos devoraram a beleza daqueles seios perfeitos, da lisura daquela pele cremosa acariciada pelo fogo bruxuleante que a afagava assim como as mãos dele. Então, sentiu-se ciumento da adoração do fogo por ela, e moveu-se sobre ela para que ficasse na sua sombra, tirando-lhe o short que não tinha o direito de tocar suas pernas...

Mas a luz das estrelas também a adorava, brilhando na testa branca, nos lábios umedecidos. Ele se debruçou para se apossar dali também, a boca faminta e urgente.

A fome de anos subiu aos lábios dela, e ela abriu a boca, carinhosa, desejosa, sôfrega, e tão inocente agora como antes, pois, no deserto, o tempo desaparece. As mãos dela o envolveram, os dedos se agarrando a seu ombro, à sua cabeça, prendendo os cachos espessos e negros na novidade daquela paixão que aprendera só com ele. Cada provimento da boca de Salah, de sua língua e de seus lábios era retribuído por ela, e o sangue martelava-lhe no corpo, e ele lutou contra a necessidade urgente de possuí-la, consumi-la, ser um só com ela agora.

Livrou-se da roupa e depois se estendeu ao seu lado, nu e brilhando à luz do fogo. Ela acariciou-lhe o peito e o flanco, e na escuridão e nas sombras oscilantes a maturidade do corpo e até mesmo a cicatriz se perderam, de modo que o corpo dele estava tão jovem e perfeito como aos 17 anos.

Os dedos dele acariciavam-lhe o rosto, afastavam o cabelo sedoso da sua testa enquanto ele a fitava nos olhos que refletiam o céu noturno e toda a eternidade. As estrelas cintilavam naqueles olhos enquanto ela sorria para ele, sem medo, confiante, de um jeito que nenhuma outra mulher lhe sorrisse. Isso o tocou até o fundo da alma, e ele a tomou loucamente nos braços, desajeitado, inexperiente como o rapaz que fora, e apertou-a contra seu corpo, afogou-lhe a boca com a sua, bebeu a doçura dela como vinho.

Suas mãos eram fortes, segurando-a como se ele nunca pudesse soltá-la, apertando-lhe as costas, o ombro, a cabeça, desesperado para trazê-la cada vez mais perto, até que ela fosse parte dele. Ela se derreteu de ânsia, de desejo, clamando seu prazer para o ar noturno, para o deserto que via tudo, que sabia de tudo.

A boca de Salah bebia o néctar do beijo dela. O corpo dela estava tão apertado contra o seu que eram uma só carne, e as mãos que a envolviam e acariciavam provocaram nela uma sensação como mel percorrendo-a, e, em sua reação, ele sentiu o mel retornar e se despejar em sua própria carne.

Isso, porém, ainda não era o bastante para eles; a união final ainda estava por vir, e ela começou a implorar, como fizera havia tanto tempo, pequenos murmúrios no ouvido dele, que ressoavam em seu coração: *por favor, Salah, por favor, por favor*, apertando-se nele cada vez mais, o corpo moldado ao dele, e o dele ao seu.

Ele se afastou um pouco então, incapaz de esperar mais, pois o que ambos precisavam era de se afundarem um no outro e lembrarem quem tinham sido.

Ele se afastou, e sua carne se encaixou na dela, como a chave se encaixa na fechadura, e ele se empurrou para dentro dela e gritaram juntos, de surpresa e completude. E então estavam presos um ao outro, fitando-se nos olhos cheios de estrelas, imóveis com a surpresa da paixão.

Ele acariciou-lhe o rosto, o cabelo, ela tocou os lábios polpudos com a ponta do dedo, e aquele instante de deslumbramento e surpresa foi o mesmo que tinha sido dez longos anos antes, aquele instante de sentirem a pulsação de um ritmo antigo ardendo dentro deles, o chamado daquela necessidade urgente e milenar que é o bater do coração da vida. Começou a se mover neles, através deles, e eles eram joguetes na correnteza daquela urgência, a batida pulsante que os empurrava cada vez mais perto do lugar onde o tempo é destruído na eternidade.

O fogo cobria seus corpos de luz e sombra, enquanto eles se moviam e se engastavam cada mais fundo no ser um do outro, em direção à unidade.

Gemeram alto ao se aproximarem disso, gritaram seu prazer e desejo devorador para todos que quisessem ouvir: terra e água e fogo e ar, céu e tempo e nada e tudo, e então estavam lá, e todo o desejo e toda a urgência explodiram num fulgor de luz que emanava do pequeno espaço onde almas e corpos se encontravam, para enriquecer toda a criação. E, banhados em fulgor, cegados por tanta luz, pois aquele lugar não pode ser visto por olhos mortais, durante um momento de perfeição, eles clamaram sua gratidão, e depois, lentamente, porque era preciso, afundaram juntos para a moradia da separação.

A luz do fogo morreu e eles continuavam abraçados, sem querer que o mundo se pusesse entre eles novamente. Porém, logo o frio do deserto invadiu-lhes tanto os corpos como as almas.

— Agora sabemos — disse Salah, e havia algo em seu tom que esfriou Desi ainda mais, porque lhe dizia que nada tinha mudado.

— Sabemos?

— Foi real. Estava lá. Nós o destruímos, mas foi real.

— É melhor saber? — ela perguntou amargamente, sentindo que foi nesta noite, e não dez anos atrás, que ela criou a verdadeira mágoa para si mesma.

Enrijeceu-se contra a dor, mas Salah não respondeu. Ele se sentou quando insetos noturnos, atraídos pelo cheiro de mel, aproximaram-se. E atirou mais algumas folhas secas na chama moribunda antes de desaparecer na direção da poça, agora encoberta pela escuridão.

Desi pegou a roupa de dormir e vestiu-a, depois continuou sentada ali, tentando vislumbrar seu caminho pelo futuro.

Ele saiu do escuro como um deus pagão, nu e forte, o corpo brilhante de água. Enquanto ele pegava uma toalha e se enxugava, ela o observava com admiração imparcial, como se olhasse uma obra de arte, até ele vestir a roupa e sentar-se novamente.

— Vai se casar com Sami?

Salah deu de ombros e pegou uma vareta para atizar o fogo.

— Ainda não foi combinado. Mas, por que não? Tenho de casar com alguém.

— Como pode falar nisso tão calmamente? Sabe o que é o amor. Como pode pensar em casar com alguém que não ama?

A luz da fogueira, os olhos dela estavam escuros, observando-o.

— O amor melhor vem depois do casamento — ele respondeu. — Criamos uma vida juntos e nos amamos dentro dessa vida. É fácil amar a mãe dos nossos filhos.

— Não parece convencido disso.

— Já lhe disse, Desi! — ele rosnou. — Jamais amarei novamente como amei você. É impossível. Não desejo isso. É melhor casar à moda antiga: primeiro encontrar a esposa e depois aprender a amá-la. O outro jeito significa sofrimento.

Quem primeiro lhe dissera isso? Ele não se lembrava agora, mas era uma sabedoria que sua própria vida provaria. Era melhor casar calmamente. Sentimentos fortes sempre podiam tornar-se o contrário.

Ficaram sentados em silêncio por alguns instantes.

— É por causa de seus pais? Estão lhe pressionando para casar?

— Já disse, os meus pais me pressionam para casar há dez anos. Já desistiram de me pedir. Mas têm razão, já é hora. Tenho quase 30 anos. Sou o mais velho da família.

— Por que agora? Por que Sami?

— Há razões pelas quais uma esposa nascida e criada no Ocidente é uma boa idéia.

— Que razões?

Salah, com os braços apoiados nos joelhos, fitou-a por um momento prolongado. À luz do fogo, o rosto dela estava inesquecivelmente lindo. Ele não podia amá-la novamente, tudo isso tinha passado. Mas, através das espirais de fumaça, ela ainda era um sonho, um sonho de dez anos de duração. E ele quase acreditava que era aquele rapaz novamente.

Tinha de resistir àquela tentação.

— Por que faz essas perguntas, Desi? O que quer saber?

— Porque não acredito! Alguma coisa não faz sentido.

— Por que não? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Só... só acho que é um casamento muito estranho, você e Sami. São primos!

— Pelas nossas tradições, é o melhor tipo de casamento.

— Mas você e Sami pensam assim?

— Algumas mulheres criadas no exterior procuram manter seus laços com Barakat desse jeito. Significa que seus filhos terão dupla cidadania. Num mundo cheio de incertezas, isso não é mau.

— É o que Sami quer?

— Talvez.

— E quanto aos seus próprios motivos? — ela perguntou de novo.

— Isso chega num momento em que eu talvez tenha de me mudar para o exterior, e será melhor não ir com um passaporte diplomático.

Ele percebeu o choque dela.

— Vai morar no Ocidente? — ela ofegou.

— Por que não?

— Mas é um Companheiro de Copa! Sua vida é aqui... não é?

— Meu dever, porém, é em outro lugar. Não me tornei Companheiro de Copa pelos privilégios, mas para fazer o que for preciso para o meu príncipe e meu país.

— E qual é o dever que exige que você more no exterior?

— Isso, não posso discutir com você, Desi.

— Por quanto tempo?

— Por que pergunta? — ele indagou, e viu o rosto dela se fechar. Com raiva disfarçada, ele imaginou quem pediu que ela fizesse essas perguntas, que ele não devia ter respondido. Suas defesas estavam enfraquecidas.

Salah atirou a vareta que segurava no fogo.

— Vamos dormir um pouco — disse.

Desi ficou deitada insone ao lado de Salah muito depois de perceber que ele estava adormecido.

Ela ainda o amava. Poderia dizer-lhe. Pedir que ele a amasse novamente. Esse pensamento a torturava. Ela estava meio convencida de que ele mentia para si próprio quando dizia que seu amor por ela estava morto. Ela, também, tinha se considerado imune, e como estava enganada!

Ele queria se mudar para o Ocidente. Queria uma esposa ocidental. Se ela confessasse o estado de seu coração, será que ele fingiria amá-la por essa razão? Pelo menos, ele teria a certeza de que o sexo seria bom. E se ele pensasse: Por que não me casar com Desi, em vez de Sarai?

Por que não, sussurrava a voz da tentação.

Desi nunca soube o que tinha motivado a carta dele. Quando a primeira onda de culpa e tristeza tinha passado, ela teve quase certeza de que tinha algo a ver com a doença dele. Tinha levado um tiro na cabeça, tinha estado mal durante semanas. Então, ela vivera na esperança de que outra carta chegaria, dizendo-lhe que ele escreveu em delírio... mas nunca chegou.

Mas isso fora dez anos atrás. Como ainda podia julgá-la como fizera? Seria só por hábito? Será que ele nunca pensava naquilo? Ela conversaria com ele amanhã.

Tinha de ser cautelosa. Porque, se ele realmente queria, inconscientemente ou não, puni-la pela incapacidade dele de amar outra mulher, ela talvez lhe oferecesse um meio perfeito. Ela estava tão vulnerável, ansiando pelo seu toque, derretendo-se com a proximidade dele. E quanto mais vulnerável seria como sua esposa?

Porém... seu coração sussurrou... ele estava determinado a amar a esposa, seja quem for. Se ele pudesse amá-la de novo. Estava planejando morar no Ocidente, quem sabe por quanto tempo? Talvez pudessem morar em dois mundos. É possível.

Ela discutia consigo mesma enquanto a lua percorria seu caminho sereno pelo céu, e não chegou a conclusão alguma.

CAPÍTULO CATORZE

Levantaram-se antes do sol. Desi banhou-se na poça do oásis, mas a água deixou-lhe a pele grudenta. Ainda se sentindo um pouco suja, pegou uma calça e uma camisa solta de mangas compridas, esperando se proteger melhor do calor do que na véspera. Enfiou o cabelo debaixo do chapéu de palha e sentiu uma brisa abençoada na nuca.

Daria tudo por um banho de chuveiro!

Logo antes do meio-dia, a monotonia do deserto foi quebrada por colinas rochosas distantes e uma linha verde comprida no horizonte. O Monte Shir, remoto e majestoso, dominava a cena. Deviam estar viajando para o norte já fazia algum tempo, mas ela estava distraída demais para notar.

— O que é aquele verde que vejo? — ela perguntou.

— É Wadi Daud.

— Wadi... significa oásis?

— Significa um vale ou um leito de rio onde só há água na temporada das chuvas. Mas Wadi Daud tem água subterrânea e há um projeto de irrigação lá, então fica verde o ano inteiro.

Desi ficou surpresa quando apareceu uma estrada pavimentada diante deles; pensava que estavam a quilômetros de tais confortos. Salah entrou na estrada e pouco depois a estrada descia para um vale largo e plano, com paredões íngremes de rocha e um chão verde que se estendia por quilômetros em ambas as direções. No centro do vale, um riacho corria sobre um leito de pedra.

— No inverno é uma torrente — disse Salah. — No verão, muitas vezes seca completamente.

Logo estavam atravessando laranjais e olivais. Do outro lado do vale, ela viu uma aldeia entre as folhagens.

— É para lá que vamos?

— Tenho amigos que nos darão almoço.

A casa era como as que viu na cidade: baixa, branca e abobadada, no meio de um pátio largo cercado por muros brancos altos. Um criado abriu a porta, murmurando *marhabari* e o calor tórrido do meio-dia foi imediatamente aliviado pela sombra de numerosas árvores e o ruído de uma fonte.

Uma mulher muito atraente saiu da casa, sorrindo e gritando uma saudação em árabe.

— *Marhaban, marhaban jiddan Salah Nahnon...*

— Desi, Nadia — disse Salah no momento em que Desi tirava o chapéu para enxugar a testa, e seus cabelos se soltaram. — Desi não fala árabe, Nadia.

— Oh, desculpe! — O olhar franco de Nadia encontrou o dela com um sorriso enquanto apertavam as mãos. — Como vai? Bem-vinda. São muito bem-vindos! Salah, é tão bom ver você. Ramiz chegará num instante. Entrem, entrem!

Ela os guiou através do pátio até a frescura de uma sala grande e arejada, cuja

decoração parecia mesclar Ocidente e Oriente. Era um espaço enorme, protegido do sol do meio-dia por toldos verdes e paredes grossas.

Era mobiliada com sofás, poltronas e mesas de centro numa ponta, e almofadas num enorme tapete de seda na outra.

A parede à direita tinha portas de correr de vidro que davam para um tanque azulejado antigo com uma fonte. A parede da esquerda era uma fileira deslumbrante de pilares e arcos delicadamente trabalhados por onde se via um labirinto infinito de pilares, arcos e pisos de mosaico e o canto de um pátio ensolarado distante.

Desi levou um instante para perceber que toda a cena era uma pintura *trompe l'oeil*. O que ela olhava era uma parede sólida.

— Isto é espetacular! — ela exclamou, parando embasbacada, enquanto Nadia, conversando alegremente com Salah, levava-os para o sofá no extremo oposto.

Nadia e Salah se viraram, surpresos; depois, vendo o que a retivera, riram.

— Também adoro — Nadia confessou com um sorriso. — Você ainda não o viu completado, Salah, não é? Isso mostra quanto tempo faz desde que nos visitou! Anna o terminou há quase três meses.

— É magnífico — Salah concordou.

— Parece uma página de um conto de fadas — disse Desi, um pouco enfeitiçada. — Quem é a artista?

— Talvez tenha ouvido falara nela. É inglesa, mas mora aqui, em Western Barakat. Seu nome...

— Oh, meu Deus, isso é da Anna Lamb? *É claro!* — Desi exclamou. — Ela fez um para a princesa Esterhazy, em Londres, e depois todos queriam um.

Nadia a fitou por um instante, depois abriu um grande sorriso.

— Oh, meu Deus. *Sabia* que tinha visto você antes! Você é *Desirée*! Espantoso!

— Não esperava ser reconhecida tão longe... de casa — Desi riu. Ficou feliz por ter parado antes de dizer: *da civilização*.

— Lemos a *Vogue* em West Barakat também! Mas o que está fazendo aqui? Como é que conhece Salah?

Naquele instante, um homem moreno, de rosto fino, entrou na sala, seguido de dois criados trazendo bandejas.

— Salah! Ótimo ver você! — ele gritou, e os dois se abraçaram. — O que faz em Qabila?

Salah virou-se.

— Desi, este é meu grande amigo, Ramiz.

Logo os quatro estavam sentados em sofás em torno de uma mesa baixa com jarras de suco e água e copos altos.

— Então, por que está aqui? Só passeando? Ou é um trabalho como modelo? — perguntou Nadia.

— Não, algo muito mais interessante, a meu ver. Posso garantir que não passaria dias acampando no deserto para tirar fotos! — Ela parou e olhou para Salah, sem saber se seus amigos sabiam da escavação do seu pai.

— Acampando no deserto? — Nadia repetiu, espantada. — neste calor?

— Desi quer ver uma escavação arqueológica em andamento — Salah completou.
— Estou levando-a para Baba.

As sobrelanceiras de Ramiz se elevaram. Trocou um olhar com Salah, e depois baixou as pálpebras, mascarando sua expressão. Uma voz de criança veio da sala ao lado e, pela primeira vez, Desi notou que uma das portas sob os arcos pintados era verdadeira.

— Mas não entendo — insistiu Nadia. — Por que vocês...

— Não vê Safiyeh há muito tempo — Ramiz disse a Salah, interrompendo Nadia.
— Vai ficar admirado com o crescimento dela. Tahir também.

— *Ayna Safiyah* — Salah chamou. — *Ayna walida ja-milati?*

Um grito agudo de criança o respondeu, e uma garotinha, seguida por uma mulher carregando um bebê, veio correndo para a sala e se atirou nos braços dele.

— *Aga Salah! Aga Salah!* — a menina gritava.

Desi observou Salah levantando a criança eufórica no ar. O rosto dele se suavizou, sua expressão era relaxada e calorosa. O rosto do Salah de que se lembrava.

O homem que ela amou não estava perdido. Ainda existia sob a superfície. Se apenas ela conseguisse alcançá-lo.

— Realmente estiveram acampando no deserto nesta época do ano? — Nadia perguntou a Desi. — O que Salah tem na cabeça?

— Ele me preveniu, mas insisti. Esta era a única ocasião que tinha para a visita. Passamos a primeira noite com nômades. Ontem à noite ficamos no Repouso de Halimah.

Nadia franziu a testa e sacudiu a cabeça.

— A água estava limpa o bastante para se banhar?

— Digamos que era uma grande poça. Nadia olhou para ela.

— E depois viajaram a manhã inteira pelo deserto até chegar aqui? Salah deve estar louco!

— Não me sinto tão suja e melada desde que tinha 5 anos e meu pai me levou para passar o dia na feira.

— Desi — Nadia ofereceu — gostaria de tomar um banho de chuveiro agora?

— Oh, *poderia?*

Então, Nadia levou-a para um banheiro, deu-lhe toalhas, um sabonete e deixou-a à vontade. Nunca a água tinha proporcionado tal felicidade! Poderia ter ficado meia hora, mas sabia que a água era um recurso precioso, então limitou-se a cinco minutos.

Saiu sentindo-se humana outra vez, o cabelo recém lavado preso no alto da cabeça, o rosto limpo, a pele respirando pela primeira vez em dois dias. O paraíso.

Enquanto isso, Nadia levava Safiyeh, protestando, para almoçar. Ramiz e Salah ficaram sozinhos.

— Dois dias pelo deserto, via Westa Barakat, para chegar à escavação? — Ramiz perguntou em voz baixa.

— E só estamos no meio do caminho — Salah respondeu tranquilamente. — E

uma viagem de quatro dias. Nadia não vai mencionar onde é a escavação, vai?

— Ela sabe? Eu não sei. Uma forma sutil de rapto, irmão?

— Uma forma sutil de interrogatório. Quero saber a razão dessa visita.

— Ah. — Ramiz franziu os lábios. — Nadia reconheceu-a. Supermodelo? Ela teria muitas ligações entre os ricos.

— Acertou de primeira — disse Salah.

— Poderia ser uma inocente útil?

— Não. Tentei essa. Ela está escondendo alguma coisa.

Mesmo enquanto falava, ele se perguntava por que trouxe Desi para esta casa, onde o menor deslize revelaria a verdade sobre essa expedição. Estaria cansado de fingir, ou teria aceitado que ela era inocente, que a noite passada tinha mostrado a razão verdadeira de sua vinda? Ou teria apenas caído na conversa dela, apesar de suas melhores intenções?

— Não entendo por que seu pai permitiu isso. O local não é completamente vedado a forasteiros?

Salah concordou com a cabeça.

— Aconselhei-o a recusar, mas o seu senso de justiça não permitiu. A família dela, no Canadá, me recebeu muito generosamente todos os verões durante anos, quando eu era um garoto aprendendo inglês. Ele não podia dizer não, embora tenhamos que presumir que quem está por trás dela escolheu-a justamente por esse motivo.

— Então, o calor do deserto vai arrancar a verdade dela? Salah concordou.

— E o que mais? — Ramiz perguntou.

— O que quer dizer?

— Há mais acontecendo entre vocês do que um caso de espionagem, Salah. O ar se incendeia cada vez que você olha para ela. O que mais está tentando arrancar dela?

— Tenho uma idéia! — disse Nadia. Depois de um delicioso almoço frio, Salah e Desi se preparavam para partir.

— Temos um local muito antigo e interessante perto de Qabila. Se passarem a noite conosco, Salah, poderá levar Desi até lá hoje à tarde.

Desi deu uma olhada para Salah, sem saber o que responder. Era tentador pensar numa cama confortável e uma chuveirada pela manhã, mas não sabia bem o que significava esse convite.

— Obrigada, é muita gentileza — disse Desi, sorrindo. — Mas é uma viagem tão comprida e estou realmente ansiosa para chegar o mais depressa possível.

— Mas, se saírem agora, só chegarão quase à noitinha, ou até mesmo depois de escurecer — Nadia protestou. — A estrada é mais segura de dia.

Um silêncio estranho caiu sobre a mesa. Ramiz e Salah se entreolharam. Ramiz começou a dizer algo em árabe, mas Desi já perguntava:

— A estrada?

— Sim, no escuro é mais perigoso. Salah é um ótimo motorista, mas às vezes há montes de areia na estrada que não são vistos.

— Que estrada seria essa? — Desi perguntou cautelosamente.

— Ora, a estrada principal para Central Barakat, naturalmente! — respondeu Nadia. — Não entendo por quê...

— A escavação fica na estrada principal?

— Não, mas fica a cerca de uma ou duas horas fora da pista, não é, Salah?

— Realmente? A uma hora da estrada principal?

— *Shokran*, Nadia — disse Salah. — mas vamos nos pôr a caminho. Prefiro fazer o último trecho protegido pela escuridão. É mais difícil nos seguirem, se alguém estiver tentando.

CAPÍTULO QUINZE

Alguns minutos depois, estavam novamente no Land Cruiser, descendo o vale.

— Então, vamos continuar a circular por mais dois dias? — ela perguntou, assim que conseguiu se controlar. Nunca sentiu tanta raiva na vida. Como foi tola! Sonhando com um homem que já se mostrara um monstro egoísta e pérfido. Um homem que estava obcecado pela honra porque não tinha nenhuma.

— Desi...

— Já que seus antepassados eram navegadores perfeitos, presumo que o desvio foi planejado. Ia mesmo me levar para a escavação, ou o grande navegador pretendia se perder e passar duas semanas dirigindo em círculos?

— Disse que não permitiria que você descobrisse o caminho, Desi.

— Cinco dias? Tudo isso era mesmo necessário?

— Disse-lhe desde o princípio que estava preocupado com os seus motivos. Achei que, depois de alguns dias no deserto, você talvez me dissesse a verdade.

— Seu tipo particular de prova de resistência. Foi por isso, também, que fez amor comigo? Tentando me quebrar? Esperando por uma confissão de travesseiro?

— Avisei-a de que não havia futuro para nós. Ela começou a rir amargamente.

— Oh, você é muito nobre. Um verdadeiro guerreiro montanhas, como é mesmo o seu código? Generoso, hospitaleiro, corajoso e um bom amante? É, está tudo lá, menos generosidade, hospitalidade e coragem! Que jeito covarde de lutar contra uma mulher. Você me enoja!

Uma nuvem de poeira se levantou quando Salah pisou no freio e saiu da estrada. Virou-se para ela com os olhos chamejando.

— O que esperava, Desi? Veio para mim com mentiras, mas quer a verdade de mim. *Preciso* saber por que veio, por que quer visitar esse lugar! Meu pai não podia recusar porque deve muito à sua família. Foi nobreza sua se aproveitar dele dessa forma?

— Não estou me aproveitando dele! Por que desconfia de mim? Por que não

acredita em mim?

— Porque está mentindo, eu sei. Não continue negando, Desi!

— Como pode fazer amor comigo à noite e depois, de dia, acreditar que posso ser uma falsa?

— Porque é uma falsa. Não se pode confiar em você. É fraca. Soube disso dez anos atrás.

O queixo dela caiu. Ela o olhou, furiosa.

— *Eu?* Como ousa?! Estou farta dessa acusação, Salah! Está dez anos mais velho agora, não é hora de entender o que aconteceu? Só o que fiz foi amá-lo, e se isso é pecado, já paguei muito por isso. Você é quem foi fraco! Foi o seu amor que cedeu ao primeiro obstáculo. Não o meu.

— Quer reescrever a história comigo? — ele perguntou. — Quer fingir que esqueceu o que fez?

— O que *eu* fiz? Exatamente o que foi que fiz?

— Por que recomeçar isso? Você não me amava.

— Foi o que disse, realmente. Tinha 16 anos. Foi você quem escreveu a carta. Foi você quem decidiu que, afinal, não estávamos casados em nossos corações, e que, portanto, eu não era pura bastante para você!

Ele estreitou os olhos.

— Continua fingindo? Não poderia ter ido para a cama com aquele velho se seu amor fosse verdadeiro. Sabe disso.

— *Velho! Como!* Do que está falando?

— Você sabe. O que chamavam de seu agente. Por que finge comigo?

— Leo? — ela gritou incredulamente. — Três *anos* depois, Salah. O que eu devia fazer? Você me rejeitou da maneira mais humilhante, vergonhosa possível. Eu devia implorar? Rastejar porque fui fraca e dormi com você antes de estarmos unidos pelos laços do maldito matrimônio? Esperei muito tempo, na esperança de que estivesse delirando quando escreveu, mas não! Sua atitude preconceituosa foi bem consciente! Não sei que *diabo* você acha que tinha o direito de esperar...

— Como, três anos depois? — Salah finalmente encontrou a voz, áspera como areia.

— Eu tinha quase 19 anos antes de Leo realizar seu plano mestre! Ainda ousa me culpar por aquilo? Você não me queria, mas eu tinha de continuar virgem para sempre? Era algum tipo de teste de santidade? Ninguém mais chegou perto de mim durante três anos, Salah. Você esperou tanto tempo? Gostaria de saber.

Os olhos dele estavam fundos de choque.

— Ele foi seu amante desde o princípio. Você passou de mim para ele.

O rosto dela se retorceu de nojo.

— Não, *não* foi! Eu tinha 16 anos, pelo amor de Deus! Ele tinha 42!

— Não era verdade? — Ele estava rouco de horror.

— O quê? — Desi o fitou, sem compreender. — O que quer dizer? *O que* não era verdade?

— Sami me mandou um recorte de revista. Vi uma foto de você com aquele velho. Dizia...

Ela recuou a cabeça como se ele a tivesse esbofeteado. Fitou-o e, por um instante, ficaram ambos imobilizados de horror.

— Você *acreditou* nisso? Foi por isso? — ela sussurrou, chocada. — Como pôde acreditar?

— Desi...

— Logo você! Realmente imaginou que dentro de poucas semanas eu pudesse... Com você num campo de batalha, pelo amor de Cristo! Achou que eu tivesse...

Subitamente, começou a gritar.

— Leu algo sobre mim naquela maldita revista ordinária de fofocas e *acreditou*? Oh, Deus, não pode ser verdade! É um pesadelo...

Fechou os olhos, e depois os reabriu, furiosa.

— Foi por isso que escreveu a carta! Seu... seu pérfido... O que valia o seu amor se pôde acreditar naquilo? Sem me perguntar, ou mesmo me acusar! Acreditou numa legenda sob uma foto. Deixou-me à mercê daqueles abutres que me cercavam. Eu não tinha nada para me defender se você não me amava! Pensou nisso?

Salah parecia o sobrevivente de uma explosão.

— Não — ele disse, chocado.

— Quis negar a fofoca, mas Leo disse que isso só ia confirmar a mentira. Ele disse que com isso ele poderia me proteger mais de homens predatórios, como prometeu a meu pai. E, realmente, ele me protegeu, de certa forma. Se Leo não estivesse por perto, eu não teria nem um momento de paz. Só não me protegeu dele próprio, naturalmente. Era o mais predatório de todos.

— *Ya Allah* — Salah sussurrou.

— Eu odiava tudo. Nunca desejei aquela vida, nunca! Sentia tanta falta de você! Desejava com toda força nunca ter feito aquele anúncio idiota. Então teríamos nos casado e eu não teria conhecido Leo. Pensava sempre em escrever para você, mas estava tão nervosa... Depois, você foi ferido, e eu soube que nada mais importava, porque se você morresse, eu morreria também. Rezei tanto para que você se recuperasse! Quando vi sua carta, quase morri de felicidade. Depois de lê-la, desisti de tudo. Desisti de acreditar que o que tivemos foi especial, que qualquer coisa fosse especial. Não era boa o bastante para você, Salah. Amei-o e desejei-o demais, e por isso você me achou...

Começou a soluçar perdidamente.

— Senti-me tão ordinária. Pensei, se Salah pode dizer coisas tão horríveis... então o que eu pensava que tínhamos não era nada, não era real. Vou me lembrar do que senti até morrer. Eu tinha me rebaixado a seus olhos por ter feito amor com você. O que tivemos não era nada lindo, era ordinário e sujo. Foi o fim de tudo para mim.

Ele estava mudo, os olhos negros, olhando-a, sabendo, sem a menor dúvida, que ela dizia a verdade.

— E agora você me diz que escreveu aquela imundície porque acreditou... como pôde acreditar? E nem me perguntou se era verdade — ela gritou. — Como pôde pensar que eu passaria de você para ele? Não suportava que outro homem me tocasse! Mesmo três anos depois... a primeira vez que Leo... fiquei nauseada depois! Corri para o banheiro e vomitei! Já foi ruim quando eu achava que me desprezava por ter feito amor com você,

ou por ser modelo, mas *isso!* É imperdoável, Salah. Você destruiu tudo. E pensar que passei esses últimos dias lamentando o que perdemos! Imaginando que ainda tínhamos algo... mas nunca tivemos nada, não é? Foi tudo mentira, desde o começo. Nunca mais lamentarei o passado. Tive sorte. Escapei de boa.

Depois houve um silêncio, rompido apenas pelos seus soluços.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Salah sentia como se tivesse levado um tiro.

Ficou contemplando o passado, e toda a proteção construída tão cuidadosamente durante dez anos ruiu. Tinha destruído o sonho com suas próprias mãos. Começou a sentir culpa e dor.

Ela não tinha a menor culpa. A culpa foi inteiramente dele, desde o princípio.

Ela estava certa. Ele tinha agido sem generosidade, sem honra, sempre fingindo que a falta de honra era dela. Deveria ter falado com ela antes de julgá-la. E tentado compreender as pressões do novo mundo sobre ela. Um homem de 42 anos, uma garota de 16. Que chance ela teria?

Ele abriu a boca três vezes antes de conseguir falar..

— Desi, o que fiz? Desi, perdoe-me.

Esticou a mão para ela, mas, ainda chorando, ela se esquivou.

— Perdoar? Como posso? — ela gritou.

— Desi. Meu Deus. Que idiota que sou. Pior que idiota. Um demônio.

Ela soluçava inconsolavelmente.

— Disse que me amava, como pôde acreditar naquilo? Por que não me deu uma chance?

Como ele poderia compensá-la por tal desperdício de vida e amor?

— Desi, sinto muito.

— Ótimo. Isso faz toda a diferença.

O carro estava insuportavelmente quente. Salah ligou o motor.

— Não podemos ficar aqui.

Continuaram em silêncio, passando por outros carros na estrada. Depois de algum tempo, Salah saiu da estrada e dirigiu na areia novamente.

Ela se perguntava como podia ter achado a paisagem magnífica. Não passava de um vazio.

Ainda está no deserto? Está seduzindo Salah? O q está acontecendo? P fv ligue logo.

Desi leu a mensagem e desligou o telefone sem responder.

Passou-se outra hora, e depois estavam passando por uma curiosa floresta de afloramentos rochosos e para dentro de um vale entre altos paredões de pedra. Em alguns lugares, as rodas afundavam na lama. Em outros, um fio de água indicava que isto era o leito de um rio.

— No inverno, há enchentes repentinas aqui — disse Salah. — É muito perigoso. — Eram as primeiras palavras que passavam entre eles em mais de uma hora. — Dois anos atrás, toda esta área ficou inundada pela primeira vez de que se lembre. Nem mesmo nas tradições tribais havia história de uma enchente assim.

— Sempre o guia de turismo — ela disse.

Logo antes do pôr do sol, os paredões se alargaram e surgiu uma ampla vista. Na distância, ela viu um grupo de barracas aninhado sob o rochedo.

— O acampamento de meu pai — ele disse. Era como um acampamento nômade com tecnologia e ar condicionado. Todo o equipamento moderno se aninhava na sombra protetora entre dois afloramentos de rocha negra que ressaltavam do chão do deserto. As barracas eram metade modernas e metade baixas, do tipo nômade. E, diante delas, o grande local arqueológico, onde homens com chapéu de palha trabalhavam em fileiras.

Ao se aproximarem, um guarda armado examinou por um instante o rosto de Salah e depois o deixou passar.

— Tenho de verificar o que prepararam para nós — disse Salah. — Não nos esperavam tão cedo. Pode aguardar na tenda-refeitório ou posso levá-la até meu pai.

Estava quente demais para ficar no carro.

— Haverá gente no refeitório? — ela perguntou. Salah disse que sim.

— Tem algum lugar onde eu possa ficar sozinha?

— Só quando eu achar o trailer que prepararam para você.

— Seu pai, então.

Ele a levou para uma casa sobre rodas que servia de escritório da escavação.

O arqueólogo, dr. Khalid al Khouri, estava sentado à escrivaninha. Era um homem sólido, atarracado, com cabelos grisalhos e um rosto com linhas profundas na testa e no rosto.

Quando entraram, ele estava examinando uma peça, com uma mocinha atenta ao lado de sua cadeira. Não notaram a chegada deles.

Terminado o exame da peça, Khaled disse:

— Tinha razão, Dina. Parabéns.

Quando a moça se virou para sair, viu Desi e arquejou de surpresa. A esse som, Khaled ergueu os olhos.

— Sim? — ele disse, e depois — Salah!

— Desi, este é meu pai — disse Salah. — Pai, esta é Desirée Drummond, Desi.

— Desi! Olá! — exclamou o dr. al Khouri, levantando-se. Esticou a mão, olhando-a com o mesmo interesse com que olhara a peça antiga. Seu aperto de mão era firme, os olhos negros, amistosos, mas desconfortavelmente penetrantes.

— Sinto-me muito feliz em conhecê-la finalmente. Ouvi tanto falar em você! É gentileza sua vir nos visitar.

Não parecia desconfiar nem um pouco de que ela conspirava para roubar peças valiosas, e Desi lançou um olhar para Salah.

— É muita bondade sua me receber — ela disse, e, sob a intensidade calorosa do olhar dele, conseguiu sorrir.

— Tenho de fazer a ronda antes de o trabalho cessar. Talvez queira me acompanhar, Desi.

Ela concordou. Já era mais do que hora de se afastar de Salah. E ele parecia concordar com isso.

— Vou checar as acomodações — ele disse. Seus olhares se encontraram, e havia uma advertência no dela. Depois, ela viu que isso não era necessário — ele também não tinha o menor interesse em continuar dormindo com ela. Bem, ele tinha conseguido o que desejava.

Pena ela mesma não sentir o mesmo, pois tudo ainda fervilhava em seu íntimo: raiva, mágoa e um sentimento profundo de traição.

Um instante depois, ela estava lá fora, ouvindo as explicações do dr. al Khouri. E, apesar de tudo, começou a ficar interessada.

— Olhe para isso — Khaled disse, ao passarem por um trabalhador desenterrando uma placa engastada na terra. — Esta peça é o nosso orgulho e a nossa alegria.

Desi olhou com atenção.

— É uma mulher?

— Uma mulher, não. É uma figura feminina. Provavelmente uma deusa. Acreditamos que seja a divindade tutelar dessa civilização inteira.

Ela se abaixou para ver melhor e constatou, excitada, que a figura era igual à sua estatueta.

— Quem é? — perguntou.

— Ainda não sabemos o seu nome.

— É uma deusa da fertilidade? Do amor?

— Acho que sim.

— Inanna?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Possivelmente. Mas, se for, é uma imagem tão diferente que seria específica deste povo, e talvez tenha outro nome. O que a fez pensar nela?

Desi riu.

— E a única deusa do amor antiga que conheço — confessou. — Comprei uma estatueta de uns nômades e acho que é a mesma figura feminina.

O dr. al Khouri sacudiu a cabeça, suspirando.

— Comprou de nômades?

— Sim, por 20 *dirhams*. Está no carro.

— Então, amanhã vai me mostrar. Suspeitamos que esta seja sua cidade particular — ele disse, indicando o local arqueológico todo.

— A deusa do amor era a divindade principal? — Desi perguntou, espantada.

— Sim, e essa adoração deixou marcas. Na antiguidade, Barakat teve muitas soberanas, e, mesmo depois do Islã, permitimos que rainhas nos governassem. Já ouviu falar na grande rainha Halimah?

— Já.

— Seu caminho foi aberto pelas deusas da antiguidade. Sua própria estatueta provavelmente veio dessa área. A enchente desenterrou muitas coisas. Vimos evidências de mais dois locais arqueológicos perto daqui. É por isso que é tão importante manter segredo pelo maior tempo possível. Precisamos proteger esses locais, não só de saqueadores, como de idiotas que não suportam saber que antigamente o feminino era adorado e querem destruir as evidências disso.

— E pensou que eu talvez estivesse ajudando essa gente? — ela perguntou, amargamente.

Ele a fitou.

— Ajudá-los? Que pessoa inteligente ajudaria esses lunáticos?

— Salah disse que vocês suspeitavam que eu queria vir aqui porque...

— Oh! — ele disse num tom diferente. — Minha mulher disse que, se quiséssemos ver Salah feliz, eu tinha de deixá-la vir, apesar das objeções dele. E eu tinha de fingir que também suspeitava dos seus motivos. Sou apenas um arqueólogo, não entendo dessas coisas. Mas você saberá, meu filho está feliz agora?

O coração dela começou a martelar no peito.

— Como saberia? — Desi protestou. — Ele não vai se casar com Sami?

Ele deu de ombros.

— Minha mulher diz que não.

Desi respirou fundo. *Prometa que só falará com tio Khaled se tiver certeza absoluta de que ele vai aceitar*, Sami dissera. Aí estava a sua chance.

— Dr. al Khouri...

— Por favor, me chame de Khaled.

— Khaled, tenho algo a lhe contar e lhe pedir, por Sami.

— Ah, sim. Minha sobrinha é sua amiga. Vamos nos sentar aqui — ele disse, levando-a para um banco sob um toldo. — Então, o que deve ser dito que minha sobrinha não pode me dizer, ela mesma?

— E sobre... o casamento. Sami me pediu que lhe dissesse que ela não quer se casar com Salah. Já está noiva do homem que ama, mas os irmãos querem que ela se case com Salah. Ela já se recusou, mas...

— Está falando de Walid e Arif? — ele interrompeu, espantado.

Desi concordou num gesto.

— Ela me pediu que lhe implorasse para desautorizar Walid e dar permissão para ela se casar com o homem que ama. Senão, ela teme que Walid faça algo... realmente estúpido.

Khaled arqueou as sobrancelhas ao ouvir isso, e, quando ela acabou, suspirou forte.

— Bem, são uns tolos, esses meus sobrinhos! Como se chama o noivo de Samiha?

— Farid Durrani al Muntezer. É canadense, mas sua família é de Bagestan.

— *Madthe!* — Khaled deu uma gargalhada. — Bem, são mais do que tolos. São ridículos. O rapaz pertence à família real de Bagestan.

Desi arregalou os olhos.

— O quê?

— Esse foi um dos nomes que adotaram no exílio. Por que ele não diz a eles? Já não é mais segredo. A família recuperou o trono agora, e o mundo inteiro sabe.

— Acho que Walid o recusou por uma questão de princípios.

— Bem, vou dar a minha permissão formal e vou trocar algumas palavras com eles.

Levantou-se.

— E, agora que cumpriu o seu dever, Desi, venha ver o templo da senhora antes que o sol se ponha.

Salah estava à porta do refeitório, vendo-os a distância. Ela parecia pertencer ao lugar onde seus antepassados adoravam o amor, a alta sacerdotisa da religião do amor.

Sua vida inteira se desmoronara fazia algumas horas, e nenhuma nova imagem tinha se formado. Ainda estava dominado pelo horror do que fizera.

Mas a solução estava lá. Contemplou a beleza graciosa dela, conversando com o pai. O último raio do sol poente contornava o corpo de Desi com chamas de ouro vermelho, gravando a sua forma no coração dele, ao lado da outra forma que já estava lá.

— Todos comem no refeitório — Salah informou-a mais tarde, levando-a para o trailer onde ela dormiria. — O jantar estará pronto em meia hora. Ou alguém pode lhe trazer uma bandeja.

Desi não estava em condições de participar de um jantar com o bando de jovens alegres que tinha visto em seu tour do local, principalmente porque todos pediriam o seu autógrafo.

— Não estou com fome. Se puderem me trazer um copo de água, vou me deitar agora.

— Tem água no trailer. Desi, eu...

— Não — ela disse com voz embargada. — Por favor. Não há nada a dizer.

— Há tudo a dizer — replicou Salah. — Acha que posso deixar às coisas como estão?

Ela não suportava mais.

— Vou dizer boa noite, Salah. Mas ele segurou-lhe o braço.

— Caminhe comigo — ele disse. — *Deezee!*

Aquele jeito de ele dizer o seu nome ainda tinha poder sobre ela.

— Venha comigo — ele insistiu.

E ela saiu com ele para o deserto vazio.

— Desi, eu estava cego. Cego e idiota.

Ela fechou os olhos, invadida por uma sensação de desperdício e devastação.

— Tarde demais — ela disse, engasgada. — Pouco demais, tarde demais.

— Não diga isso! Não pode ser tarde demais. Ainda somos jovens, temos tanta vida diante de nós.

— Você é jovem? Sou velha. Estou cansada e a vida me deixou para trás. E não quero falar sobre isso. Era só isso que tinha a dizer?

— O que está dizendo? Você já me amou, me diz isso cada vez que fazemos amor. Desi, eu...

— Acho que nossos relógios não estão sincronizados.. — Olhou para o relógio. — Sim, uma diferença de, vejamos,, uns dez anos.

— Um erro estúpido destruiu aqueles dez anos. E se não o consertarmos agora, destruirá o resto de nossas vidas. Precisamos achar uma saída.

— O único erro que destruirá o resto da minha vida seria escutar você.

— Sabe que não é verdade. Por favor, Desi, examine o seu coração.

— Olhe. Queria resolver uma pendência, não é? Agora conseguiu. Acho que vai se casar. Bem, então boa sorte.

— Acha que posso me casar com Sami agora? — ele quase gritou.

— Mas não interessa com quem se case, não é? O que aconteceu com "o melhor amor vem depois do casamento"?

— Como posso me casar com outra mulher *agora* e esperar amá-la?

— Não faço idéia. Mas nunca entendi mesmo.

— Desi, cometi um erro que arruinou nossas vidas por dez anos.

— Você é um homem poderoso que mora num palácio. Eu sou uma supermodelo. Acho que não podemos chamar isso de ruína.

— Você fala do mundo. Eu falo do coração. Tem de me perdoar. Tem de me amar novamente.

— É mesmo? — ela riu amargamente. — Eu não o amaria novamente, nem que fosse o último homem do mundo. E agora, quero voltar.

Ele a olhou, angustiado.

— Disse-lhe uma vez que já éramos casados no coração. Que ficaríamos casados para sempre. Lembra-se?

— *Eu* nunca esqueci.

— Somos casados em nossos corações. Sempre fomos.

— Não nos divorciamos? — ela perguntou jovialmente.

— Podemos consertar esse erro agora. Pense, se vivermos até os 80, dez anos de separação não significará nada.

Tinham chegado ao trailer dela.

— Os últimos dez anos jamais serão nada para mim — ela disse duramente. — Mas você será, Salah. Você é nada para mim. Boa noite.

Entrou e fechou a porta.

Ela não conseguia dormir. Ficou deitada, repassando a vida e os dez anos perdidos. A carta de Salah, a vergonha que sentiu, a traição de Leo, que, depois de

passar três anos agindo como pai dela, insistiu em levá-la para a cama. Aquele caso de dez meses com ele foram dez meses de pura humilhação. Se Salah tivesse confiado nela, aquele ano horrível não teria acontecido.

"Você matou o nosso amor com as próprias mãos", Desi disse silenciosamente a Salah. "E, considerando tudo, eu devia estar agradecida. Um dia, estarei. Quando me recuperar, ficarei contente."

Depois, ela se virou para enterrar as lágrimas no travesseiro.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Sabíamos que vinha um VIP — disse a moça efusivamente. — Mas quem diria que era a *Desi*?

O sol brilhava forte do lado de fora do refeitório, onde Desi estava sentada com Salah e seu pai, almoçando. Tinha acordado com dor de cabeça e não compareceu ao café da manhã. Depois, tinha feito a ronda com Khaled novamente, sempre evitando Salah.

Porém, tinha de enfrentá-lo em algum momento, então, quando Khaled mencionou o almoço, ela não protestou. Ela e Salah ainda não tinham trocado uma palavra, mas ninguém notou.

Ela deu uma olhadela para ele, e foi o bastante para saber que não precisava evitá-lo: as barreiras tinham sido erguidas novamente. A angústia da véspera desaparecera, e ele voltou a ser o Salah que a recebeu no aeroporto.

Isso era bom. Agora, era só se afastar dele o mais depressa possível.

Sorriu e deu o autógrafo para a moça.

— Então, vai fazer fotos aqui? — a moça perguntou.

De repente, ouviu-se o barulho de um carro se aproximando e parando ao lado do refeitório.

A porta do carro bateu, e logo depois uma mulher apareceu à entrada. Ela examinou as mesas, depois se dirigiu firmemente para a mesa deles. Desi viu uma mulher elegante, de feições aristocráticas e olhos negros atentos.

— Mamãe? — Salah gritou, espantado e aborrecido. — Que faz aqui neste calor?

— Vim conhecer Desi, naturalmente — disse Arwa al Khouri.

— Esta é a casa do meu marido aqui — disse Arwa quando entravam no trailer. — Não venho muito porque o calor me faz mal. Então, pode me chamar de Arwa, sim? Sinto que já a conheço há muito tempo! Afinal, foi por azar que não nos conhecemos anos atrás.

— Fala inglês tão bem! — disse Desi animadamente, procurando mudar de

assunto.

Arwa era uma mulher elegante e distinta, uns 15 anos mais moça que o marido.

— Não tão bem, mas fico feliz de podermos conversar sem um intérprete. Queria tanto conhecê-la, Desi!

— Porquê?

— Porque você era a dona do coração do meu filho, e havia problemas entre vocês — disse Arwa simplesmente. — Estou tão feliz por você ter vindo finalmente.

Desi fitou-a, boquiaberta.

— Do que... do que está falando?— perguntou bobamente.

— Não se preocupe por eu ser a mãe dele. Vai me contar tudo, sim? Porque vejo em seus olhos, Desi, que ama o meu filho. Como, naturalmente, ele a ama, também.

Desi sacudiu a cabeça, pois não conseguia falar. Pensou no rosto de pedra que tinha visto ao almoço, e sabia que Salah não amava. Por um instante, arrependeu-se de sua reação na véspera. Se o tivesse deixado falar...

Não. Tinha tido sorte de escapar dele.

— Conte-me — disse Arwa.

De repente, Desi se viu chorando e contando a história toda, em detalhes.

— Ele nunca confiou em mim! Nunca, em dez anos! Não chamo isso de amor! — ela concluiu.

Arwa não falou até Desi acabar. Depois, sacudiu a cabeça.

— E assim, ele quase destruiu a si mesmo e a você também — ela disse. — Os homens podem ser tão tolos quando amam demais. Mas acho que posso compreender o meu filho. Vejo como tudo aconteceu.

— Eu também — disse Desi, soluçando. — Não é nenhum mistério, é?

— Ele era muito jovem, e nossas duas culturas são tão diferentes. Há dez anos, fotos de mulheres em anúncios eram raras aqui em Barakat. Então, vê-la daquele jeito foi um choque para Salah. Ele reagiu mal, mas logo se arrependeu, você disse. Ele implorou seu perdão, mas você, de sua própria distância cultural, desconfiou de Salah por sua vez.

— *Eu desconfiei dele?* Arwa sorriu.

— Então, não foi isso quando temeu, que ele fosse igual aos idiotas dos kaljks, que castigam as mulheres por suas próprias carências? Ele acreditou que você estava sendo explorada sexualmente, e você temeu que ele pudesse ser um louco.

Desi absorveu isso calada. Apenas uma discussão, e ela achou que a mentalidade dele era igual à de pessoas do mais baixo nível.

— Quando ele voltou da visita à sua família aquele ano, vi que estava muito infeliz. Mas ele não se abriu conosco. Em seguida, foi lutar na Guerra Kaljuk. E, alguns meses depois, foi ferido. A bala não o matou por pouco, e ele despencou da montanha, ferindo-se ainda mais. A primeira vez que o vi...

Ela passou a mão na testa, como se a lembrança ainda a assombrasse. Depois, continuou.

— E você me conta que foi nessa ocasião, quando ele estava mais enfraquecido e sofrendo dores terríveis, que ele leu algo que dizia que você estava com outro homem. E ele acreditou.

Arwa fez uma pausa, mas Desi estava com a garganta seca demais para falar.

— Ele devia ter questionado aquilo, é claro. Mas não temos revistas como essa nos Emirados Barakat. Como ele poderia saber que eles publicavam boatos como se fossem verdade?

Desi sentia todas as suas certezas balançarem, e estava perdendo o equilíbrio.

— Ele lhe contou isso? Como sabe? — ela perguntou.

— Não — respondeu Arwa firmemente. — Como desejo que tivesse contado! Não sabíamos o que tinha acontecido, só que ele a amava, e você tinha partido o coração dele.

— Se ele não contou, como sabia que eu tinha partido seu coração?

Arwa sorriu tristemente.

— Desi, dez anos atrás, eu sentei ao lado da cama de meu filho, sem saber se ele viveria ou morreria. Todos os dias e todas as noites ele clamava o seu nome. Naqueles dias terríveis, meu marido e eu questionamos se devíamos entrar em contato com você e pedir que viesse para ele. — Deu de ombros. — Tivemos medo e não fizemos nada.

— Eu queria vir — Desi sussurrou. — Mas meu agente disse...

Mas ela sabia. Se apenas tivesse escutado o próprio coração e se afastado de Leo e seus "compromissos importantes"... Então, não teria havido lugar para mal-entendidos. Por que tinha sido tão fraca?

Salah tinha razão. Foi Leo que os separou. Leo não tinha ido para a cama dela na ocasião, mas tinha se apossado dela como se fosse um amante.

Arwa suspirou.

— Depois daquelas primeiras semanas terríveis, houve uma grande melhora. Nós o levamos para casa. Ele estava mais feliz, estava se recuperando. Depois, um dia entrei no quarto dele e meu filho não estava lá. Alguém parecido com ele estava na cama, mas não era Salah. Era como se tivesse morrido no íntimo. Nunca soube o que aconteceu, Desi, mas acho que hoje sei. E durante dez anos nunca mais vi meu filho como era antes, até o dia que o pai disse a ele que Desirée Drummond vinha visitar a escavação. Naquele momento, digo-lhe, a máscara foi arrancada, e vi que, dentro do estranho que conhecemos durante dez anos, ainda estava o meu filho, Salah, e que você tinha o poder de trazê-lo de volta. Hoje vejo que meu filho está vivo novamente. Seu coração está partido mais uma vez, mas pelo menos fala com ele. Salah se recuperou fisicamente há muito tempo, Desi, mas hoje, pela primeira vez desde aquela guerra terrível, seu espírito está vivo.

Fez uma pausa, e depois continuou.

— Você pergunta como sei que ele a ama. É assim que sei. Sua presença tocou-o como ninguém mais pode. Duvidou do seu amor numa ocasião em que estava doente e vulnerável, é verdade. Mas, se você o ama e por que outra razão estaria aqui?, precisa perdoá-lo, não acha?

Desi fitava-a, dilacerada entre a esperança e a dor. Será que a mãe viu algo que ela mesma não viu por trás daquela máscara gélida no rosto de Salah hoje? Seria tristeza, e não frieza, que transformara o seu rosto em pedra?

Podia admitir agora. Ela o amava. E se ele a amasse...

O que mais a abalava era saber que a mudança que viu em Salah, a que o transformara naquele homem áspero, fechado, que ela mal reconheceu no aeroporto, foi

ela. A convicção dele de que ela não o amava.

Era tanta coisa para absorver que ela achava difícil compreender tudo completamente.

CAPÍTULO DEZOITO

— Quer dar uma volta comigo, Desi? — disse Salah.

O sol estava se pondo e o ar esfriava rapidamente. Ela olhou para ele e concordou.

O sol poente coloria o deserto enquanto eles caminhavam pela cidade antiga abandonada. Era fácil sentir a atração de uma outra época, sentir o poder feminino inerente ao templo ardendo sob seus pés.

Ao subirem os degraus de tijolo das ruínas do templo, Desi se viu invadida por uma sensação de alegria desinibida que vinha dos tijolos e que pareciam tirar um peso de cima dela.

Queria conhecer aquelas pessoas. Quem eram? Como adoravam o divino que reverenciavam como Deusa?

— Pedi a seu pai essa tarde e ele concordou em me aceitar como voluntária na próxima temporada. Este lugar tem alguma coisa. Quero participar das descobertas. Quero saber tudo sobre a deusa.

Ele imaginou como seria saber que ela estava ali, dia após dia, sem ser dele, e o coração se apertou. Mas não podia protestar.

Disse suavemente:

— Você é a representante da Deusa na Terra, Desi, não sabe? Ela tem de aparecer disfarçada agora, para esconder sua face verdadeira de um mundo masculino, então aparece como uma supermodelo ou uma estrela de cinema. Esse é o modo secreto de o mundo adorar o feminino. Eu estava errado dez anos atrás. Não é degradante. Tentam degradá-lo, mas, numa mulher como você, o poder feminino surge imaculado. Quando a admiram e anseiam por você, Desi, é a Deusa perdida de meu pai que procuram. Se ela não estivesse sempre presente, o mundo já teria sido destruído pela estupidez humana. Agora entendo isso.

Ela não encontrava resposta para isso, mas ele não esperava resposta alguma.

— Escute, Desi. Por favor, me escute. Quero dizer-lhe o que se passou comigo. Talvez, então, sinta menos mágoa.

— Estou escutando, Salah — ela disse suavemente.

— No hospital, você estava comigo dia e noite. Então soube, com toda certeza, que você me amava. Foi o medo que a fez negar isso. E, pela primeira vez, compreendi aqueles temores. Pensei naqueles selvagens do Kaljukistan e compreendi que minha revolta fez você pensar que eu era como eles. Você me conhecia tão pouco. Mas eu não era como eles. Jamais seria.

— Sei que não seria — ela sussurrou.

— E eu sabia, *sabia*, que nosso amor podia superar tudo. Meu ciúme estúpido, seu medo. Sabia que eu tinha de melhorar, ir buscá-la e fazer o nosso amor acontecer. Desse momento em diante, comecei a me recuperar. Levaram-me para casa. Estava lhe escrevendo, aos poucos, uma carta, pedindo que viesse. Então, antes de terminá-la, estava quase pronta! Que demônio interferiu naquele instante, Desi?, trouxeram-me a correspondência atrasada. Havia uma carta de Sami, de semanas antes. De antes de eu ser ferido.

Sami, entusiasmada com o sucesso da amiga, tinha incluído fotos de Desi tiradas de uma revista. Ele olhou as fotos e viu uma Desi diferente, sofisticada, e, pior de tudo, com um sorriso que ele não reconhecia.

— Fiquei gelado, Desi. Comecei a tremer. Meu coração parou, com medo de que fosse tarde demais para nós. Quanto mais eu olhava a foto, mais medo sentia. Pensei, *ela pertence a esse outro mundo agora, vai rir da minha carta*.

Mas, mesmo assim, ele teria mandado a carta. Tinha de tentar.

A última foto mostrava um homem com um bronzado artificial e um sorriso falso pairando ao lado dela com um ar predatório de posse. E, debaixo da foto, havia uma legenda.

"Leo J. Patrick e sua mais recente descoberta, a deslumbrante Desirée. E não é apenas uma relação profissional. Aparentemente, é um romance entre maio e dezembro."

— Só entendi "entre maio e dezembro" depois de perguntar. Mas entendi "romance". Foi pior do que morrer, Desi. A dor destruiu toda a minha confiança e segurança. Dois dias depois, o cartão dela chegou. Era cerimonioso e frio, e não esclarecia nada. Dizia: "Com amor, sua amiga Desi".

— Achei que era o seu jeito de dizer que devíamos ser amigos. Mas eu não queria ser seu amigo. Queria ser seu amante, seu marido, não seu amigo enquanto outro homem era seu amante.

Ele contemplou o deserto arroxado.

— Não sei o que me aconteceu. Nem questioneei se era verdade. Fui um idiota. Será que a doença me enlouqueceu? Só sei que desejei que a bala tivesse me matado. Escrevi aquela carta. Depois que a enviei, me arrependi. Depois, não me arrependi mais.

O coração de Desi pulsava de esperança e medo, e ela abaixou a cabeça, escutando com todo o seu ser.

Quando ele se recuperou, foi para uma universidade em Londres. Mas não deixou de pensar em Desi. Depois, soube do noivado dela com Leo J. Patrick e, um ano depois, soube do rompimento.

Queria procurá-la, lutar por uma outra chance, mas achou uma fraqueza tola, e desistiu.

— Fui um tolo. Pior que um tolo. Matei o nosso amor com minhas próprias mãos: Agora você me odeia, e como posso me queixar? Não era de você, Desi. Era de mim mesmo que tive raiva esses anos todos. Fui eu que matei o nosso amor.

Não era verdade. Nada matara o amor dele. Sempre a amou, sem cessar nem por um minuto.

— Salah, eu... — Mas ela não conseguia achar as palavras.

— Se vier ao meu país, Desi, — ele disse — para trabalhar com o meu pai, deve

compreender que estarei aqui também.

— Sim?

— E, ao vê-la, Desi, vou tentar fazê-la me amar novamente. Nunca serei capaz de ser apenas seu amigo.

— Não? — ela sussurrou.

— Desi, amo você — disse Salah. — Diga-me que não é tarde demais. Diga-me que há um meio de fazer você me amar de novo.

A lua nascia, cheia e brilhante. O coração de Desi subia com ela até as estrelas. Seus olhos ardiam de lágrimas represadas.

Ele esperava, contemplando as sombras, ouvindo a respiração suave dela, aguardando a resposta.

— Não foi tudo culpa sua, Salah — ela começou baixinho, tentando acalmar o coração palpitante. — Por muito tempo, pensei que fosse. Mas sou tão culpada quanto você. Não falemos mais nisso. Estou cansada de culpas e recriminações.

Ele a virou para si e fitou-a no rosto. O luar tanto o revelava como o encobria em mistério, e ela era tão indefinível quanto o grande poder feminino que fora adorado ali. Ele passaria o resto da vida em busca de seu mistério.

— Desi? — ele disse.

Ela respondeu, aprendendo enquanto falava:

— Percebi uma coisa. Nunca foi meu sonho ser modelo. Quando nos apaixonamos, eu e você, foi esse o sonho que reconheci. E vejo agora que eu poderia ter mudado tudo naquela noite, e nada disso teria acontecido, se apenas tivesse admitido isso para mim mesma, se tivesse dito a você: "aquele anúncio não importa, porque vamos nos casar e ele não acontecerá novamente". Mas eu estava cativa do sonho de outra pessoa.

Ele disse:

— Eu a ataquei. Você só poderia me responder resistindo ao ataque. É da natureza humana.

— Você não matou o meu amor, Salah — ela sussurrou.

— Agora sei que nunca deixei de amá-lo. Fui tão fraca e errada quanto você. Mas éramos tão jovens, e o amor, tão forte... foi sorte ele não nos ter matado de vez.

— Desi — ele disse numa voz sufocada de esperança

— Amo você. Amarei você para sempre.

— Amo você também, Salah. Para sempre. Sei disso agora. Depois, ele a enlaçou num abraço violento, apertando-a contra si, enquanto lhe contemplava o rosto vorazmente.

— Diga que se casará comigo! — Ele exigiu. — Diga! O luar cintilava em suas lágrimas, mas ela sorriu para ele.

— Como posso dizer não? Afinal, já estamos casados em nossos corações, não estamos?

— Sim, minha bem-amada — ele disse, enquanto seus lábios tocavam nos dela e os saboreavam. — Já estamos casados em nossos corações.

EPÍLOGO

— Missão cumprida — Desi disse ao telefone.

Tinham voltado ao palácio naquela manhã, e Desi ligou para Sami para dar a notícia.

— Oh, você é mágica! — Sami gritou. — Obrigada! Como conseguiu, Desi? O que fez?

— Foi fácil. Só tive de concordar em casar com Salah em seu lugar. Nenhum sacrifício é grande demais.

Sami gritou:

— Sabia! Sabia que ele ainda amava você! Que maravilha, Desi! Você o ama? Amaram-se esse tempo todo?

— Sim e sim.

— Estou radiante! E quanto a Farid? — Sami perguntou ansiosamente. — Teve... teve uma chance de falar com o tio Khaled?

— Sim, e ele disse uma coisa interessante. Sabia que seu noivo é parente do Sultão de Bagestan?

— Meu *noivo*? — Sami percebeu imediatamente. — O tio Khaled consentiu?

— E também vai dar a maior bronca em Arif e Walid.

— Ai, que maravilha, Desi! — A voz se embargou, e, por um instante, nem pôde falar. — Estou tão... mas *sabia* que você e Salah iriam...

— Sam! Está dizendo que *contava* com...

— *Allah!* Estou louca de alívio! Está tão feliz quanto eu, Desi? — Sami ria e chorava ao mesmo tempo.

Ele segurava a esposa de seu coração nos braços e fitava-a nos olhos, e nada se interpunha entre eles.

O cabelo dela se espalhava sobre o seu braço e o travesseiro. Ela sorria para ele, e ele se maravilhou com a confiança dela, com a oferta da parte mais profunda de sua alma, que ele via em seus olhos, sem saber que aquele olhar se refletia nos seus.

— Meu amor — ele murmurou, e abaixou-se para roçar os lábios perfeitos dela com um beijo. Delicadamente, docemente, seus lábios acariciavam-lhe a boca, o rosto, a testa, a garganta.

Ela se derretia a cada toque. Passou um braço em volta dele, puxando-o para perto, e apertou a boca contra o rosto dele, contra o pescoço forte e contra a sua boca.

— Amo tanto você, Salah — ela sussurrou. — Por favor, faça amor comigo.

O corpo dele se agitou e se empurrou contra ela, e ela se derreteu bem lá dentro,

na expectativa da volta dele ao lar. O desejo apertou os braços dele em torno dela, a boca ficou exigente, bebendo fundo as delícias daqueles lábios macios, daquela língua ávida.

Ele começou a acariciá-la, mas ela não queria espera, queria união. Apertou-se contra ele, deslizou impacientemente para debaixo dele.

— Faça amor comigo — ela repetiu. — Quero sentir você dentro de mim.

Ele não podia resistir a essa ordem. Era assim que a Deusa tratava seus adoradores?

Ele desligou para o berço dos quadris dela, ergueu-se enquanto ela se apertava contra ele, e ardorosamente se empurrou para o seu lar. Ofegaram juntos quando a estocada provocou prazer em cada célula, e ficaram ali um momento, olhando-se nos olhos arregalados de surpresa.

Ao luar, ela era, ao mesmo tempo, misteriosa e conhecida, tanto dele como a outra, a incompreensível. Ele percebeu que devia fazê-la sua, toda sua, e seu corpo instintivamente se elevou e mergulhou de novo, para repetir o surto de prazer, pois era assim que se apossaria da deusa. Sua fraqueza pelo prazer sempre a faria sua.

Ele se afastava e mergulhava repetidamente, ouvindo o ritmo dos gemidos dela, guiado pelas mãos dela, a boca, os olhos, o sibilo do ar entre seus dentes.

Seu próprio prazer era seu a qualquer instante, tal era o poder' dela sobre ele. Mas deleitava-se em reprimi-lo enquanto a levava cada vez mais perto da fonte do poder misterioso da deusa.

Um derretimento inundava-a toda a cada estocada do corpo dele, e se acumulava em suas células, esperando a liberação. Ela ergueu o corpo em resposta ao ritmo que foi criado antes do mundo. Era o ritmo do nascimento do mundo, ela pensou, era assim que acontecia; esse êxtase repetido infinitamente, empurrando e empurrando contra a barreira que separava corpo de espírito, alma de alma, a barreira que só o êxtase podia derrubar.

O prazer se acumulava nela até não haver lugar para mais nada, e continuou crescendo, transbordando de suas células para o mundo, até eles ficarem cercados por uma aura de doçura e calor que brilhava com luz própria, uma expectativa de leite que englobava tudo.

E ele continuava empurrando e empurrando, até ela soluçar por ser incapaz de conter o prazer. Então, subitamente, houve uma explosão de calor e luz, de amor e êxtase, e o desejo louco de ser tanto si próprio como o outro.

O prazer percorreu-os, e, então, aquilo por que ansiavam estava ao seu alcance, e eles o agarraram juntos, trouxeram-no para a cama e o prenderam ali por um instante breve, interminável, só permitido aos mortais.

Depois ficaram deitados, abraçados, amando-se e conversando.

— O príncipe Omar pediu-lhe que fosse morar no exterior? — ela perguntou. — Por quê?

— Quer que eu desmantele uma quadrilha de contrabandistas de antiguidade.

— E depois, quando terminar? Salah, você não espera que eu more o tempo todo em Barakat.

Ele apertou o braço em torno dela.

— Sei que sua carreira a obriga a estar em Paris e Londres. Encontraremos um jeito, Desi.

— Só por mais alguns anos. Depois, gostaria de ter uma casa numa das ilhas, perto de meus pais, e passar alguns meses por ano lá. Você toparia isso?

— Sempre gostei da ilha — ele respondeu. — E seu trabalho com o meu pai?

— Estou entusiasmada com isso, Vou ver se consigo começar a estudar este ano.

— Fico feliz de você encontrar uma nova carreira com o meu pai. E tenho de me desculpar novamente. Quantas vezes chamei você de mentirosa?

— É — ela disse, curiosa. — Como sabia? Por que tinha tanta certeza?

Ele sorriu e acariciou seus cabelos.

— Mesmo quando éramos crianças, sempre que você estava mentindo, seus olhos mudavam de cor, ficavam cinzentos. Eu já desconfiava de seus motivos antes de você chegar. Mas quando você me dizia as suas razões para vir aqui, seus olhos ficavam cinzentos. Então, sabia que estava mentindo.

— Ahhh — disse Desi. — Ninguém me disse isso antes.

— Eu só podia pensar em dois motivos para a sua presença aqui. Ou era a ferramenta de ladrões ou realmente tinha vindo por...

— Por você? Queria que eu dissesse: *Não pode se casar com Sami porque ainda o amo?*

— Tudo teria se resolvido mais rápido se tivesse dito isso,

— Sami me fez jurar que não lhe contaria a verdade. Ele levou um instante para perceber.

— A verdade? Que verdade?

— Você tinha razão, Salah. — Eu estava mentindo para você. Vim aqui por causa de Sami.

— Sami? — ele perguntou, espantado.

— Acho que seu pai não lhe contou. Ela não quer se casar com você. Pediu-me para... bem, desviá-lo. E tentar conseguir o consentimento de seu pai para ela se casar com Farid.

— Mas isso é uma loucura. Foram eles que fizeram...

— Não foi por vontade de Sami. Foram os irmãos dela. Depois de ouvir a história, toda, ele ficou deitado, rindo.

— Você devia me seduzir?

— Não gostei muito da idéia — ela disse meigamente. — Mas Sami estava desesperada.

— E por que ela não falou diretamente comigo? Era só me telefonar.

— Porque achava que você tinha seus próprios motivos para querer o casamento. E, naquele tempo, você era muito intimidante.

— E ela estava certa. Tinha mesmo os meus motivos. Acho agora que sentia que seria um jeito de trazê-la de volta para a minha vida. E trouxe mesmo.

— Mas só porque Sami me implorou. Senão, eu não teria vindo. O que teria acontecido então?

— Eu teria achado um jeito, Desi. Algo me incitava, e não me deixaria em paz até eu vê-la novamente. Mas, mesmo assim, seremos eternamente gratos a Sami. E fico feliz

por saber que não estava enganado. Conheço mesmo você, meu coração.

Ela disse pensativamente:

— Mas isso pode ser um problema, nunca poder mentir para você.

— Imagina que vai querer mentir para mim, *Deezee*? Quando? Por quê?

— Bem, por exemplo... quando eu estiver organizando uma festa-surpresa para os seus 80 anos. Vai ser um anticlímax, não vai, você saber de tudo logo de saída?